

PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO
EM PSICOLOGIA 24,10,03

MARLY APARECIDA FERNANDES

**ENSINANDO PSICOPATOLOGIA: A ESCRITA COMO ESPAÇO
DE AUTORIA E APROPRIAÇÃO CRIATIVA DO
OBJETO PSICOPATOLÓGICO**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
CAMPINAS-SP – 2003**

PGP
3699

MARLY APARECIDA FERNANDES

UP00049798-2

198660

**ENSINANDO PSICOPATOLOGIA: A ESCRITA COMO ESPAÇO
DE AUTORIA E APROPRIAÇÃO CRIATIVA DO
OBJETO PSICOPATOLÓGICO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências da Vida, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutor em Psicologia.

Orientador: **Prof. Dr. Antonios I. Terzis.**

PUC CAMPINAS
Sistema de Bibliotecas
e Informação - SBI
P. G. PSICOLOGIA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS

CAMPINAS-SP - 2003

T 157
F 363e

t157 Fernandes, Marly Aparecida
F363e Ensinando psicopatologia : a escrita como espaço de autoria e apropriação criativa do objeto psicopatológico / Marly Aparecida Fernandes.
Campinas : PUC-Campinas, 2003.
p. 181

Orientador: Antonios I. Térzis.
Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Centro de Ciências da Vida – Faculdade de Psicologia.
Inclui anexos e bibliografia.

1. Psicopatologia. 2. Psicólogos. 3. Psicologia – Estudo e Ensino.
4. Método de Ensino. I. Térzis, Antonios I. II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Centro de Ciências da Vida. Faculdade de Psicologia. III. Título.

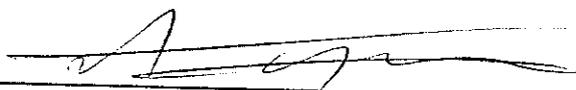
18.ed.CDD – t157

Ficha Catalográfica elaborada pela PUC-Campinas-SBI-Processos Técnicos

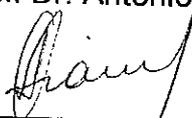
MARLY APARECIDA FERNANDES

ENSINANDO PSICOPATOLOGIA: A ESCRITA COMO ESPAÇO DE AUTORIA E
APROPRIAÇÃO CRIATIVA DO OBJETO PSICOPATOLÓGICO

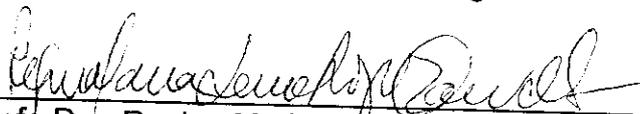
BANCA EXAMINADORA



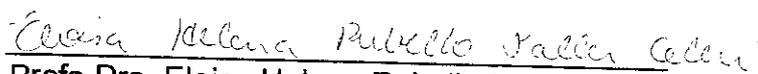
Presidente Prof. Dr. Antônio Tércis



Prof. Dr. Geraldo Antonio Fiamenghi Júnior



Profa. Dra. Regina Maria Leme Lopes Carvalho



Profa. Dra. Eloisa Helena Rubello Baller Celeri



Profa. Dra. Olga Aparecida Angeli

*À Kelly, Kevin e Flavinha,
crianças que enchem o meu coração e
minha alma de alegria e ensinam-me a viver
com esperança. Amo vocês.*

AGRADECIMENTOS

*São tão simples, que cativam
São tão generosos, que doam
São tão dignos, que amam*

Aos meus queridos alunos, grandes parceiros na minha história de ensinar, aprendendo sempre.

Ao orientador Prof. Dr. Antonios Terzis, pela paciência, generosidade e respeito ao meu processo de crescimento, assim como pela confiança, firmeza e presença, que me ensinaram a não desistir.

À Profa. Dra. Maria Emília Lino da Silva, pelo reconhecimento do meu desejo e pela escuta atenta, que me ensinou a pensar que a pesquisa era legítima.

Ao Prof. Dr. Geraldo Fiamenghi e Profa. Dra. Bruneide M. Padilha, pelos importantes ensinamentos sobre pesquisa no exame de qualificação.

Ao Prof. Dr. Mauro Amatuzzi, que muito me ensinou ao me receber de braços abertos e ao me deixar tranqüila para seguir o meu caminho.

Ao Prof. Dr. Walter Trinca, pelos ensinamentos e participação especial e decisiva na época do Mestrado, início desta trajetória profissional.

À Profa. Dra. Tânia M. J. Vaisberg, que, ao compartilhar sua experiência de ensino de Psicopatologia através de publicações científicas, ensinou-me a teoria winnicottiana como uma possibilidade de apreensão e compreensão das tantas experiências que vivo ao ensinar psicopatologia.

À Administração Superior da Pontifícia Universidade Católica de Campinas que ofereceu condições objetivas sem as quais este projeto não seria possível.

À Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, que me reconhece como docente para ensinar Psicopatologia, lugar que me tem proporcionado experiências e descobertas que me ensinam a crescer como docente, pesquisadora, psicóloga mas, fundamentalmente como pessoa.

Aos Colegas da Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, que compartilham comigo esta tarefa de ensinar e formar profissionais de psicologia, docentes caracterizados por tantas diferenças políticas, pessoais e afetivas, mas que se destacam aos meus olhos pelo profissionalismo e, sobretudo, pela grande paixão pelo que fazem.

À querida Elizabeth Marinelli Pacheco, grande companheira num momento de aflição que, com delicadeza, ensinou-me a importância de sempre dizer uma palavra animadora.

À querida amiga Gláucia Teles Sales, pelos longos telefonemas conversando e ensinando-me sobre metodologia e por compartilhar as diversas incertezas ao longo deste processo.

*À querida amiga **Sonia El Haouli** que me ensinou a importância de estar presente num momento especial.*

*À querida amiga **Bruneide Menegazzo Padilha**, pelos ensinamentos e sensibilidade, e pela irmã que escolhemos ser uma da outra, compartilhando afetos que fazem a vida ter sentido e seguir em frente.*

*Aos queridos **Roberto e Antonia, Mauro e Valéria, Richardi e Vânia**, pessoas escolhidas por Deus para me acolherem nesta vida, dando-me a certeza de poder contar sempre com um porto seguro e ensinando-me a ser gente.*

Ao amor, que fez parte deste momento de criação, ensinando-me a ser mais humana.

A cada um de vocês, que muito me ensinaram, a minha gratidão.

*São tão presentes, que participam
São tão sábios, que ensinam
São tão amigos, que se eternizam!*

SUMÁRIO

	Páginas
Dedicatória.....	ii
Agradecimentos.....	iii
Índice de anexos.....	viii
Índice de tabelas.....	ix
Resumo.....	x
Abstract.....	xi
Résumé.....	xii
 Introdução	 1
 Capítulo I – A psicopatologia e seus dilemas	 18
- Da psicopatologia geral à fundamental.....	18
- Caminhos e descaminhos.....	27
- O objeto psicopatológico e a pós-modernidade.....	31
 Capítulo II – O ensino de psicopatologia e seus desafios	 41
- A apropriação do conhecimento.....	41
- A teoria na prática é outra.....	47
- A ética e a estética.....	52
- Algumas pesquisas sobre o ensino de psicopatologia.....	55
 Capítulo III – A psicopatologia para psicólogos: eis a questão	 62
- A disciplina e seus participantes: o grupo.....	62
- Os objetivos da disciplina.....	66
- A escolha da posição.....	69
- O desenvolvimento da disciplina.....	75
- Um método de ensino: a escrita.....	83
 Capítulo IV – Método	 87
- Do ensino à pesquisa: o encontro dos caminhos.....	88
- A pesquisa: o caminho encontrado.....	94
 Capítulo V – Resultados e discussão	 103
- Análise descritiva do conjunto de textos.....	103
. Análise do conjunto de 1999: o desejo de conhecer.....	105
. Análise do conjunto de 2000: a expectativa.....	109
. Análise do conjunto de 2002: a possibilidade.....	113
- Análise de conteúdo dos textos selecionados.....	115
. Representações sócio-culturais do objeto psicopatológico.....	116
. Representações psíquicas do objeto psicopatológico.....	125
. Representações psíquicas da experiência emocional.....	135
. Relação teoria e prática.....	141
. Natureza dos textos.....	147
- Análise da escrita como método de ensino.....	152

. Como espaço transicional	153
. Como espaço de autoria e apropriação criativa	155
- Análise do espaço revista	157
- Auto-análise da docente-pesquisadora	159
Capítulo VI – Conclusões	163
Referências	170
Anexos	180

ÍNDICE DE ANEXOS

	Páginas
Anexo I - Termo de consentimento	181

ÍNDICE DE TABELAS

	Páginas
Tabela 1 - Síntese de artigos e pesquisas sobre o ensino de psicopatologia.....	60
Tabela 2 - Síntese de outros trabalhos e pesquisas relacionadas ao ensino.....	61
Tabela 3 - Textos produzidos em 1999.....	104
Tabela 4 - Textos produzidos em 2000.....	108
Tabela 5 - Textos produzidos em 2002.....	111

Fernandes, M.A.(2003). Ensinando psicopatologia: a escrita como espaço de autoria e apropriação criativa do objeto psicopatológico. Tese de Doutorado em Psicologia, Centro de Ciências da Vida. Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 181 pp + xii p.

RESUMO

Com graduandos do Curso de Formação de Psicólogos que cursaram a disciplina psicopatologia, dois foram os objetivos deste estudo: identificar e discutir as suas representações psíquicas e sócio-culturais do objeto psicopatológico vinculadas à capacidade de pensar; investigar a apreensão do objeto psicopatológico na construção do conhecimento em psicopatologia. Como docente de psicopatologia, a análise de textos escritos pelos alunos proporcionou o acesso a essa experiência. Este estudo, portanto, caracterizou-se como uma pesquisa qualitativa documental, com pesquisador participante. Os dados foram obtidos através desses textos que versaram sobre um tema de psicopatologia, baseado em uma experiência direta ou indireta. A partir de um enquadre científico para elaboração de artigo, o aluno desenvolveu o relato num processo de livre escolha do tema, subtema, experiência, abordagem e referências. Foram analisadas as produções de três classes diferentes de alunos que cursaram a disciplina nos anos de 1999, 2000 e 2002. A análise descritiva do conjunto de textos e a análise de conteúdo de sete deles, selecionados aleatoriamente, foram realizadas tendo como base conceitual os constructos psicanalíticos. Os resultados apontaram que as representações psíquicas e sócio-culturais do aluno, diante do objeto psicopatológico, influenciaram a sua capacidade de pensar desencadeando uma experiência emocional intensa em que a escrita, considerada como espaço transicional, e como espaço de autoria e apropriação criativa, favoreceu o processo de ensino aprendizagem e revelou que a apreensão do objeto psicopatológico ocorreu em dois níveis: um mais superficial, caracterizado por uma forma defensiva ou dissociada, que privilegiou ora a esfera cognitiva ora a emocional, e outro mais profundo, caracterizado por uma forma integrada de construção do conhecimento. Consideramos como apropriação criativa esse segundo nível de apreensão, que colocou o aluno como autor dessa busca de sentidos.

Palavras-chave: ensino, psicopatologia, método de ensino, objeto psicopatológico

Fernandes, M.A. (2003). Psychopathology teaching: Writing as an author's space and creative appropriation of the psychopathologic object. Doctoral Thesis on Psychology, Sciences Life Center. Campinas:"Pontificia Universidade Católica de Campinas", 181 pp + xii p.

ABSTRACT

Both aims of this study were achieved with the help of graduation students on Psychology Graduation Course, who had attended to psychopathology classes, which were: to identify and to discuss their social culture and psychic representations of the psychopathologic object related to thinking capacity; to investigate the perception of psychopathologic object in the construction of the knowledge on psychopathology. As a psychopathology teacher, the analysis of the texts written by the students had provided the access to this experiment. This study, however, had characterized as a documented qualitative research with the help of a participant researcher. The data were obtained through these texts which described about a theme on psychopathology, based on both, a direct and indirect experience. From a scientific frame for the preparation of the paper, the student developed the report in a free choice process of the theme, subtheme, experience, approach and references. It was analysed the reports of three different groups of students who were attending the classes on psychopathology subject during the previous years of 1999, 2000 and 2002. The descriptive analysis of the texts set and the content analysis of seven (7) of them, selected at random, which were performed having as a conceptual basement the psychoanalytic constructs. The results had shown that the psychic and social culture representations of the student, before the psychopathology object, had influenced her thinking capacity triggering a strong emotional experience, where the writing considered as a transitional space and as an author's space and a creative appropriation had facilitated the learning – teaching process and it had revealed that the perception of the psychopathologic object had occurred in two levels: one quite superficial, characterized by a defensive and not associated shape, which had given advantage once to a cognitive sphere and afterwards an emotional sphere and another quite deeper, characterized by an integrated way of the construction of the knowledge. It was considered as a creative appropriation, then, this second level of perception which had posed the student as an author of these sense searching.

Key-words: teaching; psychopathology; teaching method; psychopathologic object.

Fernandes, M.A. (2003). Enseignant la psychopathologie: l'écrit comme espace de l'auteur et appropriation créative de l'objet psychopathologique. Thèse (doctorat) présentée au programme de Post-Universitaire en Psychologie de la "Pontificia Universidade Católica de Campinas", 181 pp + xii p.

RÉSUMÉE

Il y a eu deux objectifs pour cette étude faite parmi des étudiants du Cours de Formation de Psychologues, qui ont suivi la discipline de psychopathologie: identifier et discuter leurs représentations psychiques et socioculturelles de l'objet psychopathologique liées à la capacité de penser, de faire la recherche de l'appréhension de l'objet psychopathologique dans la construction de la connaissance en psychopathologie. Comme professeur de psychopathologie dans le cours de psychologie, l'analyse de textes écrits par les étudiants a permis l'accès à cette expérience. Cette étude, donc, a été caractérisée comme une recherche qualitative documentée, en ayant aussi le chercheur comme participant. Les données ont été obtenues par le moyen de ces textes qui traitaient du thème de psychopathologie, ayant pour base une expérience directe ou indirecte. À partir d'un cadre scientifique pour l'élaboration d'un article, l'étudiant a développé le rapport dans un procès de choix libre du thème et du sub-thème, de l'expérience, de l'abordage et des références. Les productions de trois classes différentes d'étudiants qui ont suivi la discipline dans les années 1999, 2000 et 2002 ont été analysées. L'analyse descriptive d'un ensemble de textes et l'analyse du contenu de sept de ces textes, sélectionnés aléatoirement, ont été réalisées ayant comme base conceptuelle l'ensemble de systèmes d'interprétation élaborés par la psychanalyse. Les résultats ont montré que les représentations psychiques et socioculturelles de l'étudiant, face à l'objet psychopathologique, ont influencé sa capacité de penser, en déclenchant une expérience émotionnelle intense où l'écrit, considéré comme un espace de transition et comme un espace de l'auteur et d'appropriation créative, a bénéficié du processus d'enseignement/apprentissage et a révélé que l'appréhension de l'objet psychopathologique a été réalisé dans deux niveaux: l'un, plus superficiel, caractérisé par une forme défensive ou dissociée, qui a privilégié ou bien le sphère cognitive ou bien le sphère émotionnelle, et l'autre, plus profond, caractérisé par une forme intégrée de construction de la connaissance, qui a relié l'expérience émotionnelle et les ressources cognitives dans l'approximation, l'appréhension et la communication de l'objet psychopathologique. Nous avons considéré comme appropriation créative ce second niveau d'appréhension, qui a mis l'étudiant comme auteur de cette recherche de sens.

Mots-clés: enseignement, psychopathologie, méthode d'enseignement, objet psychopathologique

INTRODUÇÃO

“Todo conhecimento começa pelo sonho. O conhecimento nada mais é que a aventura pelo mar desconhecido, em busca da terra sonhada. Mas sonhar é coisa que não se ensina. Ele brota das profundezas do corpo, como a água brota das profundezas da terra. Como Mestre só posso então lhe dizer uma coisa:”conte-me os seus sonhos, para que sonhemos juntos!” (Rubem Alves, 1994).

Ensinar foi uma das descobertas profissionais que nos têm dado muitas alegrias, uma vez que podemos vivenciar o papel de educadora e ao mesmo tempo o de eterno aprendiz.

Ensinar Psicopatologia tem sido uma experiência gratificante, inquietante e um desafio pois, ao longo dos dezessete anos de docência, essa tem sido uma das experiências que nos têm envolvido por questionamentos, reflexões, embates teóricos, metodológicos e afetivos, mobilizando-nos a

empreender uma pesquisa científica para investigar e compreender algumas das tantas dificuldades e possibilidades vivenciadas nessa “missão”.

Ao fazermos um resgate histórico, metodológico e epistemológico da constituição da psicopatologia como disciplina, ficam evidentes os desequilíbrios nas compreensões diagnósticas e estruturas conceituais criadas por dramáticas oscilações paradigmáticas, reafirmando, assim, a necessidade de reflexões, debates e trazendo, portanto, muitas inquietações quando se pensa em ensino. Para ensinar é necessário, antes de tudo, saber o que vai ser ensinado, e que caminho será seguido para a construção do conhecimento.

Atualmente, existe um movimento que se propõe a olhar a psicopatologia em sua especificidade e a debater a sua essência epistemológica, sua posição e possíveis contribuições frente a vários postulados teóricos que foram surgindo, a interface com outras disciplinas e as demandas contemporâneas na área da saúde mental, ficando claros os dilemas e controvérsias nessa área.

Tais questionamentos refletem-se concretamente na constituição do Laboratório de Psicopatologia Fundamental do Núcleo de Psicanálise do Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP,1995), do Laboratório de Psicopatologia Fundamental do Departamento de Psiquiatria da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP,1997) e da Rede Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental, que

começou a funcionar a partir de 1997. Como fruto desses grupos de pesquisa, em março de 1998 foi publicado o primeiro número da “Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental”.

Ter conhecimento desse grupo de pesquisadores e entrar em contato com as questões da Psicopatologia pesquisadas e debatidas nos trazem um grande alívio na medida em que vemos nomeadas muitas de nossas inquietações quando, frente à tarefa de ensinar psicopatologia para psicólogos, entendemos a sua especificidade e vemo-nos diante do impasse de fazer escolhas e, ao mesmo tempo, com a responsabilidade de não alienar o nosso aluno do debate interdisciplinar e do olhar atual sobre a doença mental e do momento sócio-histórico em que vivemos.

Pensamos, então, que é necessário ampliar nossa visão do ensino da psicopatologia para psicólogos e situá-la num continuum que se estabelece desde suas raízes históricas, que lhe dá identidade de disciplina autônoma, para recolocá-la com propriedade a ocupar sua posição hoje como disciplina dentro do curso de formação do profissional de psicologia que tem um compromisso, a nosso ver com a saúde mental, em qualquer campo de atuação, seja em nível preventivo ou terapêutico.

O ensino de Psicopatologia é, portanto, um desafio que, na especificidade de ser dirigido à formação do psicólogo, coloca-nos frente a uma multiplicidade de aspectos: as encruzilhadas epistemológicas, os

diferentes modelos, o contato com a prática e a experiência emocional do aluno com suas fantasias e temores sobre a loucura.

É uma disciplina fundamental na preparação do psicólogo porque perpassa a estrutura de um diagnóstico, ou seja, está relacionada ao modo como esse profissional olhará o seu paciente.

Esse modo ainda não está plenamente estabelecido: reflete a situação atual da própria psicologia como disciplina, dividida entre a obrigação de ser ciência, portanto voltada para a objetividade, e a vocação para ser um mergulho na subjetividade não só do paciente mas também do profissional, o que gera toda sorte de ambigüidades e descaminhos.

Tradicionalmente, essa disciplina foi ministrada no curso de Psicologia por profissionais da área médica, portanto o modelo médico e positivista para o estudo da doença mental era o que prevalecia sobre o psicológico, não contemplando, plenamente, as necessidades e especificidades do profissional de psicologia.

No curso de Psicologia da PUC-Campinas, essa tarefa coube, inicialmente, a profissionais da área médica, sendo dividida, posteriormente, entre docentes da área médica e da área psicológica e estando, atualmente, sob a responsabilidade de docentes com formação essencialmente psicológica, mas com diferentes abordagens teóricas.

Consideramos que, enquanto psicólogos, ocupar esse lugar de docente de psicopatologia para psicólogos é uma conquista, mas gera inquietações

pois, ao mesmo tempo que entendemos a sua especificidade, vemo-nos diante do impasse de fazer escolhas e diante de muitas questões, tais como: qual o modelo psicológico para desenvolver a psicopatologia?

Inicialmente, pela própria história, identificamos que o modelo médico foi a referência para se considerar a psicopatologia do ponto de vista científico, mas pensamos que manter a submissão a esse modelo significa colocar em xeque a nossa identidade profissional, que se delimita pela compreensão da existência de um objeto de estudo e métodos específicos de pesquisa e intervenção.

Na prática médica, a abordagem do fenômeno psicopatológico como doença tem sido grandemente reforçada pelos estudos de genética, pelo conhecimento dos neurotransmissores e pelas recentes e bem sucedidas descobertas de drogas que atuam, de forma eficiente, na eliminação ou no abrandamento de muitos dos sintomas das chamadas doenças mentais.

“Esse inegável ganho prático obscurece e até mesmo exclui da discussão especializada o objetivo inaugural da investigação psicopatológica, cuja ambição é a de alcançar o esclarecimento sobre a origem, natureza e diferenciações entre as muitas expressões dessas doenças. O tratamento a ser dado ao sofrimento psíquico fica então reduzido aos limites da busca de alívio imediato, ou ainda pior, condenado à conclusão de que isso não é nada: nada que possa ser explicado por uma causa orgânica” (Schwartzman:1997, p.33)

Distancia-se, assim, a psicopatologia de sua essência, revelada em sua raiz etimológica e em sua tradição grega, que vê na paixão (*pathos*) um

sofrimento que comporta a possibilidade de se transformar em sabedoria (*pathei mathos*). O *Pathos* grego, em sua dupla dimensão de paixão e de sofrimento, sofre um deslizamento semântico quando apropriado pela tradição médica, sendo igualado ao *nosos*-doença, que surge por uma alteração na materialidade do corpo.

Com essas reflexões, voltamos a pensar na essência do olhar psicológico e concordamos com Garcia (2000) quando refere que, imperativamente, temos que contar com uma subjetivação sempre possível, diante da qual a loucura é uma impossibilidade contingente. Não se pode considerar, *a priori*, alguém inapto à subjetivação; ao contrário, deve-se apostar que há ali um sujeito e sustentar a possibilidade de que algo aconteça para fazer surgir esse sujeito.

A antítese de uma prática ética e psicológica, ao nosso ver, seria a concepção do louco para sempre, do incurável, a ser mantido sob a proteção de um sistema de classificação apenas descritivo, que desconsiderasse o particular e a história de cada um.

Consideramos, no entanto, que o risco de adotar um modelo estritamente psicológico e não médico para a psicopatologia poderia levar o psicólogo a se ver impossibilitado de participar de um debate interdisciplinar, ou seja, ocuparia narcisicamente um lugar onde o outro, o diferente, não existe.

Pensamos, então, sempre como um guia, numa psicopatologia para psicólogo que seja capaz de articular, no seu raciocínio clínico, os três aspectos : o biológico, o psicológico e o social, ou seja, uma visão integralista que alia os avanços das neurociências à dinâmica psicológica do sujeito e sua inserção sócio-histórica.

Mas ainda assim, quando pensamos em adotar o modelo psicológico para a psicopatologia, surge um outro problema: a diversidade de abordagens dentro da Psicologia. Podemos reduzi-las a pelo menos três – a comportamental, a psicodinâmica e a humanista. Como adotar uma delas sem desrespeitar a escolha do aluno? Como ser neutro sem perder a base da qual se fala?

Nesse sentido, diante das inquietações decorrentes dessa demanda, temos buscado refletir sobre a psicopatologia, resgatar sua história, suas raízes e posições, para que, diante das divergências, não percamos a essência.

A Psicanálise, como escuta não diretiva mas interpretativa, e a posição da Psicopatologia Fundamental têm-nos oferecido um espaço para pensar nessas questões e dilemas que vivemos quando abraçamos a tarefa de ensinar psicopatologia no curso de formação de psicólogos.

Paralelamente a essas reflexões, temos pensado em estratégias de ensino que possibilitem não apenas a catalogação sindrômica das doenças, mas um estudo pautado pela compreensão necessária do sofrimento psíquico, o qual ofereça conhecimentos e que ajude o aluno a se posicionar,

envolvendo-o numa participação ativa e significativa para sua futura atuação profissional enquanto psicólogo .

Consideramos que há dois elementos fundamentais na tarefa de ensinar psicopatologia e que não podem ser perdidos: o reconhecimento da experiência emocional suscitada no processo de ensino-aprendizagem e a integração teoria e prática para que o aluno possa ser capaz de ir construindo um conhecimento significativo, criativo e crítico com as teorias e modelos estudados sem perder o seu lugar e o seu olhar de psicólogo.

Propiciar um espaço de prática e de contato com a realidade do sofrimento mental dentro da disciplina psicopatologia parece-nos imprescindível para um aprendizado mais genuíno, visto que visamos à formação profissional e não apenas à transmissão de conhecimento teórico, porém a experiência tem-nos mostrado que a tarefa é delicada e complexa, posto que não se passa ileso à aproximação do sofrimento que nos iguala enquanto seres humanos.

Ao desenvolvermos essa disciplina, o contato com a prática vai sendo proporcionado gradativamente ao longo da terceira e da quarta série através de diversas estratégias para favorecer a reflexão e a aproximação com a realidade psíquica através de filmes, produções literárias, visitas a serviços de saúde mental e reflexões sobre acontecimentos reais e de nossa contemporaneidade.

As oportunidades de prática em instituições que oferecem tratamento a pacientes com psicopatologias diversas, caracterizam-se apenas pela observação e contato com pacientes, não havendo uma intervenção direta do aluno, mas, ainda assim, entendemos que, no cenário desse encontro, não há somente o “personagem paciente” ou a sua psicopatologia, tampouco o que acontece é um monólogo, mas existe toda uma trama que se desenrola. Há o aluno, que, no contato com as dores humanas coloca-se como coadjuvante, como espectador participante, como objeto e sujeito e que, nesse olhar também, pode-se ver confrontado com seus temores, suas emoções, seus desejos, com seu mundo interno e sua história pessoal.

Dentre as tantas experiências práticas que viemos acompanhando ao longo de vários anos de ensino de psicopatologia, o contato direto com o paciente internado em uma instituição psiquiátrica, prática tradicional no ensino de Psicopatologia, é, sem dúvida, uma vivência rica e extremamente mobilizadora dos mais diversos sentimentos, reações e postura do aluno, seja na própria instituição, no contato com o paciente, no confronto consigo mesmo, refletindo-se também no seu envolvimento com a própria disciplina.

Em 1999, por questões de ordem curricular, a partir de um debate estabelecido no extinto departamento de psicologia clínica, considerando que a natureza da disciplina psicopatologia do adulto e envelhecimento, na quarta série, era apenas teórica, ficou estabelecida a impossibilidade de

continuarmos oferecendo a prática, ainda que optativa, no hospital psiquiátrico.

O contato direto com o paciente e a instituição psiquiátrica ficava, então, impossibilitado de ser oferecido. Vivemos, assim, um grande dilema mas, entendendo que a aproximação com a prática era necessária e fundamental para o ensino de psicopatologia, buscamos pensar em alternativas que pudessem favorecer um aprendizado significativo para o aluno enquanto futuro profissional de psicologia.

Como uma saída, de modo intuitivo, no início, encontramos um caminho que, aos poucos, foi-se mostrando significativo aos nossos olhos como uma possibilidade de enfrentar as adversidades, sem perder de vista a busca constante de um “ensino com emoção”, grávido de significados para os envolvidos.

Além de sempre investir em estratégias intermediárias de aproximação com a prática, em 1999, solicitamos aos alunos que escrevessem trabalhos sobre um tema de psicopatologia, de livre escolha, baseados em uma experiência direta ou indireta para serem apresentados ao final do ano.

No decurso dessa solicitação, com a impossibilidade do contato direto com a prática no Hospital Psiquiátrico, pensamos que esse trabalho não deveria ser apenas pedagógico, limitado à dupla professor- aluno. Decidimos, então, solicitar que fosse apresentado em forma de artigo, sugerindo as

normas da Revista Estudos de Psicologia, uma publicação do Instituto de Psicologia da PUC-Campinas.

No primeiro ano da experiência, o que inicialmente era apenas mais um trabalho entre tantos, começou a se revelar como uma possibilidade de ensinar / aprender em parceria, dando um sentido diferente aos temas estudados visto serem conectados a algum tipo de experiência num processo de livre escolha do aluno.

À medida que fomos entrando em contato com a produção dos alunos, começamos a nos surpreender com algo diferente: o aluno mais presente, uma comunicação mais efetiva, criatividade, dificuldades mais explícitas, utilização de conhecimentos, capacidades, enfim um envolvimento especial que nos apresentava comunicações de vários níveis e sentidos a serem buscados e compreendidos.

Foi, então, que nasceu a idéia de reunirmos a produção desse grupo de alunos de 1999 num único exemplar batizado de “Ensaio de Psicopatologia”, considerado como uma revista informal de circulação interna da disciplina.

Em 2000, apresentamos aos alunos, novamente, a mesma proposta de elaboração de artigo a partir de um tema e uma experiência de livre escolha, utilizando a leitura dos artigos elaborados no ano anterior.

Apesar do entusiasmo da experiência passada, um tanto de receio sobressaltou-nos em relação à legitimidade dessa metodologia para nossos propósitos e muitas questões surgiram: seria repetido o “sucesso” anterior

com a expressão da criatividade dos alunos? O tempo seria suficiente, com uma classe tão grande e a disciplina apenas teórica, sem nenhum espaço curricular previsto para um acompanhamento mais personalizado do aluno?

Lembramos, nesse momento de Bion (1963, p.62) e de sua célebre frase: “sem memória e sem desejo” e fomos acompanhando, passo a passo, a construção de uma nova produção que não seria repetida, mas que seria a representação desse novo grupo e de nossa experiência com ele.

Ao final do ano, concluímos a nossa proposta e, mais uma vez, estava em nossas mãos o relato de um grupo de alunos e suas dores, amores, impossibilidades e realidades vividas na empreitada de estudar e compreender o sofrimento psíquico.

Atualmente, encontramos-nos com a produção de seis grupos de alunos de classes diferentes que desenvolveram a mesma proposta em 1999, 2000, 2001 e 2002. São seis grupos diferentes de alunos ao longo dos quatro anos pois, em 2001, 2002, ministramos a disciplina em duas classes.

A partir de inúmeras observações consideradas significativas, foi que pensamos em focalizar a apreensão do objeto psicopatológico nessa atividade de ensino-aprendizagem para refletirmos sobre esse processo e suas várias implicações: para o aluno, para a disciplina, para a docente, para a formação profissional do psicólogo.

Como sinalizadores desse contexto destacamos: a psicopatologia como uma disciplina científica, a docência como uma possibilidade profissional que

escolhemos e o aluno aprendiz de psicopatologia com o qual convivemos e que nos faz refletir sobre nossa responsabilidade nessa relação de aprendizagem e de desenvolvimento profissional mútuo.

Registrado isso, queremos dizer que o desejo foi buscar caminhos que considerassem a integração teoria e prática e a vivência emocional do aluno ao aprender sobre a desorganização e a destrutividade presentes na patologia, que pudessem ajudar a construir uma trilha firme o suficiente para reassegurar a força de vida e a capacidade de pensar nesse processo de ensino-aprendizagem.

Pensamos, também, no nosso papel como alguém que deseja ensinar psicopatologia com uma proposta que considere a importância fundamental da participação ativa do aluno nesse processo.

Assim, consideramos relevante analisar e pesquisar estratégias e métodos de ensino que considerem as especificidades dessa aprendizagem que demanda do aluno não só a utilização de recursos cognitivos, mas também a elaboração do impacto emocional causado pela aproximação do seu objeto de estudo, que é o sofrimento psíquico.

Com base em nossa experiência, e por sentir que nos encontrávamos com um material rico de sentidos, com essa pesquisa buscamos analisar histórias especiais que nos foram contadas através de textos escritos, para compreendermos melhor a nossa história de ensinar psicopatologia, na medida do possível através de uma experiência vivencial e não só cognitiva

do sofrimento psíquico, objetivando a construção do conhecimento em psicopatologia necessária à formação do psicólogo.

Os pressupostos dessa pesquisa foram que, no ensino-aprendizagem de psicopatologia, a solicitação para escrever um texto sobre um tema baseando-se em uma experiência de livre escolha fundamentava-se na importância de considerar o desejo, as possibilidades e o tempo interno do aluno, colocando-o na posição de autor do processo de apreensão do objeto psicopatológico.

Considerávamos que essa estratégia didática poderia aplacar o temor do aluno de aproximação das fantasias quanto à “própria loucura” e torná-lo mais confiante na sua capacidade de pensar, favorecendo, assim, a compreensão dos fenômenos psicopatológicos inerentes ao sofrimento mental, como uma possibilidade do humano.

A partir desses pressupostos, formulamos dois objetivos: identificar e discutir as representações psíquicas e sócio-culturais do aluno sobre o objeto psicopatológico vinculadas à capacidade de pensar; investigar a apreensão do objeto psicopatológico na construção do conhecimento em psicopatologia.

Com esses pressupostos, baseados em nossa experiência, e buscando atingir os objetivos descritos acima, realizamos a pesquisa, apresentada nesse trabalho em seis capítulos.

O Capítulo 1 apresenta a psicopatologia através de um resgate histórico, metodológico e epistemológico, revelando o dilema inicial de sua constituição enquanto disciplina que nasce entrelaçada com a psiquiatria, a

psicanálise e a psicologia. Para marcar sua posição enquanto disciplina independente, o estatuto e a natureza do objeto psicopatológico e sua expressão no contexto da pós-modernidade foram buscados.

O Capítulo 2 traz reflexões sobre o ensino de psicopatologia e seus desafios relativos às implicações práticas, éticas e estéticas. Apresenta estudos e pesquisas sobre o ensino, realizados nos últimos anos, que foram analisados e ofereceram idéias, questionamentos e propostas que enriqueceram o debate das questões levantadas nesse trabalho.

O Capítulo 3 apresenta a nossa experiência de ensino de psicopatologia, caracterizando os participantes desse processo, os objetivos da disciplina e a posição escolhida pela docente. O desenvolvimento da disciplina, também, foi apresentado pelo recorte da metodologia utilizada para aproximar o aluno da prática, com destaque para o método da escrita, o qual foi usado como instrumento nessa pesquisa.

O Capítulo 4 apresenta o método revelando a trajetória que seguimos, desdobrado em dois momentos: inicialmente, do ensino à pesquisa e depois, da pesquisa propriamente dita. No percurso da pesquisa, delimitamos o campo, os participantes, o instrumento, os procedimentos realizados para seleção e análise dos dados e os cuidados éticos.

O Capítulo 5 apresenta os resultados e discussões como elementos indissociáveis numa pesquisa qualitativa, através da análise descritiva do conjunto de textos produzidos em 1999, 2000 e 2002, da análise de conteúdo de sete textos selecionados aleatoriamente e, a partir destas, a análise da escrita como método de ensino. A análise do espaço revista e a auto-análise da docente-pesquisadora consideraram outros dados significativos que permearam a realização da pesquisa.

O Capítulo 6, apresenta as conclusões, considerando os pressupostos e objetivos estabelecidos para essa pesquisa. Nesse momento, a etapa que finalizou esse processo de investigação, que se revelou inesgotável de sentidos, abriu novas possibilidades para pesquisas futuras.

Nesse estudo, pelo caminho que trilhamos e que nos foi possível percorrer, os resultados apontaram que as representações psíquicas e socioculturais do objeto psicopatológico influenciaram a capacidade de pensar, desencadeando uma experiência emocional intensa, em que a escrita, considerada como um espaço transicional, assim como de autoria e apropriação criativa, favoreceu o processo de ensino-aprendizagem. Revelou que a apreensão do objeto psicopatológico ocorreu em dois níveis: um mais superficial, caracterizado pela forma defensiva ou dissociada, que privilegiou ora a esfera cognitiva ora a emocional e um mais profundo, caracterizado por uma forma integrada, que aliou a experiência emocional e os recursos

cognitivos na aproximação, apreensão e comunicação do objeto psicopatológico.

Consideramos apropriação criativa esse segundo nível de apreensão, que colocou o aluno como autor dessa busca de sentidos.

Escolhemos apresentar o título desse trabalho no gerúndio – ensinando psicopatologia – para destacar a nossa compreensão de que há um processo acontecendo em que não existe um início e fim pré-determinado. Há, com certeza, o tempo acadêmico, mas o processo ensino-aprendizagem de psicopatologia não se restringe aí, nesse espaço e tempo, é uma experiência dialética do antes, durante e depois e das múltiplas variáveis inerentes a cada um dos participantes.

A opção pelo relato na primeira pessoa do plural reflete a nossa compreensão de que uma tese é uma construção pessoal, sem dúvida, mas, como um trabalho humano, é alimentado e fortalecido através de diversas parcerias e olhares internalizados que reconheceram e, ao mesmo tempo, ressignificaram a originalidade do trabalho.

CAPÍTULO I

A PSICOPATOLOGIA E SEUS DILEMAS

“Psicopatológico é um conhecimento formado na experiência íntima da paixão” (Pierre Fedida,1998).

Da psicopatologia geral à fundamental

O termo psicopatologia, de origem grega, significa, literalmente, *patologia do espírito*. Antes de se constituir como uma disciplina específica e formalmente delimitada, já existia na tradição grega que via na paixão (*pathos*) um sofrimento com a possibilidade de transformar-se em sabedoria (*pathei mathos*).

Porém, ao longo de mais de um século de desenvolvimento, a expressão adquiriu outro sentido. Inicialmente, psicopatologia foi um termo

criado por Jeremy Bentham, filósofo inglês que, ao preparar uma lista das modificações humanas, reconheceu a necessidade da organização de uma “psychological pathology”. Ao longo do tempo, foram usadas outras expressões para designar esse novo campo de estudo: psicopatologia, psicopatologia geral, psicologia anormal, psicopatologia clínica, psicologia patológica, psicologia da anormalidade e psicologia do patológico (Paim,1993).

A última expressão, psicologia do patológico, segundo Paim (ibid), seria a mais adequada para qualificar o objetivo de estudo da nova ciência, mas o termo mais empregado e amplamente aceito é Psicopatologia. Questionamos se a escolha dessa expressão, psicologia do patológico, não pode adquirir uma conotação perigosa relativa a considerar o patológico como uma vida própria, independente da pessoa.

A começar pela própria terminologia e suas controvérsias, podemos dizer que a Psicopatologia percorreu um caminho extremamente difícil até se tornar uma ciência autônoma e consideramos que essa trajetória ainda não terminou.

Examinando sua constituição histórica, observamos que, como uma disciplina científica, foi-se constituindo entrelaçada e influenciada pela psiquiatria, pela psicanálise e pela psicologia. Nesse sentido, falar de Psicopatologia e de sua essência, remete-nos a reflexões centrais dessas áreas do conhecimento: o objeto de estudo, o método e as interfaces.

Desde o século XVIII, com a psiquiatria de Pinel, a medicina passou a responder pelo discurso autorizado sobre os fenômenos patológicos, rompendo a visão religiosa predominante desde a idade média.

No século XIX, a consciência crítica continuou insistindo em que o louco não passava de coisa médica e o conhecimento científico pretendeu dizer aquilo que a loucura é, ou seja, uma doença, reafirmando o estabelecimento da Psiquiatria e do lugar do médico como especialista no tratamento das doenças mentais.

Kraepelin, psiquiatra alemão, defendeu que a tarefa da psiquiatria era a de constituir uma nosologia (descrição das entidades mórbidas) e uma nosografia (sistema de classificação, experiência clínica e observação dos fatos), caracterizando, assim, a visão médica da patologia psíquica. Como refere Roudinesco (1998), Kraepelin foi herdeiro de uma clínica do olhar, fundada na prevalência do corpo, na ausência do doente.

Podemos dizer que o nascimento da Psicopatologia, no berço da ciência médica, marcou sua história com influências que até hoje observamos: a existência de uma abordagem biológica da Psicopatologia e dos investimentos em pesquisas que buscam uma etiologia orgânica para as doenças mentais.

Freud (1900), com a psicanálise, foi o responsável pelo estabelecimento de um novo corte epistemológico, inserido entre a abordagem médica e a abordagem psicanalítica do sofrimento humano. A psicanálise instaurou a dimensão da subjetividade no centro da psicopatologia, denunciou o

psicopatológico como um fato objetivo e a não isenção do observador em relação ao fato observado. Trouxe, também, contribuições para a constituição da nosologia psiquiátrica atual como, por exemplo, a descrição clínica da neurose de angústia, da neurose obsessivo-compulsiva e da histeria de conversão.

O enfoque psicanalítico dos fenômenos mentais também trouxe uma contribuição valiosa ao esmaecer a dicotomia nítida entre normal e patológico. Encontramos evidências dessa concepção em vários pontos da obra de Freud, como por exemplo, em *Introdução ao Narcisismo* (1914), *Psicose e neurose* (1924), ou no esboço de *Psicanálise* (1940) em que afirma:

Duas atitudes psíquicas formaram-se, em vez de uma só, uma delas, a normal, que leva em conta a realidade, e outra que, sob a influência dos instintos, desliga o ego da realidade. As duas coexistem lado a lado. O resultado depende da sua força relativa. Se a segunda é ou se torna a mais forte, a pré-condição necessária para uma psicose acha-se presente. Se a relação é invertida, há então uma cura aparente do distúrbio delirante (Freud, 1940, p.232).

Birman (1994) referiu-se à concepção de que a empiria psicanalítica consiste, exatamente, no estudo do funcionamento psíquico das neuroses e das psicoses, em sua expressão transferencial, ou seja, ainda que se depreenda, principalmente através da interpretação dos sonhos (Freud, 1900), que o interesse básico da psicanálise sempre foi o da elaboração de uma teoria do funcionamento mental humano, entende-se que a psicopatologia é, essencialmente, seu campo empírico de referência.

Portanto, a limpeza de uma separação entre a teoria psicopatológica e a metapsicologia psicanalítica não existe. Quem se dedica ao tratamento de pacientes, pesquisa o inconsciente e constrói a teoria. Os três pólos nutrem-se recíproca e continuamente. A interrupção desse fluxo resulta em teorização empobrecida, clínica estereotipada e pesquisa estéril (Schwartzman, 1997, p.36).

Esses fatos entrelaçam psicanálise e psicopatologia de tal forma que, no estudo de ambas, o encontro é inevitável.

Contudo, a constituição da Psicopatologia como disciplina científica, não médica, formalmente estruturada, surgiu no começo do século passado com a publicação da “Allgemeine Psychopathologie” de Jaspers, em 1913, a qual passou a ser a referência central a tudo que se desenvolveu nesse campo. Pela primeira vez, na história dessa especialidade, surgiu uma posição inteiramente original: a de que a Psicopatologia é uma ciência autônoma, inteiramente independente da Psiquiatria (Paim, 1993).

Assim, a Psicopatologia, então denominada de Psicopatologia Geral, considerou que seu objeto de estudo é a investigação dos fenômenos psíquicos patológicos e sustentou-se na fenomenologia de Husserl como um método de investigação em sua busca de descrever aquilo que o sujeito vivencia, mergulhada no particular da experiência íntima do sofrimento individual. Sua preocupação manteve-se ligada à produção de proposições de caráter geral sobre as formas específicas do padecer psíquico (Jaspers, 1979).

O campo de observação de tal ciência abrange diferentes aspectos sob os quais pode ser estudado o fato psiquiátrico: a estrutura da personalidade mórbida, as manifestações delirantes, a dinâmica familiar e social e, por último, como consequência natural, a prescrição terapêutica:

O método de abordagem dos fenômenos psíquicos patológicos consiste na compreensão. O compreender é um método essencialmente psicológico, converteu-se em uma hermenêutica orientada para a penetração nas estruturas objetivas enquanto expressão da vida psíquica. No estudo e observação de enfermos mentais, nos deparamos com uma cadeia causal de relações que não podem ser comprovadas, mas apenas compreendidas (Paim,1993, p.19).

Os psiquiatras, de um modo geral, não adotaram as contribuições da fenomenologia como fundamento filosófico da especialidade, principalmente quando as descobertas da biologia, física, química, anatomia e neurologia permitiram relacionar as doenças mentais à patologia orgânica do cérebro. Assim, os tratamentos biológicos marcaram a consolidação da psiquiatria no século XX: psicocirurgia (Egas Moniz, 1936); ECT (Ugo Cerletti, 1938) e avanços da psicofarmacologia com o uso da clorpromazina (1950), imipramina (1958) e do lítio (1959) (apud Kaplan & Sadock,1990).

No entanto, vimos, também, que o surgimento da psicologia e dos movimentos sociais e comunitários trouxeram marcantes contribuições para o campo da psicopatologia, inclusive pela participação de outros profissionais

na assistência psiquiátrica como, por exemplo, o psicólogo, o terapeuta ocupacional, o assistente social, o enfermeiro e outros.

O movimento denominado antipsiquiatria, desencadeado na década de 60, representou uma contestação relativa aos conceitos do que a sociedade compreendia por perturbação mental. O principal mérito desse movimento ideológico consistiu no fato de ele negar as instituições psiquiátricas e tudo que era considerado como doença mental.

O período que assistiu ao entrecruzamento das idéias de Cooper e Laing (ingleses) com as de Foucault, Deleuze, Guattari e Castel (franceses), às de Goffman (americano) e, finalmente, às de Basaglia (italiano) foi testemunho dessa riqueza que levou a alguns eventos relevantes no debate teórico da psiquiatria, tais como: algumas experiências de psiquiatria anti-institucional, a epidemiologia e suas hipóteses sobre a multifatorialidade das causas, prognósticos e tratamentos das doenças mentais (Saraceno, 2001, p.14).

O nome psiquiatria, como o próprio nome psiquiatra, passou a ser estigmatizante para aquele que recorria à sua ajuda e, talvez, esse tenha sido o motivo pelo qual o termo psiquiatria foi suprimido da linguagem médica nas publicações durante certo período. Alguns tratadistas, como Carmelo Monedero, deram aos seus compêndios a designação de Psicopatologia Geral, apresentando a psicopatologia propriamente dita, a clínica psiquiátrica e as terapêuticas indicadas. Do mesmo modo, Schneeberger publicou os seus elementos de Psicopatologia nos quais estudava a Psicopatologia Geral e a

Especial, fazendo uma exposição pormenorizada das entidades nosológicas (apud Paim, 1993).

Historicamente, as contribuições da psiquiatria, da psicanálise e da psicologia no campo da psicopatologia são inegáveis, mas essas interfaces também promoveram muitas confusões compartilhadas por outras disciplinas e refletidas nos Tratados e Compêndios de Psiquiatria e Psicopatologia. Os mal-entendidos incidiram não apenas sobre as interpretações dos fatos clínicos observados, mas também sobre a própria definição desses fatos e sobre a determinação das entidades clínicas.

Pierre Fedida e Daniel Widlocher (apud Berlinck, 1998) traduzem o momento atual da Psicopatologia como uma grande encruzilhada epistemológica na qual se entrecruzam disciplinas científicas heterogêneas, que têm em comum a preocupação com o sofrimento psíquico.

Nos Estados Unidos, durante os anos 70, a resposta dada ao problema da dificuldade da comunicação interdisciplinar foi bastante objetiva: na falta de uma nosografia comum, fabrique-se uma pragmaticamente, deixando-se de lado as querelas “teóricas”. Tal foi a posição assumida pela “Escola de Saint-Louis” e que influenciou, no plano internacional, toda a pesquisa psiquiátrica e psicopatológica ulterior (Pereira, 1996).

A partir de então, as propostas hegemônico-empírico-pragmáticas do DSM IV e da CID 10, com a pretensão de serem ateóricos, tentaram apagar as marcas da psicanálise na nosografia psiquiátrica visando, assim, obter um

acordo quanto à definição e à classificação dos principais transtornos mentais. Para isso, utilizaram a noção de *critérios de inclusão e exclusão*, operacionalmente definidos, com uma ideologia essencialmente classificatória.

Foi nesse momento, quando a Psicopatologia equiparou-se a um Sistema de Classificação de Sintomas, que começou a existir um movimento que se propôs a olhar a Psicopatologia, a resgatar sua essência epistemológica, os vários postulados teóricos e as interfaces com outras disciplinas, assumindo uma nova posição denominada Psicopatologia Fundamental.

Desde que a posição é tal que se dispõe sempre a escutar um sujeito que porta uma única voz que fale do pathos que é somático e que vem de longe e de fora, ela é sempre objeto da transferência, ou seja, de um discurso que narra o sofrimento, as paixões, a passividade que vem de longe e de fora e que possui um corpo onde brota, para um interlocutor que, por suposição, seja capaz de transformar, com o sujeito, essa narrativa numa experiência (Berlinck, 2000, p.23).

Como vimos, está posto o dilema inscrito no que se delimitou chamar de Psicopatologia, que se desdobra e se oferece como objeto de estudo e reflexão a tantos olhares quantos forem aqueles interessados na busca de compreensão da dor e do sofrimento psíquico, portanto humano.

Caminhos e descaminhos

As inúmeras definições de Psicopatologia mostram que não há consenso nesse campo. A existência de muitas e diferentes escolas revelam a multiplicidade de modelos e abordagens que a Psicopatologia tem incorporado nos últimos tempos, assim como, a grande disparidade teórica nas abordagens tem feito com que os autores utilizem expressões como *torre de babel* e *confusão de língua*, sendo tanto um ponto de crítica, como de considerações significativas no que diz respeito à apreciação que se faz da Psicopatologia e de sua essência e natureza.

Dalgalarrondo assumiu um posicionamento que legitima e considera relevante o conflito das idéias no campo da psicopatologia quando diz que:

A psicopatologia é, por natureza e destino histórico, um campo de conhecimento que requer o debate constante e aprofundado. Aqui o conflito de idéias não é uma debilidade, é uma necessidade. Não se avança em psicopatologia negando e anulando diferenças conceituais e teóricas; avança-se, sim, por meio do esforço de esclarecimento e aprofundamento de tais diferenças, em um debate aberto, desmistificante e honesto (Dalgalarrondo, 2000, p. 28).

Pensamos, no entanto, que o fato mais importante não é a crítica às diferenças, mas a necessidade de esclarecimento e compreensão do que é um modelo e qual é a posição que assumimos quando estabelecemos um debate no campo da Psicopatologia.

Pereira (1996), analisando as críticas aos sistemas operacionais de classificação, afirmou que a busca de um campo de entendimento, a partir do qual as diferentes orientações científicas possam se comunicar e obter resultados comparáveis, não pode esquecer que a própria possibilidade de progresso de uma disciplina científica depende de sua capacidade de constituir, teórica e formalmente, seu objeto e seu método próprios. O risco de enfraquecimento de cada ciência não pode ser descartado quando se propõe a disciplinas tão diferentes, que se encontram no terreno da psicopatologia, frente a um mesmo objeto operacionalmente definido, ou seja, um objeto comum apenas do ponto de vista descritivo.

Assim, cada disciplina deve poder formular e descrever seus objetos teóricos e formais de forma coerente com seus próprios fundamentos epistemológicos. A constituição de uma espécie de esperanto psicopatológico, unificando pragmaticamente os objetos de pesquisa, pode apenas enfraquecer o conjunto das ciências, sobretudo se o que se pretende é fundar o campo comum entre elas sobre os critérios exclusivamente empíricos, apesar das especificidades de seus objetos formais (Pereira, 1996, p. 51).

Essencialmente, um modelo é um estudo simplificado dos caracteres genéricos de uma realidade qualquer. Essa simplificação é sempre instrumental. Um modelo é uma ferramenta que o cientista utiliza para ordenar suas descobertas e poder formalizar a correspondência e a articulação existentes entre o real-empírico e o que se pensa sobre ele (Kusnetzoff, 1982).

Quando pensamos na Psicopatologia sob o olhar da Psicologia, num primeiro momento parece-nos óbvio que o nosso modelo é ou deveria ser o psicológico, porém, em seguida, nos deparamos com a realidade de que a própria psicologia tem diversos modelos e matrizes teóricas que se sobrepõem aos vários olhares sobre a psicopatologia e se refletem nos manuais e compêndios de Psicopatologia. Essa diversidade, se por um lado enriquece o objeto pesquisado pode, por outro, trazer muitas dúvidas e equívocos, principalmente para o aprendiz de psicopatologia.

Pesquisando os Manuais de Psicopatologia, identificamos diversas nomenclaturas, tais como: abordagens (Ionescu, 1997), posições (Berlinck, 1998), perspectivas teóricas (Holmes, 1997) e escolas (Dalgarrondo, 2000) para considerar as especificidades, a complexidade, os dilemas e as diferenças nesse estudo.

Ionescu (1997) publicou uma obra com o objetivo específico de apresentar as quatorze abordagens em Psicopatologia, classificadas em: psicanalítica, cognitivista, behaviorista, etológica, etnopsicopatológica, existencial, desenvolvimental, ateórica, biológica, ecossistêmica, experimental, fenomenológica, social e estruturalista.

Compreendemos que o termo *abordagem* foi usado em referência ao modo de se aproximar do objeto psicopatológico. Nesse sentido, ora o autor enfatizou a abordagem pela concepção teórica, ora pelo recorte desenvolvimental, cultural ou social, mas não esclareceu o seu critério de

classificação e nem apresentou uma discussão dos fundamentos das mesmas. Sua contribuição talvez seja a de ter apresentado e registrado a diversidade nesse campo.

Dalgarrondo (2000) apresentou as principais Escolas de Psicopatologia, dispostas em cinco pares antagônicos: descritiva versus dinâmica, médica versus existencial, comportamental-cognitivista versus psicanalítica, categorial versus dimensional, biológica versus sociocultural e pragmática versus fundamental.

Essa proposta de agrupamento em Escolas remete-nos a modelos e concepções de Psicopatologia, auxiliando, assim, uma compreensão das divergências existentes nesse campo.

Berlinck (2000) utilizou o termo *posição* ao contrapor duas formas de olhar e compreender o fenômeno psicopatológico, denominadas de Psicopatologia Geral e Psicopatologia Fundamental. Em seu artigo “O que é Psicopatologia Fundamental” desenvolveu esta concepção a partir do conceito de *posição* e seus desdobramentos em *pathos* e *logos*. Diz:

A Psicopatologia Fundamental trata-se, antes de tudo, de uma posição clínica que encontra suas origens no teatro grego do tempo de Péricles e na medicina de cidadãos praticada em Atenas, nessa mesma época. Tanto o espectador como o médico de cidadãos se inclinam, como na Psicopatologia Fundamental, diante de alguém que porta uma voz única a respeito de seu pathos, de sua tragicomédia mas, também, de seu sofrimento, de suas paixões, de sua passividade. É clínica, portanto, porque respeita o princípio da voz única que suscita experiência e terapia. Trata-se de uma posição porque reconhece a existência de outras posições na Polis dentre as quais se destacam a

do orthos e a do historiador. Essas posições nascem de posturas corporais e essas posturas- verdadeiras formas de existência dos corpos – engendram discursos – logos – que representam essas posições (Berlinck, 2000, p. 22).

Assim, a Psicopatologia Fundamental reconhece a existência de múltiplas posições e busca o reconhecimento de sua especificidade, considerando possíveis e desejáveis as trocas e o debate entre elas sem que, no entanto, cada qual perca sua referência. Para nós, a grande contribuição da Psicopatologia Fundamental está no fato de a considerarmos um movimento que recolocou em discussão a questão primeira: o que é Psicopatologia.

Enquanto psicólogos, essa multiplicidade de olhares nos impulsiona a questionar a essência epistemológica da Psicopatologia e a buscar a sua especificidade, a fim de assumirmos uma posição diante dos postulados teóricos que surgiram da interface com outras disciplinas e das demandas contemporâneas no campo da saúde mental.

O objeto psicopatológico e a pós-modernidade

Repensar a Psicopatologia no confronto de suas interfaces e de suas especificidades, a partir da intrincada trama de concepções, métodos e contribuições das disciplinas que se constituíram em torno do mesmo objeto – o sofrimento psíquico – requer, necessariamente, um ponto de referência, uma posição e um caminho que oriente, sustente e nomeie o que vai ser olhado.

Estamos em busca, então, da delimitação do objeto psicopatológico e o faremos através de suas representações psíquicas e socioculturais, considerando o conceito de representação psíquica em Freud (1915), que a define como o que do objeto se inscreve nos sistemas mnêmicos e que pode ser reativado graças à catexia de certo *quantum* de afeto e o conceito de sociocultural em Kães (1977), como um organizador dessa representação em que, fatores próprios de cada cultura resultam da transformação do núcleo inconsciente pelo trabalho grupal, funcionando como códigos registradores de diferentes ordens de realidade: física, psíquica, social, política, filosófica.

Enquanto uma representação sociocultural, podemos dizer que a loucura, classicamente focalizada como objeto de estudo da Psicopatologia, sempre fez parte das inquietações humanas e, ao longo das épocas, segundo Pessotti (1995), podemos identificar quatro grandes modelos que buscaram a sua compreensão: o modelo mítico religioso, o biológico, o psicológico e o social, que oscilam e ora prevalecem em determinados momentos históricos.

Esse resgate histórico sobre a concepção da loucura desde a antiguidade, foi muito bem descrito em trabalhos clássicos assim como em pesquisas atuais. Esses trabalhos deixaram evidente que as noções de contexto e conjuntura só podem ser bem apreendidas quando inscritas na trama de uma temporalidade histórica uma vez que, apenas assim, a especificidade do discurso psicopatológico atual pode ser bem evidenciada (Pereira, 1982;

Paim, 1993; Pessotti, 1995; Dalgalarrodo, 1999; Schilling, 1997; Cocciuffo, 2001).

Atualmente, vemos uma sobreposição de modelos e paradigmas, acrescentando-se aos já existentes o agora chamado empírico–pragmático , que coexistem paradoxalmente e talvez reflitam uma marca do nosso tempo. Eles podem ser vistos nas publicações recentes no campo da Psicopatologia e nas intervenções na área da Psiquiatria Clínica.

Como forças atuais, identificamos o paradigma médico, reassegurando as origens e a identidade da Psiquiatria como um ramo da medicina; a luta antimanicomial, buscando a reinserção social dos doentes mentais e o movimento da Psicopatologia Fundamental, que tenta recuperar as raízes e a essência dessa disciplina .

As questões da constituição das entidades nosológicas em Psicopatologia e do próprio estatuto do objeto psicopatológico encontram-se fortemente marcadas por discursos de natureza empírica e pragmática, oriundas das modernas concepções nosográficas da psiquiatria (Pereira, 1996).

O paradigma médico da Psiquiatria tem sido amplamente divulgado pelos meios de comunicação que insistem em publicar descobertas médicas, com promessas de alívio para qualquer tipo de sofrimento psíquico. As notícias afirmam que tais sofrimentos são, na verdade, doenças orgânicas

cujas causas acabam de ser descobertas, assim como o medicamento que as cura. (Schawartzman, 1997).

Fala-se, hoje, em Psiquiatria baseada em evidências, as quais têm sido bastante relativas e seus achados empíricos pouco relevantes. Diferentemente das outras especialidades médicas, a Psiquiatria não dispõe de marcadores biológicos para a identificação de casos e a evidência científica tem-se resumido a respostas positivas ou negativas à medicação.

Na Psiquiatria, a busca da cientificidade está, cada vez mais, excluindo a subjetivação e as relações interpessoais. O discurso da ciência desconsidera o sujeito e não se questiona sobre os efeitos do desejo, ignorando os efeitos provocados no profissional pelo objeto de seu estudo, em nome de tal neutralidade (Paoliello, 2001, p.87).

Os sistemas nosográficos psiquiátricos, inteiramente constituídos a partir de uma perspectiva que se pretende ateórica e não etiológica, têm desempenhado um papel decisivo na pesquisa e na teorização do campo psicopatológico desde a década de 80, apresentando um sistema que se resume na enumeração de transtornos.

Por mais que a ciência progrida, a Psiquiatria jamais se reduzirá à Medicina, a doença mental jamais se reduzirá à doença cerebral e o método anátomo-clínico jamais eliminará o modelo clínico. O problema não está no atraso da ciência, mas na natureza do objeto dos dois campos (Barreto, 1999, p. 9).

O deslizamento sutil de uma abordagem operacionalmente estruturada, fundada sobre dados empíricos aos quais se atribui uma importância particular a um discurso sobre o sofrimento (*pathos*) humano, não constitui nada além de um abuso ideológico mascarado de cientificidade (Pereira, 1996).

Concordamos com esses pensamentos de que os paradigmas organicista e/ou operacional oferecem uma visão reducionista e até equivocada da Psicopatologia, mas também entendemos que essas posições refletem nossa contemporaneidade, em que o pragmatismo, a distância, o virtual, o narcisismo, o acúmulo e a velocidade das informações não deixam espaço para reflexões sobre a essência do homem e de seu sofrimento.

Esse é um outro dilema quando se pensa em delimitar o objeto psicopatológico, referente às questões de nossa contemporaneidade, como a violência, a globalização e as crises sociais, que têm trazido sofrimento e atingido o ser humano, sua subjetividade e seus vínculos, e que ressignificam o objeto psicopatológico traduzido por sofrimento psíquico.

A pós-modernidade, compreendida como um conceito genérico capaz de dar conta das sociabilidades inéditas que estão se tecendo e que indicam uma ruptura com a modernidade, traz também, para a Psicopatologia, algumas reflexões a serem consideradas.

A concepção sócio-política enfatiza o resgate da cidadania do doente mental, através das responsabilidades público-sócio-políticas: direito, liberdade, voz e espaço garantidos. Utopia ou realidade? Contudo, ao mesmo

tempo em que lutamos pela reinserção dos doentes mentais na sociedade também nos vemos, muitas vezes, impotentes enquanto “normais” frente aos males atuais.

Os analistas da chamada pós-modernidade (Hall,1997; Harvey,1998; Lyotar,1989; Santos,1999), supermodernidade (Augé,1994) ou modernidade radicalizada (Giddens,1991), apontam para uma crise de identidade gerada por alguns fatores próprios da contemporaneidade, tais como, a globalização, o avanço tecnológico e as revoluções sociais. Apesar das diferentes terminologias, todos assinalam as características da efemeridade, da transitoriedade e da volatilidade como marcas do momento atual (Civilete, 2002, p. 39).

Hall (1997) considera que a concepção de sujeito é construída num contexto em que tudo é efêmero. O sujeito pós-moderno possui a flexibilidade necessária em um ambiente social e tecnológico essencialmente dinâmico e veloz. Na contemporaneidade, quanto mais estável e rígida é a identidade, mais passível de fragmentação. O sujeito pós-moderno não possui uma identidade única, fixa, essencial ou permanente. Ao contrário, possui “identidades editadas conforme a necessidade do contexto” (p.40). Essa concepção de identidade encontra nas salas de bate papo virtuais um ambiente propício onde o sujeito pode ser aquilo que desejar, inclusive ele próprio, desde que o contexto seja conveniente.

Diante de tais mudanças, como pensar nas patologias narcísicas, psicóticas ou boderline?

Segundo Rolnick (1997), o sujeito, agora um toxicômano de identidade, usa e abusa das personalidades glamurizadas pela mídia, consumidas como próteses de identidade de efeito efêmero, mas que produzem a ilusão de estar gravitando em alguma órbita segura.

Será que o paradigma do objeto psicopatológico atual mudou e o normal é ter um *false self* à disposição para se adaptar às exigências atuais?

Enfim, como podemos definir o objeto psicopatológico diante de uma contemporaneidade que tem criado e/ou recriado novas patologias como, por exemplo, os atentados terroristas (que renovam as discussões sobre psicopatia, fanatismo religioso e terrorismo), a Síndrome de Estocolmo (conjunto de reações e sintomas da pessoa seqüestrada), a Síndrome de Burnout, o Stress e a Síndrome do Pânico?

Com a visão de homem mundano Merleau Ponty rompe, definitivamente, com a dicotomia homem-mundo, sujeito-objeto, indivíduo –sociedade, isto é, ideologia-homem-psicopatologia-cultura se constituem mutuamente e, portanto, não faz sentido pensar esses fenômenos isoladamente (Moreira, 2000, p. 84).

Nesse sentido, pensamos que essas “patologias da moda” revelam, através de sua plasticidade, as dores humanas que não são novas, mas representações ressignificadas na época em que vivemos. Nela, a globalização, a violência, a concorrência, os desmandos e a corrupção colocam em xeque a essência do homem e fazem-no expressar, através de

sintomas diversos, as angústias decorrentes de sua temeridade, fragilidade, inseguranças e incertezas.

O objeto psicopatológico é, sem dúvida, o sofrimento psíquico, mas ainda assim, consideramos a necessidade de explicitarmos a natureza desse objeto e sua representação, pois o sofrimento é uma parte integrante da existência humana. A dor física indica sempre um desequilíbrio, mas, como não há nada de anormal no sofrimento, pois faz “normalmente” parte de nossa existência, ele não é, absolutamente, sinal de desequilíbrio.

Minkowski (2000) refere que, a partir do sofrimento humano, abre-se para nós o aspecto “pático” (e não patológico) da existência. A psicopatologia, na medida em que se refere à psicologia do *pathos* humano, retoma seus direitos, afirma sua autonomia, e terá que estudar certas reações páticas que ainda não têm nada de patológico em si, no sentido médico do termo.

Fenômenos psíquicos sistematicamente negligenciados pela psicopatologia médica tradicional, por não terem um caráter intrinsecamente patológico – como a nostalgia e a avareza – constituem, objeto de legítimo interesse para o psicopatólogo. Trata-se de fenômenos essenciais da existência e têm seu valor pelo potencial de sofrimento e de perda que comportam. A linha de demarcação então, entre o “patológico”, e não mais o normal, mas o “humano”, é difícil de ser traçada (Minkowski, 2002, p.154).

Nesse sentido, a psicanálise também trouxe uma contribuição valiosa, quanto ao esmaecimento dessa dicotomia entre normal e patológica, sendo que a principal conseqüência de suas descobertas foi afirmar a

inseparabilidade do racional e do emocional, da inteligência e das paixões, dos pensamentos e dos desejos, do visível e do invisível, do real e do imaginário, do sujeito e do mundo.

Instigados por essa busca sobre a natureza do objeto psicopatológico, o sofrimento psíquico, em que o contemporâneo, o novo, nos faz refletir sobre velhas questões, retomamos a posição da psicopatologia fundamental e relembramos que Berlinck, para conceituá-la, faz um retorno à Grécia antiga, visando resgatar a potência de *pathos* e diz que:

Pathos, no sentido clássico, quer dizer tudo o que se faz ou que acontece de novo, do ponto de vista daquele ao qual acontece. Nesse sentido, quando pathos acontece, algo da ordem do excesso, da desmesura se põe em marcha sem que o eu possa se assenhorar desse acontecimento, a não ser como paciente, como ator (Berlinck: 2000, p.18).

O termo grego *pathos* também significa paixão, sofrimento e passividade. A idéia de doença não está daí descartada, mas a ele se refere apenas por sua capacidade de acometer um indivíduo e conduzi-lo passivamente a uma certa forma de padecimento (Pereira, 2003).

Dessa forma, compreendemos que a essência do objeto psicopatológico é o *pathos*, que designa o que é pático, o que é vivido, aquilo que pode se tornar uma experiência. Significa, também, pela sua tradição grega “uma paixão que porta em si mesmo a possibilidade de um ensinamento interno que não ocorre a não ser pela presença de um outro, pois a razão é insuficiente

para proporcionar experiência” (Berlinck: 2000, p.21). Portanto, sem dúvida, a sua abrangência é muito maior do que aquela representação comumente usada no sentido médico do termo.

CAPÍTULO II

O ENSINO DE PSICOPATOLOGIA E SEUS DESAFIOS

“Mestre sem amor, sem impulsos construtivos, até mesmo com tonalidade agressiva é professor estéril, não fecunda a mente de seus alunos. Ensino sem emoção não é ensino” (Capisano, 1995).

A apropriação do conhecimento

O tema educação permeou toda a obra de Freud, sempre pontuada por inúmeras reflexões, ora marcadas pelo otimismo, quando diz: “estou pensando nas aplicações da psicanálise à educação e à criação da nova geração” (Freud, 1932, p. 179); ora pelo descrédito *quando afirma*: “educar, ao lado de governar e psicanalisar, é uma daquelas profissões impossíveis” (Freud, 1937, p. 282).

Constatamos, no entanto, que a Psicanálise, em sua evolução desde Freud até os nossos dias, oferece inúmeras contribuições que se tornaram elementos ricos para reflexões no campo da educação, tais como os trabalhos psicanalíticos de grupo, a compreensão sobre a capacidade de pensar e a participação da emoção no processo de aprendizagem.

Com relação à participação da emoção no processo de aprendizagem, Capisano (1995) refere que textos e pensamentos de Freud, Klein, Bion, Winnicott e Lacan parecem, às vezes, não dar luz a novos problemas, salvo se o nosso pensamento, acompanhado da leitura de nossa vida, permitir outra interpretação.

Na leitura de um texto que apresenta teorias, Eva, Barros, Rezze & Guimarães (1994) recomendam perguntar se a pessoa compreendeu o que leu, se há coerência ou não dentro de si com o texto, suas emoções, abstrações, dúvidas, idéias, experiências de vida para, sem qualquer expectativa, saber se entendeu, colocando o texto dentro de si com emoções.

O conhecimento, como prática de vida, é experiência que nos permite ter idéias, noções, informações, critérios de algumas coisas, sempre acompanhada de emoção. Não há realidade objetiva pronta em si, acabada para ser conhecida, sem emoção (Bion, 1959).

Essas contribuições são inegáveis principalmente quando pensamos no ensino de Psicopatologia. No entanto, podemos dizer que, nesse ensino, a experiência emocional é inerente ao desenvolvimento da disciplina, pois esta,

inevitavelmente, revela-nos, ao nos confrontar com uma experiência que não é só do outro, que não é exatamente nova e que causa uma apreensão de nos vermos, em muitos momentos, espelhados naquilo que delimitamos como objeto de estudo - um sofrimento psíquico humano.

Consideramos que aprender Psicopatologia passa, necessariamente, por uma experiência emocional que precisa ser compreendida e considerada no processo ensino-aprendizagem, para que não seja facilitada a cisão entre o cognitivo e o emocional, como uma defesa para não entrarmos em contato com as angústias desencadeadas pela aproximação do sofrimento mental que nos iguala enquanto humanos. Os temas sobre o mundo inconsciente, via de regra, são episódios da história de vida que mobilizam profundamente o estudante. Por isso não é incomum o aprendizado vir acompanhado das mais diversas reações tais como apatia, desinteresse, dificuldade de compreensão, ou tornar o estudo uma aquisição de conhecimento intelectualizado, traduzido num falso aprendizado que se pode tornar estéril para a formação do futuro profissional de psicologia.

Dessa forma, o aluno pode-se ver sucumbido diante do impacto desse encontro com a dor mental e, por meio de transferências negativas, estabelecidas na relação com o professor ou com a disciplina, ficar impedido de aprender pela ameaça de estar, em muitos momentos, espelhado naquilo que é delimitado como o objeto de estudo.

Sendo assim, é um conhecimento que será apreendido através de múltiplas vivências transferenciais, experienciadas através da disciplina, sua natureza e estratégias, que proporcionam o contato com experiências humanas carregadas de significado emocional. É uma tarefa que transcende a esfera cognitiva, uma experiência emocional que necessita ser considerada e compreendida para que não ofereça grandes obstáculos à aprendizagem e para que possa fazer sentido na formação do psicólogo.

Vaisberg & Lousada-Machado (1996) consideram, também, que o ensino de psicopatologia psicanalítica não se limita ao fornecimento de construções discursivo-conceituais, ainda que articuladas à experiência clínica. É um verdadeiro trabalho de transformação de representações sociais sobre o doente mental, que os alunos já trazem consigo. Nesse sentido, considera que

quando a teoria é concebida como construção representacional fruto, portanto, de trabalho humano, sem ser idealizada como conhecimento intrinsecamente superior, pode passar a ser usada de modo mais livre e flexível, colocando-se a serviço do incremento de qualidade da vida humana, eticamente pensada (Vaisberg & Lousada-Machado, 1996, p.79).

Pensamos, então, que nossa tarefa de ensinar Psicopatologia é transmitir conceitos, relacionando teoria e prática, com uma aproximação gradativa com a realidade do sofrimento psíquico, levando em conta as

experiências emocionais do aluno e sua criatividade para favorecer a apropriação do conhecimento.

Winnicott (1945), referindo-se aos primórdios da vida afetiva, refere que o verdadeiro e o falso self têm origem comum num momento da vida do bebê, que ele denomina de fase de dependência absoluta, em que postula a existência de um estado primário de não integração e uma realidade psíquica que não reconhece a exterioridade do objeto. Preconiza que, nesse momento, é essencial o bebê ser cuidado por uma mãe suficientemente boa, que lhe possibilite a experiência da ilusão, ou seja, que o faça crer que a realidade é uma criação sua. Aí se encontram os fundamentos da criatividade, cujo desenvolvimento e usufruto futuros dependem basicamente da qualidade acolhedora do ambiente inicial.

Para compreender a emergência de um sujeito psíquico, esteticamente considerado enquanto processo e não como estrutura, Winnicott (1951,1971) opera com uma noção: a de fenômeno ou objeto transicional, o qual surge de uma atividade de jogo ou brincadeira, numa área ao mesmo tempo de contato e de diferenciação entre o dentro e o fora, área de experiência ilusória, que ele denominará de espaço transicional, símbolo tanto de sua união, quanto de sua separação em relação à mãe, área na qual se alojam as experiências compartilhadas por ambos.

Essa área, chamada por Winnicott (1951) de *espaço transicional*, é preservada pelo ser humano adulto como uma área de *repouso* à qual pode

recorrer sempre que a realidade se apresente demasiado penosa para ser enfrentada. O acesso a essa área propicia a elaboração das dificuldades encontradas redundando no fortalecimento da capacidade de tolerar frustrações e, conseqüentemente, num contato mais criativo com a realidade.

Seguindo a trilha de Winnicott podemos formular uma verdadeira transicionalidade do conhecimento onde a objetividade é sempre tingida de subjetividade, onde existe a interação do sujeito com o objeto do conhecimento transformando o conhecimento em um ato ficcional e criativo (Forlenza Neto, 1996, p. 89).

Compreendemos que o aluno, na construção do conhecimento de psicopatologia, também necessita estabelecer uma ponte, onde o impacto do contato com o conteúdo desenrole-se inicialmente, num palco de *experiências transicionais*, para que a elaboração dessa vivência possa buscar o sentido, dificultado pela ameaça de se ver em muitos momentos espelhado naquilo que é delimitado como o objeto de estudo: o sofrimento psíquico.

Pensamos, também, que, para ocorrer a apropriação do conhecimento psicopatológico, além das condições oferecidas no processo de ensino-aprendizagem, muitos outros aspectos estão envolvidos, inclusive aqueles relativos à própria subjetividade e possibilidades internas do aluno.

Forlenza Neto (1996) refere que a criatividade, ao contrário do que se pensava, não se dá habitualmente, como súbita iluminação, mas exige conhecimento e dedicação a determinado assunto. Não se cria em um espaço

estranho, é necessário certo domínio de conhecimentos e técnicas por parte do criador. Quando algo é criado, geralmente, surge um produto ou idéia nova e original ou uma reelaboração de produto ou idéia já existente.

Concluindo, Bion (1963) diz que a nossa observação nunca é ingênua; somos informados, formados e orientados por teorias, mas o conhecimento agregado à própria experiência emocional permite apropriação do que se aprende.

A teoria na prática é outra

A transmissão do conhecimento de psicopatologia apresenta muitos desafios, sendo um deles a fundamental importância da integração entre sistematização teórica e experiência clínica, sem a qual a aprendizagem não será significativa dentro de um processo formativo. A tarefa de introduzir o aluno às primeiras discriminações clínicas, antes de iniciar suas atividades de atendimento efetivo, é um dos objetivos do ensino de psicopatologia.

A psicopatologia, desde o início, tem uma história marcada por um ensino que sempre ocorreu vinculado a um determinado tipo de prática, ou de aproximação com esta. Enquanto disciplina que deveria oferecer os subsídios teóricos para a psiquiatria, o seu campo empírico foi, inicialmente, o hospital psiquiátrico.

Podemos dizer que esse sempre foi, por excelência, o campo desse ensino, fato que tornou clássica a cena do mestre com um grupo de alunos, no pátio do hospital, entrevistando ou realizando o exame mental de um paciente, para demonstrar os fenômenos estudados.

Esse é o modelo de formação dos alienistas no século XIX que seguia a mesma tradição da clínica médica constituída no final do século XVIII. Nesta o candidato deveria estar ao lado do grande mestre e seguir os seus passos no dia a dia, observando e examinando os doentes para aprender a detectar os mínimos sinais, a catalogá-los e conceituá-los. Já no final do século XIX, esta clínica do olhar ganhou instrumentos competentes de produção e demonstração em cena das alterações psíquicas. Charcot, por exemplo, se consagrou como o mestre das histéricas, por meio das demonstrações sensoriais dos mecanismos sugestivos de produção dos seus sintomas (Ferreira, 2002, p.15).

Freud (1919), em seu artigo “o ensino de psicanálise na universidade”, abordou especificamente a aprendizagem de conhecimentos psicopatológicos e distinguiu a possibilidade de dois tipos de ensino destinados aos estudantes de medicina. Identificou na época, uma prática meramente descritiva que:

simplesmente ensina o estudante a reconhecer uma série de entidades patológicas, capacitando-o a distinguir quais são incuráveis e quais são perigosas para a comunidade. Sua única ligação com outros ramos da ciência médica está na etiologia orgânica, isto é, nas suas descobertas anatômicas, mas não oferece a menor compreensão dos fatos observados. Tal compreensão só poderia ser fornecida por uma psicologia profunda (Freud, 1919, p.218).

Nesse artigo, consideramos que Freud criticou um ensino meramente descritivo e classificatório, baseado numa compreensão orgânica da doença mental e apontou para a necessidade de um ensino em busca da compreensão de sentido dos fenômenos psicopatológicos. Considerando que o conhecimento da psicanálise funda-se na experiência clínico-transferencial e na interpretação, afirmou que a universidade disporia de recursos muito limitados para oferecer tal oportunidade. A seu ver, para fins de investigação, os docentes de psicanálise deveriam buscar material clínico por meio de atendimento em ambulatórios, no caso de pacientes neuróticos, enquanto que, no que se refere à psiquiatria psicanalítica, deveriam ter acesso a um serviço de internação.

Pensamos que esse é o desafio que até hoje permeia o ensino de psicopatologia no que diz respeito, principalmente, à escolha e ao desenvolvimento de um fazer que considere os riscos de uma prática de mostração de pacientes e que ofereça, ao mesmo tempo, uma experiência significativa para o aluno em formação.

As pesquisas atuais sobre o ensino de psicopatologia (Cocciuffo,2001; Caon,1996; Vaisberg,1999,1996; Souza,1997) relatam a importância da aquisição de conhecimentos psicopatológicos pelo estudante de psicologia e comentam estratégias de ensino para essa disciplina, as quais serão apresentadas no final desse capítulo. Para contextualizar a análise das práticas

que estão sendo desenvolvidas atualmente no ensino de psicopatologia, algumas delas serão discutidas neste momento.

Caon (1996) considera a apresentação psicanalítica de pacientes um dispositivo didático-pedagógico de pesquisa com ensino, montado a partir da situação psicanalítica de cura e sugere que essa experiência seja adotada para a pesquisa do psicopatológico na Universidade e nas Instituições psicanalíticas. Olhamos com certa reserva essa proposta em função das implicações éticas e clínicas envolvidas no seu desenvolvimento, principalmente com o fato de o paciente sentir-se exposto e não se sentir ajudado em seu sofrimento.

Ferreira (2002) reflete a importância de sair do modelo asilar, onde o paciente é apresentado de maneira isolada, para a clínica da interação, numa inserção do estudante como um dos integrantes da equipe multiprofissional da instituição e que deve fazer parte do elo terapêutico proposto para o paciente.

Cociuffo (2001) analisa relatos dos alunos da disciplina psicopatologia sobre a experiência das aulas práticas desenvolvidas no hospital psiquiátrico e discute a importância de considerar os aspectos emocionais presentes no aprendizado. Considera a psicanálise, pela sua especificidade metodológica, como uma proposta que favorece a integração de aspectos teóricos e práticos.

Vaisberg (1999) refere que o conceito winnicottiano de *transicionalidade* pode contribuir para o estabelecimento de um ambiente psíquico propício à aprendizagem inicial de psicopatologia psicanalítica, tanto

no que se refere aos conceitos teóricos quanto no que diz respeito à elaboração reflexiva das vivências dos estudantes frente ao material clínico. Sugere o que denomina de pedagogia transicional, através da utilização de recursos intermediários, como filmes, dramatizações, relatos de casos clínicos, como uma possibilidade de aproximação gradual com o sofrimento psíquico.

Essa autora alerta-nos quanto à importância de propiciar uma inserção gradativa do estudante na prática, fato com que, pela nossa experiência, concordamos plenamente e sobre o qual justifica:

tratando-se, basicamente, de propiciar o contato com experiências humanas carregadas de significado emocional, os obstáculos à aprendizagem são, desta feita, de ordem emocional e não, como em outras áreas do conhecimento, de índole cognitivo-conceitual ou oriundos da falta de informação. Deste modo, as aulas práticas de Psicopatologia devem ensejar um resgate da espontaneidade do aluno, a partir da qual a percepção do outro se faz o que, psicanaliticamente falando, implica num abandono progressivo de defesas psíquicas destinadas a manter um contato intelectualizado e distante com o sofrimento psíquico (Vaisberg, 1999, p.241).

Olhar para essas possibilidades de prática no ensino de psicopatologia referenda e sustenta a fundamental importância dessa aproximação, e nos faz refletir que é um fazer que requer responsabilidades e coerência para com todos os elos envolvidos nesse processo: o docente, o aluno, o paciente, a instituição, a teoria e a própria filosofia adotada na disciplina.

Diante de todos os elementos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem de Psicopatologia podemos dizer, com certeza, que a teoria, na prática, é outra, na medida em que esta, na realidade, traduz a riqueza e a complexidade do ser humano enquanto objeto e sujeito desse processo de ensino.

É uma disciplina, portanto, mobilizadora de angústias no aprendiz, as quais necessitam ser identificadas e trabalhadas no processo ensino-aprendizagem com estratégias que favoreçam o desenvolvimento de um verdadeiro self profissional, no sentido de formar profissionais reflexivos, críticos e agentes da saúde mental.

A ética e a estética

O ensino-aprendizagem de Psicopatologia só pode ser concebido no espaço vincular, fato que demanda reflexões sobre as implicações éticas e estéticas desse processo mobilizador de uma experiência emocional que precisa ser reconhecida e tratada com objetivos formativos.

Educar – do latim *edugera* – é possibilitar a emergência de valores na pessoa. O professor, ao transmitir conhecimentos, ensina como aprender. O aluno, ao aprender, só se torna capaz quando agrega em si suas observações, suas experiências e suas emoções.

Supõe-se, em dias atuais, a superação no ensino de aulas intermináveis, monólogos narcísicos de professor supostamente amadurecido que espera, ao término de sua exposição, palmas e elogios observáveis em crianças pequenas. Tal conduta é a negação do ensino e com ela pouco ou nada se aprende. Há monólogo do mestre induzindo subjetivamente, ao aluno, falsa estrutura de idealização. Em consequência, quem assim “aprende” ganha falso self protetor. Aquele que deseja aprender é motivado por contínuas e curiosas indagações, interrompendo o professor, propiciando o não saber do mestre e de seus colegas (Capisano, 1995, p.1).

O encanto da aprendizagem reside na troca saudável presente na relação entre professor-aluno. Não se trata de seduzir, mas dar de si para motivar e incentivar as descobertas. Importa o desejo e a responsabilidade de ensinar e não a perversidade de colher louros pessoais, ludibriando, enganando e vendendo o que se ensina.

A energia, o prazer, a alegria em se dar uma aula permitem o vínculo com o aluno tocando-o, motivando-o na direção do pensar, objetivando o conhecimento. A troca de experiências professor-aluno ora é vertical, ora horizontal, com sentidos dos quais ninguém é dono, como refere Souza:

Ensinar é bem diferente de aprender. O professor pode ter seus objetivos de ensinar frustrados se ele não conseguir encorajar seus alunos a ouvi-lo. Portanto, por que não dividir com os alunos a responsabilidade do processo ensino-aprendizagem? Teríamos, assim, um processo de ensinagem (Souza, 1997, p.39).

É saudável quando alunos pensam de modo diverso. Por esse motivo, cabe-nos gestar perguntadores, pensadores, desmontadores de teorias, sem atitudes destrutivas. Qualquer método pode levar à doutrinação que não depende essencialmente de um método, mas de uma atitude mental de abordagem de uma experiência.

Vaisberg (1999) refletindo sobre a prática de ensinar Psicopatologia, afirma que:

realiza-se, em contexto pedagógico, o mesmo trabalho que o psicanalista desenvolve junto ao seu paciente quando, usando o método psicanalítico, facilita um libertar-se de adesões a representações que causam sofrimento psíquico e emocional, limitando psicopatologicamente o viver. Em essência, o mesmo tipo de trabalho é realizado no ensino de Psicopatologia Psicanalítica. A importante diferença é que, neste último caso, usamos o Método Psicanalítico em um enquadre específico que se define a partir de objetivos formativos e não terapêuticos, tendo como objeto da atenção profissional não uma individualidade que busca ajuda em estado de sofrimento, mas um sujeito coletivo comprometido com seu desenvolvimento profissional (Vaisberg, 1999, p.79).

Pensamos que, mesmo que o ensino não seja especificamente de uma Psicopatologia Psicanalítica, os conhecimentos desta ajudam a compreender a especificidade do processo ensino-aprendizagem de Psicopatologia. Nesse sentido, uma das implicações éticas está em apresentar uma proposta a ser desenvolvida num ambiente pedagógico de parceria, que reflita os ensinamentos passados de respeito, ética e cuidado ao tratar do sofrimento psíquico sem, no entanto, confundi-lo com espaço psicoterapêutico.

Nesse sentido, pensamos que o docente, no ensino de Psicopatologia, não pode ignorar o fenômeno transferencial e excluir-se do processo ensino-aprendizagem. As responsabilidades éticas implicam estar ele atento ao impacto emocional que a disciplina causa nos alunos, aos movimentos grupais para favorecer a criação de um espaço de comunicação onde a aprendizagem não desconsidere a subjetividade e os vínculos estabelecidos nesse setting pedagógico.

Ferreira (2002) refere que a transformação da prática de ensino de psicopatologia envolve uma mudança na postura ideológica e ética que a sustenta, em que é exigido que o outro seja considerado em sua subjetividade e alteridade.

Concordamos com o autor e concluímos que o ensino de Psicopatologia demanda uma postura do docente fundamentalmente ética e cuidadosa na escolha de recursos e estratégias, para que a estética das experiências, no espaço pedagógico, favoreça o aprendizado a fim de que o aluno internalize algo de bom, enriquecendo o seu self e a sua futura identidade profissional.

Algumas pesquisas sobre o ensino de psicopatologia

No levantamento teórico, encontramos estudos e pesquisas que legitimam a importância e a necessidade de reflexões sobre esse processo de ensino –aprendizagem de psicopatologia oferecendo estratégias e ampliando

horizontes para o pensar e o fazer, para tornar a experiência efetiva enquanto espaço de formação profissional.

As pesquisas sobre o ensino de psicopatologia para psicólogos (Cocciuffo, 2001; Vaisberg, 1999, 1996; Souza, 1997) relatam a importância da aquisição de conhecimentos psicopatológicos pelo estudante de psicologia e apresentam estratégias de ensino para essa disciplina que é mobilizadora de angústias no aprendiz, as quais devem ser identificadas e trabalhadas no processo ensino-aprendizagem para que integrem um verdadeiro self profissional.

Ferreira (2002) analisa a questão do ensino da psicopatologia a partir da retomada de elementos da história da clínica médica até a constituição da psiquiatria clínica. Propõe encontrar outros métodos para abordar o sujeito em interação e não mais o indivíduo isolado. Refere que o aluno de graduação deve também ser incluído entre os profissionais que atuam na instituição, convocando todos, dessa forma, para assumirem seus lugares no elo terapêutico.

A análise e a proposta desse autor nos fazem pensar sobre a nossa responsabilidade enquanto docentes de psicopatologia, com os diversos elos envolvidos nessa aprendizagem: o aluno, o paciente, a instituição, o docente, que devem ser atentamente cuidados quanto às implicações éticas, acadêmicas e clínicas.

Com relação ao aluno, Tassinari (1996) enfoca as representações de estudantes de psicologia sobre a loucura, destacando o impacto do tema no aprendizado e na prática futura. Confirmamos esse fato através de nossa experiência no ensino da psicopatologia.

Vaisberg (1999), ao relatar sua experiência de ensino de Psicopatologia, utilizando os conceitos de objeto transicional, pedagogia transicional e uso de objeto, apresentou-nos a teoria winnicottiana como uma possibilidade de apreensão e compreensão das tantas experiências que vivemos ao ensinar psicopatologia.

As estratégias de ensino de psicopatologia, como filmes, foram pesquisadas por Chambliss & Magakis (1997), e o uso de procedimentos psicodramáticos e material clínico extraídos de casos reais, por Vaisberg (1999). Muitas dessas estratégias nós utilizamos na nossa prática docente e foram apontadas nas pesquisas como recursos importantes no ensino de psicopatologia por serem estratégias intermediárias que favorecem uma aproximação gradativa com a realidade do sofrimento psíquico.

Caon (1996) considera a apresentação psicanalítica de pacientes um dispositivo didático-pedagógico de pesquisa com ensino, montado a partir da situação psicanalítica de cura e sugere que essa experiência seja adotada para a pesquisa do psicopatológico na Universidade e nas Instituições psicanalíticas. Olhamos com certa reserva essa proposta, como já dissemos anteriormente, em função das implicações éticas e clínicas envolvidas no seu

desenvolvimento, principalmente com o fato de o paciente sentir-se exposto e não se sentir ajudado em seu sofrimento.

Encontramos, também, outros trabalhos e pesquisas relacionados ao ensino de maneira geral, que ofereceram contribuições para as nossas reflexões sobre o ensino de psicopatologia.

Monteiro (2000) reflete o vínculo professor-aluno utilizando a noção de transferência e Aquino (1995) analisa as diferentes modalidades de apreensão da relação professor-aluno a partir de diferentes contextos institucionais. Nessas pesquisas, o destaque para o vínculo professor-aluno fez pensar que, no ensino de psicopatologia, pela própria natureza do objeto de estudo, o sofrimento psíquico, as vivências transferenciais podem ser incrementadas, influenciando ou dificultando o processo de ensino-aprendizagem.

Terzis (1996) sugere o grupo de reflexão para elaboração das vivências emocionais do aluno e Zimmermann (1970) enumera alguns procedimentos de grupo utilizados no ensino de psiquiatria dinâmica ou de orientação psicanalítica, com o objetivo de favorecer o processo de ensino-aprendizagem. Reafirmamos, com essas pesquisas, a nossa posição sobre a relevância de considerar a experiência emocional do aluno no processo de ensino-aprendizagem e verificamos algumas possibilidades de estratégias para lidar com essas implicações dentro de um setting pedagógico.

Padilha (2002) investigou como se dá a apropriação da identidade profissional de psicólogo clínico, com graduandos de psicologia que optaram

por realizar o estágio de psicologia clínica numa instituição de saúde mental e concluiu que, na estruturação de um aparelho psíquico para pensar em coisas psicológicas, o estagiário refaz um caminho já trilhado quando da estruturação de sua identidade pessoal. Esse estudo nos faz pensar na profundidade dessas experiências clínicas para o aluno, tanto do ponto de vista pessoal como profissional.

De maneira geral, compreendemos que as pesquisas destacaram fatores importantes que devem ser considerados no processo ensino-aprendizagem, tais como a relação professor-aluno, as estratégias didáticas, as estratégias para lidar com o grupo, as vivências emocionais e as implicações desses aspectos dentro de um processo de formação de identidade profissional, como revela a pesquisa desenvolvida por Padilha (2002).

Para melhor visualização, apresentamos a síntese das pesquisas que referendaram o contexto científico do nosso estudo nas tabelas abaixo.

Tabela1 – Síntese de artigos e pesquisas sobre o ensino de psicopatologia

Autor (es)	Título	Síntese
Ferreira, A. P., 2002	O ensino da psicopatologia: do modelo asilar à clínica da interação	Aborda a questão do ensino da psicopatologia a partir da retomada de elementos da história da clínica médica até a constituição da psiquiatria clínica. Propõe um retorno à clínica contra o empiricismo e o essencialismo clinicista.
Cocciuffo, T., 2001	Ensino-aprendizagem de Psicopatologia: encontro marcado com a loucura	Analisa relatos dos alunos da disciplina psicopatologia sobre a experiência das aulas práticas desenvolvidas no hospital psiquiátrico.
Vaisberg, T.M.A., 1999	O uso do objeto teoria; desconstrução e mudança de representações sociais de estudantes de psicologia sobre o doente mental	Considera que o conceito winnicottiano de uso de objeto pode ser produtivamente utilizado na análise que o psicólogo estabelece com o referencial teórico que escolhe.
Souza, J.C.R.P, 1997	Psicopatologia: proposta de aprendizagem participativa	Apresenta uma proposta de sistematização de aprendizagem participativa da Psicopatologia, com compromisso mútuo educador-educando, tanto nos cursos de graduação como nos de pós-graduação.
Chambliss, C. & Magakis, G., 1997	Teaching Psychopathology	Refletem sobre a estratégia de adotar filme no ensino de psicopatologia como um recurso para ilustrar a teoria estudada.
Vaisberg, T.M.A., & Machado, M.C. 1996	Transicionalidade e Ensino de Psicopatologia: pensando aulas práticas com Winnicott	Analisa o uso de procedimentos psicodramáticos e de material clínico retirado de casos reais como o estabelecimento de um enquadre de ensino transicional, que permite ao aluno aproximar-se da realidade do sofrimento psíquico de modo paulatino e suportável, seguindo, desse modo, o padrão preconizado por Winnicott (1945) para o estabelecimento de contato sadio do ser humano com a realidade.
Tassinari, 1996	A alteridade e a gênese da clínica	Enfoca as representações de estudantes de psicologia sobre a loucura, destacando o impacto do tema no aprendizado e na prática futura.

Tabela 2 – Síntese de outros trabalhos e pesquisas relacionadas ao ensino

Autor (es)	Título	Síntese
Padilha, B., 2002	Nove personagens em busca de um autor: apropriação da identidade profissional de psicólogo clínico numa Instituição de Saúde Mental.	Investiga como se dá a apropriação da identidade profissional de psicólogo clínico, com graduandos de psicologia que optaram por realizar o estágio de psicologia clínica numa instituição de saúde mental.
Monteiro, 2000	A transferência e a ação educativa	Reflete o vínculo professor-aluno utilizando a noção de transferência.
Terzis, A., 1996	Grupo de reflexão na pós-graduação	Destaca a relevância de um espaço de elaboração das vivências emocionais do aluno, com o objetivo de favorecer o processo de ensino-aprendizagem. Sugere o grupo de reflexão como uma técnica para essa finalidade.
Caon, J. L., 1996	Serendipidade e situação psicanalítica de pesquisa no contexto da apresentação psicanalítica de pacientes”	Considera a apresentação psicanalítica de pacientes um dispositivo didático-pedagógico de pesquisa com ensino, montado a partir da situação psicanalítica de cura e sugere que essa experiência seja adotada para a pesquisa do psicopatológico na Universidade e nas Instituições psicanalíticas.
Aquino, 1995	Relação professor-aluno: uma leitura institucional	Analisa as modalidades de apreensão da relação professor-aluno a partir de diferentes contextos institucionais.
Zimmermann, 1970	Dinâmica de grupo no ensino da psicologia e psiquiatria de orientação psicanalítica	Menciona as relações conscientes e inconscientes em um grupo de ensino de psicologia e psiquiatria de orientação psicanalítica. Enumera alguns procedimentos de grupo utilizados no ensino de psiquiatria dinâmica ou de orientação psicanalítica.

CAPÍTULO III
ENSINO DE PSICOPATOLOGIA PARA PSICÓLOGOS:
EIS A QUESTÃO

"Educar-se é dizer-se a si mesmo, é posicionar-se, é tomar posição, descobrir um sentido para a presença daquilo que é apresentado. A educação se compara mais com um processo criativo, onde não se sabe exatamente o que vai ser criado"
(Amatuzzi, 1990).

A disciplina e seus participantes: o grupo

É incontestável que, para a formação do psicólogo, o conhecimento das psicopatologias é muito importante, fato que se confirma ao constatarmos que todos os currículos do curso de Psicologia são contemplados com essa disciplina.

No curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, a disciplina Psicopatologia, inicialmente oferecida na terceira série, teve sua carga horária reduzida com a reestruturação curricular feita em 1993. Contudo, seu conteúdo desdobrado e renovado, passou a ser oferecido em duas séries, sendo desenvolvido dentro de uma abordagem biopsicossocial, com enfoque evolutivo.

Na terceira série, a disciplina é denominada Psicopatologia I – da infância e adolescência – de natureza teórico-prática, com duas aulas teóricas semanais e uma aula prática semanal, com módulo de dezoito alunos.

Na quarta série, a disciplina é denominada Psicopatologia II – do adulto e do envelhecimento – de natureza teórica, com duas aulas.

Como participantes diretos da disciplina Psicopatologia, identificamos o docente, o aluno e o *personagem paciente* que será revestido ao longo do curso como o representante do *pathos*, que deverá ser estudado e compreendido. Caracterizamos, assim, a disciplina, como uma experiência grupal e compreendemos o processo ensino-aprendizagem como voltado para um grupo de alunos comprometidos com sua formação profissional. Nesse grupo, consideramos que cada um deverá ocupar um lugar privilegiado no desenrolar dessa trama para que os objetivos do ensino sejam alcançados.

Para o aluno, pensamos que a aprendizagem de Psicopatologia é um dos desafios na sua formação de psicólogo, pois apresenta dificuldades e possibilidades dentro de um processo de crescimento pessoal e profissional.

“Os doze trabalhos de Hércules” (Diel, 1991), descritos pela mitologia grega, são de grande riqueza e beleza simbólica e podem nos ajudar a compreender essa delicada e importante trajetória do processo ensino-aprendizagem de Psicopatologia. O mito retrata uma iniciação na qual Hércules vai aprendendo que a força bruta é incapaz ou insuficiente para resolver os desafios propostos. É um mito heróico que mostra um caminho exemplar de crescimento e prestação de serviço, que culmina na divinização.

Consideramos que a aprendizagem de Psicopatologia representa alguns dos trabalhos a cumprir, com dificuldades e possibilidades que se colocam no caminho da formação do futuro psicólogo.

Comprendemos que o estudo e a compreensão do *pathos*, enquanto sofrimento, paixão e passividade, apresenta-se, para o aluno de psicologia, como uma tarefa árdua dentre outras durante o curso, que vai exigir força, mas, também, sensibilidade para transformar os obstáculos – fantasias onipotentes e destrutivas – que essa tarefa impõe, em um aprendizado que faça sentido para sua formação profissional e seja pré-requisito de sua atuação posterior como psicólogo que atuará de maneira preventiva ou terapêutica na área da saúde mental.

Diante das tarefas acadêmicas exigidas, o aluno é solicitado a utilizar seu potencial e seus recursos mais amadurecidos e a necessidade de um espaço terapêutico falado ao longo do curso adquire cada vez mais, para ele, um sentido apenas intuído anteriormente.

A experiência tem mostrado que as forças mentais, muitas das quais inconscientes, são elementos poderosos que influenciam o processo ensino-aprendizagem de Psicopatologia, vivido através das múltiplas transferências com o professor, com os colegas, com a teoria e com a prática.

Os fenômenos grupais inerentes a toda a formação de um grupo são, então, incrementados pelos objetivos propostos referentes ao estudo da Psicopatologia, que desencadeiam e incrementam as fantasias sobre a loucura, os temores e as ansiedades frente à aproximação das dores psíquicas, as transferências e a sensação de impotência diante da doença mental:

O conhecimento dos fenômenos inconscientes grupais, principalmente aqueles relacionados ao início de um grupo, como sentimentos esquizo-paranóides, tendências ao isolamento, dificuldades para manifestações verbais e silêncios, pode ajudar a integração professores-alunos (Oliveira,1993, p.66).

Consideramos, no entanto, que o espaço grupal propicia trocas e identificações que podem favorecer o processo de ensino aprendizagem. Nesse sentido, o conhecimento dos pressupostos de Käs (1977) sobre organizadores psíquicos e sócio-culturais são extremamente úteis. Para o autor, os organizadores sociais funcionam como um código cultural próprio de uma sociedade e assumem funções sociais, uma vez que organizam a internalização coletiva dos modelos grupais, que asseguram e regulam as relações sociais e interpessoais. Cumprem, assim, funções psíquicas, à medida

que proporcionam modelos identificatórios e asseguram a orientação para a codificação social das representações psíquicas inconscientes, por projeção e introjeção. O estudo das representações sociais como codificações das representações inconscientes dá acesso a essas últimas.

Uma vez constituídas ou referidas, as representações sociais do grupo funcionam como objetos que possuem propriedades análogas à do *objeto transicional* descrito por Winnicott (1951), ou seja, um objeto criado que define um espaço de comunicação, mediação e criatividade.

Os objetivos da disciplina

Psicopatologia é uma disciplina que integra o curso de formação de psicólogos, caracterizando-se por oferecer os primeiros subsídios teóricos e práticos para a posterior formação e atuação clínica.

Além de favorecer a atuação clínica propriamente dita, deve favorecer o desenvolvimento do raciocínio clínico ou do olhar psicológico, o que lhe dá uma abrangência, no sentido de considerarmos que não se restringe à área clínica. É um requisito necessário ao psicólogo no exercício do seu papel profissional em qualquer campo de atuação que, ao nosso ver, tem um compromisso com a saúde mental, seja em nível preventivo ou terapêutico.

Pensamos, então, que o objetivo primordial da disciplina Psicopatologia deve ser formativo.

Na Antigüidade, formar não era somente adquirir conhecimento mas, sobretudo, conquistar a própria verdade e ter a coragem de expressá-la. Na Grécia antiga, dos 5 aos 15 anos, ocorria a Paidéia, a educação da virtude; dos 15 aos 28 anos, a Psiquéia, o conhecimento de si advindo das reflexões sobre as perguntas: de onde viestes? Quem és? Que fazes aqui? Para onde vais? Dos 28 aos 40 anos, a Mistéia, ou seja, o preparo para o conhecimento dos deuses (Jaeger,1986).

Segundo Jaeger (1986), a psicologia é, talvez, a redescoberta moderna de que somente educando a psique é possível a construção de um homem: aquele que não se conhece é um perigoso incoseqüente em seus atos.

A preocupação com a formação do profissional de psicologia tem sido amplamente debatida pelos Órgãos Representativos (CRP, CFP) e por diversas instituições e profissionais que, a partir dessas reflexões, objetivam intervenções concretas nos Cursos de Psicologia. Como exemplo, citamos a elaboração das Novas Diretrizes Curriculares para os Cursos de Graduação em Psicologia que estabelecem um conjunto de princípios gerais que devem nortear a formação.

Esses princípios remetem à necessidade de uma formação que desenvolva forte compromisso com a perspectiva científica e com o exercício da cidadania; que assegure rigorosa postura ética; que garanta uma visão abrangente e integrada dos processos psicológicos, permitindo a ampliação dos impactos dos serviços prestados à sociedade (Projeto de Resolução das Diretrizes Curriculares, 2002, p. 2).

Nesse sentido, consideramos que a disciplina Psicopatologia deveria estar comprometida com os mesmos princípios e valores éticos, de cidadania, humanitários e científicos que fundamentam a formação do profissional de psicologia.

A partir desses princípios, as diretrizes delimitam que o núcleo comum da formação em Psicologia articule os conhecimentos em torno de eixos estruturantes. Para definirmos os objetivos específicos da disciplina Psicopatologia, consideramos que alguns são especialmente relevantes: Interfaces com campos afins do conhecimento para demarcar a natureza e a especificidade do fenômeno psicológico; percebê-lo em sua interação com fenômenos biológicos, humanos e sociais, assegurando uma compreensão integral e contextualizada dos fenômenos e processos psicológicos” (Projeto de Resolução das Diretrizes Curriculares, 2002.).

Destacamos, então, como contribuição à definição dos objetivos da disciplina Psicopatologia, a visão integralista e contextualizada do homem a partir de uma posição psicológica bem delimitada em sua especificidade e natureza, que favoreça trocas e contribuições dos vários saberes envolvidos no campo da Psicopatologia.

Além desses aspectos, pensamos que não podemos deixar de ressaltar a necessidade de que ocorra uma contínua reflexão sobre as mudanças inerentes à pós-modernidade. Essas mudanças inserem-nos em um mundo onde o acúmulo de informações e a velocidade dos novos tempos assumem

um ritmo estonteante que, muitas vezes, nos pressiona a responder, também rapidamente, sem muito tempo para pensar.

Concluindo, consideramos que o objetivo da disciplina deve ser essencialmente formativo e que a instrumentalização do psicólogo para identificar, descrever e classificar as psicopatologias não pode prescindir de sua capacidade de refletir e compreender as diversas expressões do *pathos* enquanto uma comunicação das dores psíquicas que são humanas e que revelam, plasticamente, a sua (im)possibilidade de estar no mundo.

A escolha da posição

Ensinar Psicopatologia para psicólogos tem proporcionado reflexões acerca de estratégias que possibilitem não apenas a reprodução sintomática das doenças, mas também um estudo pautado pela compreensão necessária do sofrimento psíquico para futuros profissionais que irão trabalhar diretamente com essa questão.

O desafio nessa tarefa não se restringe, ao nosso ver, apenas aos impactos emocionais causados por essa experiência. Vai além, passando por questões epistemológicas e metodológicas inerentes à própria disciplina e pela responsabilidade de ensinar-aprender Psicopatologia sem perder de vista a posição de psicólogo.

Nesse sentido, frente às inquietações decorrentes dessa demanda, temos refletido sobre a epistemologia da Psicopatologia em busca de resgatar sua história, suas raízes e posições para que, diante das divergências, não percamos a sua essência.

Enquanto docente de Psicopatologia, temos clareza de que devemos assumir o ensino de uma Psicopatologia Psicológica, ou seja, que se oriente pelo paradigma psicológico. Contudo, sabemos que a Psicologia não é única, pois contempla uma diversidade de modelos e matrizes teóricas.

Se pensarmos em termos de posições, como as descritas por Berlinck (1998), nos deparamos com as polaridades: a posição da Psicopatologia Geral que se traduz como um discurso a respeito das doenças e a posição da Psicopatologia Fundamental interessada em suscitar uma experiência compartilhada pelo sujeito.

Como fazer a escolha? Quem sabe a questão seja mais bem colocada se nos perguntarmos: como preparar o aluno para possibilitar o trânsito entre as diferenças compreendendo, porém, as suas especificidades, contemplando como nos lembra Fedida (apud Berlinck, 1998), a diversidade necessária na Universidade para que a experiência de aprender ocorra e possa se transformar em saber?

Nesse sentido, temos que considerar que é um estudo que acontece num setting acadêmico, com um tempo definido e com objetivos formativos.

Com isso, faz-se necessário estabelecer um caminho coerente pelo objetivo de assegurar, com responsabilidade, um espaço de reflexões consistentes.

A posição da Psicopatologia Fundamental parece mais afinada com os propósitos da formação do psicólogo, na medida em que resgata a essência da Psicopatologia: sofrimento, paixão e busca de sentido na relação com o outro. Contudo, assumir uma posição não é desconsiderar ou desvalorizar as outras como nos lembra Berlinck (1998), quando revela a existência de outras posições e diversos saberes no campo da Psicopatologia.

Vaisberg & Lousada-Machado (1996), referindo-se à importância da aquisição de conhecimentos psicopatológicos na formação e no preparo do psicólogo, constatou que persiste a adoção do referencial psicanalítico no ensino de Psicopatologia para estudantes de Psicologia. Esse fato pode ser compreendido na medida em que essa orientação teórica fornece uma base compreensiva capaz de respaldar, satisfatoriamente, ações psicoterápicas, psicodiagnósticas e psicoprofiláticas.

Em nossa experiência, a escolha exclusiva do modelo psicanalítico não traduz o desejo do curso, que espera que essa disciplina contemple e ofereça os pré-requisitos necessários à atuação do psicólogo, respeitando outros modelos teóricos oferecidos como uma possibilidade de escolha do aluno. Assim, apesar de não prescindirmos do nosso conhecimento e formação em Psicanálise ao desenvolvermos a disciplina, não fechamos a

possibilidade da utilização de outros modelos psicológicos para a compreensão dos fenômenos psicopatológicos estudados.

Essa postura reflete-se no início do desenvolvimento da disciplina quando apresentamos os diversos modelos e recortes existentes no campo da psicopatologia, ao fazermos a análise crítica dos sistemas de classificação eminentemente sindrômicos, ou ao acolhermos as colocações dos alunos advindas do conhecimento de outras disciplinas e de outras abordagens teóricas. Por outro lado, não é simples essa alternativa de abrir portas às diferentes abordagens, pois podemos correr o risco de nos perdermos na construção de um caminho coerente para o aluno que está iniciando seus estudos em psicopatologia.

Pensamos, então, em ter como guia uma Psicopatologia para psicólogo que seja capaz de articular o seu raciocínio clínico às três linhas de orientação: a biológica, a social e a psicológica, ou seja, uma visão integralista do homem.

Sabemos que a Psicopatologia pautou-se, inicialmente, no modelo médico, no qual a primazia do sintoma e a classificação são referências a partir das quais se fundamenta a pesquisa, a compreensão e a intervenção diante de uma patologia.

Para o psicólogo, o sintoma é um dos fatores a ser considerado, porém a busca de compreensão do sentido do sintoma, a pesquisa etiológica da patologia, a escuta da queixa, a compreensão dos sintomas dentro de um

contexto sociocultural e da história de vida e familiar do paciente, ou seja, a personalização no processo de avaliação psicopatológica, é um caminho que legitima a posição do psicólogo.

O sobrenome *psicológica*, para a psicopatologia, tem a intenção de registrar a especificidade do modelo psicológico, que coloca a subjetividade no centro. Mesmo com as diversas abordagens ele preserva, em essência, uma ética em relação à pessoa e não em relação à doença. Delimita, como objeto psicopatológico, o sofrimento psíquico, que é humano, histórico, dinâmico e complexo. Compreende a loucura como uma das formas de expressão do *pathos*, que tem mobilidade e plasticidade para expressar diferentes graus e sentidos de sofrimento mental.

Pensamos que o caminho de investigação do objeto psicopatológico deve propiciar uma compreensão de um sofrimento psíquico – porta-voz de uma subjetividade histórica, complexa e dinâmica – que também está sendo decodificado pela subjetividade do próprio psicólogo.

Sabemos que a Psicologia não é única e que se utiliza de diferentes métodos e abordagens, mas defendemos a idéia de que o método e a abordagem desse objeto psicopatológico devem ser coerentes para apreendê-lo, sem mistificá-lo ou distorcê-lo, dirigidos sempre por uma ética que o respeite assim como ao objetivo da disciplina, que é o cuidado para com a pessoa.

No desafio desse ensino, além do impacto emocional causado por essa experiência, encontramos questões de natureza epistemológica e metodológica, inerentes à tarefa de ensinar/aprender Psicopatologia sem perdermos de vista a posição de psicólogo, num momento em que há uma forte tendência ao pragmatismo contido nos atuais sistemas de classificação, tais como o CID 10 (1993) e DSM IV (1995).

Em nosso estudo, então, tentamos contemplar as diferenças através da notícia histórica e da informação da existência de diferentes paradigmas, modelos e abordagens nesse campo, com o objetivo de reconhecermos as contribuições dos vários olhares, sem deixar, porém, de delimitar a posição própria do psicólogo no debate sobre as dores psíquicas.

Pensamos que, para o psicólogo, o método operacional, pragmático e descritivo deve ser conhecido, mas, também, reconhecido em sua particularidade de oferecer, como uma máquina fotográfica, um registro objetivo da realidade que capta na foto um instante que ficará estático na revelação da mesma, auxiliando, no entanto, na comunicação interdisciplinar.

O psicólogo, ao nosso ver, além da foto, deve estar também interessado no filme que traz a história e envolve o espectador, tornando-o um participante emocionado da trama apresentada, ainda que estando de fora. O filme, enquanto estratégia, é útil na aproximação e compreensão do objeto psicopatológico, mas o que está em jogo não é a cena e sim a emoção, que dá sentido ao que os sentidos captam.

O desenvolvimento da disciplina

Como o recorte deste trabalho é a investigação da apreensão do objeto psicopatológico por meio de um método de ensino, enfatizaremos, na apresentação do desenvolvimento da disciplina, algumas estratégias que temos usado ao longo de nossa experiência.

Na disciplina Psicopatologia I – da infância e da adolescência – desenvolvida na terceira série do curso, além do conteúdo teórico, considerando-se sua natureza teórico-prática, esforços têm sido feitos pelos docentes da disciplina no sentido de buscar contextos onde a prática de observação e o contato com crianças e adolescentes possam ser realizados pelos alunos.

O contato com a prática é gradualmente intermediado pelo uso de várias estratégias como filmes, visita à clínica-escola, leitura de prontuários e inserção em campos institucionais para observação.

Alguns dos contextos onde essas práticas de observação acontecem atualmente são a Clínica-Escola Psicológica da Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, o Centro de Atenção Psicossocial Infantil (CAPSi – CEVI), o Centro Interdisciplinar de Atenção ao Deficiente (CIAD), a Associação de Autistas de Campinas (ADACAMP) e outros que os alunos buscam livremente.

A disciplina insere-se no campo da prática através da observação participativa, que visa favorecer uma aproximação do aluno com o campo da saúde mental, seus conceitos e preconceitos, além de prepará-lo, teórica e pessoalmente, para futuras atuações profissionais.

Os objetivos dessas práticas, no campo institucional, consistem em oferecer ao aluno uma experiência de observação para conhecer a criança com quadros psicopatológicos graves, sem o compromisso de chegar a conclusões diagnósticas, considerando-se relevante, nesse momento, o desenvolvimento do raciocínio psicológico e a reflexão do aluno sobre sua participação nessa experiência.

Para ilustrar essa estratégia, entre outras que temos utilizado e que consideramos significativas e coerentes com os nossos propósitos de um ensino formativo e não apenas informativo, faremos referência a duas experiências.

Na comunicação “Ensinando e Aprendendo sobre Psicose Infantil através da Experiência de Observação” (Fernandes, Bonfá & Dorta, 2002), relatamos a experiência de ensino com um grupo de alunos que fizeram a prática de observação em um CAPSi de Campinas (CEVI), que oferece tratamento interdisciplinar a crianças com psicopatologias específicas: autismo, psicoses e outros transtornos graves.

Através do relato da experiência dos alunos durante as aulas práticas, do acompanhamento dos mesmos realizado pelas monitoras da disciplina, do

trabalho que eles apresentaram por escrito no formato pôster ao final do semestre, a experiência pôde ser socializada com os outros alunos e pudemos avaliar e identificar vários ganhos no processo ensino-aprendizagem. Apesar de ser apenas uma experiência de observação, constatamos que os alunos ficaram muito mobilizados pelos sofrimentos apresentados pelas crianças, fato esse que despertou vários questionamentos, possibilitando reflexões e a consciência da importância da análise pessoal na formação do psicólogo.

Na comunicação “Ensinando e Aprendendo sobre Autismo: o contato possível com a impossibilidade do contato” (Fernandes, Bonfá & Dorta, 2002), relatamos a experiência de ensino, através de uma das práticas de observação, em uma Instituição que desenvolve um trabalho com crianças e adolescentes com o diagnóstico de autismo.

Através dos relatos dos alunos durante as aulas práticas e do acompanhamento dos mesmos pelas monitoras da disciplina, percebemos que a cada dia de observação os alunos foram, pouco a pouco, lidando com os seus preconceitos, temores e fantasias de serem atacados não só fisicamente, mas, também emocionalmente. Essa experiência abriu espaço para um olhar mais realista para com aquelas crianças que apresentam sérias dificuldades, mas que são humanas e, portanto, passíveis de serem compreendidas.

A aula prática da disciplina tem sido o lugar privilegiado para acolhermos, ensinarmos, aprendermos e socializarmos a experiência vivida pelos alunos nas práticas de observação. O compartilhar com os colegas e

equipe da disciplina (docente e monitoras) essa vivência, tem favorecido não só um ensino mais vivo, no sentido de ser mais próximo da realidade, como também colorido de uma experiência emocional que ressignifica a teoria estudada.

Desejamos destacar, com esses breves relatos, duas condições que consideramos importantes no ensino de Psicopatologia: o contato com a prática e a importância de um espaço de reflexão e acompanhamento mais personalizado da experiência vivida pelo aluno.

Em Psicopatologia I, as condições do contexto favorecem esse acompanhamento: as aulas práticas são moduladas, com um número menor de alunos e contamos com a valiosa contribuição de monitoras. As monitoras são alunas de séries posteriores que já cursaram a disciplina e que recebem uma bolsa da Universidade para disponibilizarem horas para um trabalho dentro da disciplina, sob a orientação da docente.

Por outro lado não dispomos dessas condições ao desenvolvermos Psicopatologia II – do adulto e do envelhecimento – na quarta série. As razões para isso são que a disciplina é de natureza apenas teórica, tem um número de alunos que varia de 50 a 70 e não há o espaço para monitoria. Portanto, as estratégias acima mencionadas ficam inviabilizadas e deparamo-nos com o desafio de pensar em outras que possam favorecer o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem de maneira significativa.

Psicopatologia II, com uma ementa centrada na Psicopatologia do Adulto e Envelhecimento, tem o compromisso com a formação clínica do aluno, num momento mais imediato, o de propiciar as condições iniciais para as futuras práticas oferecidas, como estágios na quinta série: estágio supervisionado em psicologia clínica, oferecido num Serviço de Saúde Mental ou no Pronto Socorro Psiquiátrico do Hospital Escola da Universidade. São duas possibilidades de atuação e vivência práticas dentro de contextos e modelos diferentes. O Estágio em Psicologia Clínica desenvolve-se num serviço de saúde mental alinhado com a luta antimanicomial, tendo a abordagem psicanalítica como o referencial teórico que sustenta a prática. A prática no Pronto Socorro Psiquiátrico, inserido no Hospital Geral – escola, é oferecida através de uma disciplina optativa. O aluno tem a oportunidade de entrar em contato com o modelo e com profissionais da área médica e recebe supervisão clínica e psicológica na abordagem comportamental.

Com essas responsabilidades, mesmo dentro do contexto de uma disciplina apenas teórica, temos insistido numa aproximação, ainda que pequena, com a prática, na medida em que temos clareza de que o conhecimento é construído sobre bases mais significativas quando o aluno, aprendiz de Psicopatologia, não fica de fora como mero espectador desse processo de aprendizagem.

Atualmente, levamos os alunos para uma visita a um serviço de saúde mental, tendo em vista os seguintes objetivos: entrar em contato com instituição de saúde mental da rede municipal; observar uma instituição que tenha reconhecimento nacional na luta antimanicomial; conhecer equipamentos e técnicas inovadoras de como abordar a doença mental, e refletir e reformular idéias e preconceitos sobre a mesma.

O serviço contatado para a visita foi uma instituição cujas propostas terapêuticas evidenciam uma postura filosófica compatível com as mudanças em nível de tratamento, conforme vem ocorrendo na área da Saúde Mental. É um dos campos de estágio oferecido aos alunos na quinta série do curso de Psicologia, nas áreas clínica e organizacional. Psicopatologia, sendo uma disciplina ministrada na quarta série, é a primeira aproximação do estagiário com o campo, juntamente com a disciplina Psicodiagnóstico.

As estratégias utilizadas nessa atividade foram:

- Reunião inicial com representantes da comissão de estágios do Serviço de Saúde Mental.
- Aula inaugural da disciplina Psicopatologia sobre Saúde Mental, realizada na Universidade, por membros da comissão de estágios da Instituição.
- Visitas à Instituição, com grupos menores de alunos, para apresentação das Unidades e seus projetos assistenciais.

- Discussão em grupo com os alunos, na Instituição, sobre o Serviço de Saúde, Filosofia, equipamentos e tecnologias para o tratamento da doença mental.
- Relatos sobre a visita, escritos individualmente pelos alunos em sala de aula, destacando o que viram, o que sentiram e o que pensaram.
- Troca de experiências em pequenos grupos colocando à disposição um material alternativo para realizarem uma produção que simbolizasse a experiência vivida.
- Reflexão com todo o grupo de alunos sobre a experiência vivida através das visitas e do contato com os pacientes e técnicos da Instituição.
- Participação na Mostra de Estágio no Serviço de Saúde.
- Reunião final para avaliação da experiência com representantes da Comissão de Estágios.

A partir dos relatos dos alunos, através das estratégias utilizadas no desenvolvimento das atividades, elaboramos um pôster que foi apresentado na IV Mostra de Estágio do Serviço de Saúde (Fernandes, 2001) em que destacamos as seguintes contribuições dessa experiência para o ensino de Psicopatologia:

- Embora a visita, num primeiro momento, possa dar a impressão de ser uma experiência pequena, foi uma experiência que trouxe um

impacto muito grande para os alunos no sentido de mobilizar sentimentos, reflexões e questionamentos.

- Essas reflexões, baseadas numa experiência vivencial, tornaram-se muito mais significativas em termos do processo ensino-aprendizagem de Psicopatologia, na medida em que o contato direto com a realidade institucional, com os pacientes e com os técnicos ofereceu uma possibilidade de trabalhar com o aluno sobre questões mais genuínas do sofrimento mental.
- As estratégias favoreceram uma visão geral da Instituição, sua filosofia e serviços, preparando a inserção dos alunos na prática oferecida, posteriormente, por outras disciplinas do curso.
- O conhecimento de uma proposta inovadora e respeitosa para com a pessoa que apresenta um sofrimento mental contribuiu para a formação do profissional de psicologia .

Apesar de termos considerado essa experiência muito rica, o limite apresentado pela natureza teórica da disciplina inviabilizou o prolongamento desse contato. Com isso, temos procurado investir em outras estratégias tais como filmes, casos clínicos, casos da vida real que são sempre apresentados em forma de exercício em grupo, seminário ou estratégias similares que propiciem discussão e reflexão sobre questões inerentes à Psicopatologia.

Desde 1999, temos, também, proposto aos alunos, como uma estratégia de ensino, a atividade da escrita de um texto sobre um tema de

Psicopatologia, baseado em uma experiência de livre escolha, a qual buscou considerar o desejo do aluno, as possibilidades da disciplina e as nossas enquanto docente. Essa é a experiência que desejamos investigar como uma alternativa que pode ser usada no processo de ensinar/aprender, ou de aprender a ensinar Psicopatologia.

Um método de ensino: a escrita

A tarefa de escrever um texto sobre Psicopatologia com um tema relacionado à vida mental e baseado em algum tipo de experiência traduz-se, ao nosso ver, em dois aspectos: favorece a aproximação com uma vivência emocional e requer um trabalho mental para sua elaboração. Assim, com inspiração nos pressupostos teóricos de Käes (1977), Winnicott (1951), Vaisberg (1996) e Freud (1900, 1908), pensamos na escrita como um método de ensino de psicopatologia.

Considerando que o ensino acontece no espaço grupal e a proposta da escrita de um texto oferece a possibilidade de ele ser elaborado em grupo, entendemos que a produção está desde o começo, como refere KÄES (1977), engendrada pelas polaridades contraditórias das representações sociais, das representações inconscientes e da estrutura da tarefa, isto é, entre sistemas relativamente autônomos em suas origens, suas determinações e suas finalidades, porém destinados a entrar em composição no processo grupal.

Uma vez constituídas ou referidas, as representações sociais do grupo funcionam como objetos que possuem propriedades análogas às do objeto transicional descrito por Winnicott, ou seja, um objeto criado que define um espaço de comunicação, mediação e criatividade.

O espaço transicional é a área preservada pelo ser humano adulto como uma área de “repouso”, à qual pode recorrer sempre que a realidade se apresente demasiado penosa para ser enfrentada. O acesso a esta área propicia a elaboração das dificuldades encontradas, redundando no fortalecimento da capacidade de tolerar frustrações e, conseqüentemente, num contato mais criativo com a realidade (Winnicott,1951, p. 243).

Vaisberg (1996), aplicando as idéias de Winnicott ao ensino de Psicopatologia, denomina pedagogia transicional à utilização de modalidades didáticas como procedimentos psicodramáticos, filmes, trechos de entrevistas com pacientes psiquiátricos, material literário, pois correspondem ao estabelecimento de um campo transicional para abordagem da realidade do sofrimento psíquico.

Seguindo esse mesmo pressuposto, consideramos que o aluno, como autor de um texto, pode usar o espaço da escrita como *espaço transicional* uma vez que escolhe a sua forma de se aproximar da realidade do sofrimento psíquico.

Além disso, o enquadre científico proposto para elaboração do texto na forma de um artigo também solicita do aluno a utilização de seu potencial e

seus recursos mais amadurecidos. Como diz Bion (1963), a atitude fundamental a ser desenvolvida é a de que os indivíduos *aprendam a aprender*. É preciso trabalhar com as quatro funções de ego: percepção, pensamento, conhecimento e comunicação.

No entanto, pensamos, também, que o texto produzido pelo aluno nesse espaço “transicional” da escrita pode ser considerado como uma produção análoga ao sonho. Para Freud (1900), em “A interpretação dos sonhos”, a expressão *sonhos diurnos* é sinônima de *fantasia*. É o nome dado a um enredo imaginado no estado de vigília, sublinhando, assim, a analogia desse devaneio com o sonho. Os sonhos diurnos constituem, como o sonho noturno, realizações de desejo. Os seus mecanismos de formação são idênticos, com predomínio da elaboração secundária.

Freud (1908), em “Criação literária e sonho acordado”, comparou um fato cultural, a criação literária, à fantasia. Toda criança, quando brinca, comporta-se como um escritor criativo, uma vez que cria um mundo próprio ou reorganiza os elementos de seu mundo de uma forma nova que lhe é agradável. O oposto da brincadeira não é o que é sério, mas o que é real. O escritor criativo faz o mesmo que a criança que brinca: cria um mundo de fantasia que leva a sério. A brincadeira da criança é determinada pelo desejo que auxilia o seu desenvolvimento, o desejo de crescer e ser adulto. As forças motivadoras das fantasias são desejos insatisfeitos e toda fantasia é a realização de um desejo, a correção de uma realidade insatisfatória. Uma

experiência intensa do presente desperta no escritor criativo a lembrança de uma experiência anterior, geradora de um desejo que encontra realização no trabalho criativo. A própria obra exhibe elementos da ocasião mais recente, que a provocou, bem como elementos da lembrança antiga.

A elaboração de um texto escrito sobre um tema de psicopatologia de livre escolha, baseado em uma experiência, pretende respeitar as possibilidades do aluno, seu tempo interno e incentivar a utilização das funções de ego como uma possibilidade de elaboração dos temores e ameaças vividos frente à tarefa de aprender sobre as Psicopatologias.

CAPÍTULO IV

MÉTODO

“A pressa deve estar em ir a campo, e aí colher todos os dados que caírem na rede da atenção flutuante sem hipótese a ser testada, sem objeto muito bem definido, sem ansiedade de chegar rapidamente a uma compreensão(..) Ter paciência para esperar que o inconsciente faça seu trabalho e que a emergência do significado venha enfim aliviar a angústia do pesquisador e abençoá-lo com uma teoria provisória nascida de seu material de estudo” (Silva, 1993).

O desejo que nos mobilizou a empreender essa viagem investigadora foi o de buscar outras posições (pesquisa) que permitissem sair do lugar conhecido (docência) para navegar e atracar em outros portos, devanear em ilhas inspiradoras, escolher novos caminhos, sem perder o referencial de chegada (ensino). Saímos com uma carta de navegação e um destino, mas sem

um roteiro pré-estabelecido. Foi um caminho construído aos poucos e passo a passo, e que passamos a descrever.

Do ensino à pesquisa: o encontro dos caminhos

Em 1999, solicitamos aos alunos que escrevessem um trabalho sobre um tema de psicopatologia, baseado em uma experiência direta ou indireta, para ser apresentado no final do ano.

No término do primeiro semestre, os alunos haviam apenas apresentado uma carta de intenção sobre o tema e a experiência que desejavam desenvolver. Foi o primeiro contato com as escolhas, um material ainda bastante incipiente. Nesse momento, nem nós, nem os alunos tínhamos clareza sobre o caminho que essa produção iria tomar.

Orientamos, então, que esse trabalho fosse apresentado em forma de artigo, seguindo as normas científicas usadas pela revista “Estudo de Psicologia”, uma publicação do Instituto de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

No segundo semestre, os alunos entregaram a primeira versão do texto e fomos lendo e fazendo algumas observações, desde sempre com um cuidado para não desconsiderar o desejo do aluno. A leitura, porém, fazia-nos também associar livremente, questionar e fazer sugestões a partir das ressonâncias que o texto nos causava.

Nesse ano, ainda tínhamos contado no primeiro semestre com a possibilidade de alguns alunos irem ao hospital psiquiátrico e terem contato direto com pacientes psiquiátricos, fato que começou a ser relatado nesse espaço de escrita. Outros alunos, sem essa oportunidade, buscavam outras e diversas experiências, tais como filmes, produções literárias, artísticas, terapêuticas e acontecimentos da vida real.

Os textos produzidos pelos alunos foram avaliados formalmente apenas no final do ano, considerando os seguintes critérios: adequação à proposta, ou seja, tema e experiência relacionados à psicopatologia; coerência, consistência teórica e pesquisa bibliográfica.

No final do ano, com os textos dos alunos em mãos, nasceu a idéia de reunirmos essa produção desse grupo de alunos num único exemplar que batizamos de “ensaios de psicopatologia”, uma revista informal, de circulação interna da disciplina.

A composição artesanal da revista foi feita pela docente: o nome, a capa, o editorial e o índice. A seqüência dos artigos foi mais ou menos aleatória, na medida em que pensamos que o inconsciente e a subjetividade da docente influenciaram a escolha, pois foram utilizados critérios de originalidade e criatividade na comparação entre os textos, assim como o impacto emocional causado pela produção apresentada.

Quanto à seleção dos artigos para a “revista”, a princípio a idéia era que todas as produções fizessem parte da mesma, ou melhor, no início da proposta

essa idéia de revista ainda não existia. No momento em que surgiu a idéia, pensamos que seria um espaço para todas as produções.

Os artigos que não fizeram parte da revista foram excluídos pelos seguintes critérios: não relacionados a uma experiência; não entregues dentro do prazo estabelecido.

Finalizada a composição da revista, apresentamos essa produção à direção do curso de psicologia e solicitamos cópias para que pudéssemos entregá-las aos alunos “autores” como reconhecimento do trabalho realizado e também para que tivéssemos algumas para serem utilizadas como um recurso de ensino com a turma de alunos do ano seguinte.

A partir dessa experiência inicial, nos anos seguintes, ao apresentarmos o programa da disciplina, reapresentamos essa proposta de elaboração de texto e colocamos nesse momento, um enquadre mais claro para a realização da mesma.

Foram mantidas as seguintes combinações em 1999: escolher um tema de psicopatologia baseado em uma experiência de livre escolha, e seguir as normas científicas para elaboração de artigo, ou seja, título, nome dos autores, resumo, palavras-chave, abstract, key word, corpo do artigo com ou sem subtítulos e referências bibliográficas.

Além dessas combinações, algumas fases foram estabelecidas para que o texto fosse elaborado gradualmente ao longo do ano - primeira: carta de intenções revelando o tema e a experiência escolhida; segunda: relato da

experiência; terceira: fichamentos de artigos recentes relacionados ao tema; quarta: primeira versão do artigo segundo as normas científicas e última etapa: entrega final.

Vale ressaltar que o acompanhamento dessa produção pela docente, foi bastante limitado, pois a disciplina era apenas teórica e o número de alunos era grande (de 50 a 70). A cada etapa procurávamos dar um retorno para o aluno, o qual acontecia das seguintes maneiras: com observações escritas no próprio trabalho entregue pelo aluno ou através de breves contatos no início ou final da aula.

Ao final de cada ano, reuníamos o conjunto de textos produzidos pelos alunos para a composição de um novo número da revista e solicitávamos cópias à direção do curso de psicologia .

Os exemplares do segundo número, com os textos produzidos em 2000, foram entregues aos alunos durante a mostra de estágio de psicologia clínica, em que também foi apresentado um pôster sobre essa experiência de ensino configurada no formato de revista.

Atualmente, encontramos-nos com a produção de seis grupos de alunos de classes diferentes que desenvolveram a mesma proposta. São seis grupos diferentes de alunos ao longo de quatro anos, pois no ano de 2001 e 2002 ministramos a disciplina em duas classes.

Utilizando os pressupostos da teoria psicanalítica, podemos dizer que a leitura dos textos elaborados pelos alunos, como docente, instigou a atenção

flutuante da pesquisadora que se viu mobilizada a investigar comunicações carregadas de sentidos a serem buscados.

Como docente-pesquisadora, já estamos imersas no campo da pesquisa, o que nos torna pesquisadora-participante e esse fato, agregado à concepção de inconsciente, faz-nos pensar que, desde o início dessa experiência, a pesquisa já havia começado, latente, mas no momento em que esses dados nos chegaram, percebemos que estavam prenhes de sentidos a serem buscados, que nos intrigavam e até angustiavam pelo desconhecimento do caminho a ser trilhado na investigação do que intuímos que nos daria algumas respostas.

A leitura de um texto de Caon (1994) sobre serendipidade e situação psicanalítica de pesquisa, neste momento, empresta o sentido para essa constatação. Serendipidade, no sentido geral, significa a faculdade de realizar acidentalmente descobertas e achados não intencionalizados. Introduzindo o conceito de determinismo psíquico e desejo (o que torna insustentável a inintencionalidade), o autor redefine o termo como “faculdade de fazer acidentalmente descobertas desejadas” (Caon,1994, p.21).

Podemos dizer que, desde o primeiro ano dessa experiência, o conjunto das produções apelava para um olhar de novo. Tivemos clareza de que esse era o material que queríamos pesquisar, mas faltava delimitar o foco e o caminho para investigar melhor o objeto de nossa pesquisa. Foi um processo longo e inquietante para dar nome ao que, de início, era apenas uma intuição.

Lembramos, então, que são inúmeros os exemplos em que Freud toma seu material indiferentemente da clínica ou da cultura. Utiliza a literatura, para escrever “Delírios e Sonhos na Gradiva de Jensen” (1907), a pintura em seu texto “Uma lembrança da infância de Leonardo da Vinci” (1910) e a antropologia em “Totem e Tabu” (1912-13). Na análise do caso Schreber (1911), a interpretação analítica efetua-se por meio dos próprios escritos do paciente.

Colocar num mesmo plano os fenômenos observados na clínica e fora dela, é fato considerado por Freud como legítimo, sempre que haja uma permeabilidade entre os dois espaços e sempre que as diferenças entre um espaço e outro sejam suficientemente conhecidas e constantes, para que o observador possa levar em conta, em sua avaliação, os fenômenos em causa.

De fato, é evidente que recusar toda interpretação de fenômenos que se manifestam fora do quadro de cura equivale a tomar por nula e inexistente a aptidão do espírito humano para a atividade de simbolização, a qual se encontra na base da relação do sujeito com o mundo exterior (Grodeck, 1988).

Hermann (1997) afirma que a pesquisa psicanalítica acontece sempre que uma relação psíquica surge, seja entre duas pessoas, seja entre uma pessoa que pensa e significa aquilo que vê: uma obra de arte, uma instituição, um fenômeno cultural.

A partir dessas reflexões, estabelecemos o novo enquadre diante deste material de ensino e delimitamos a nossa pesquisa, que se desenvolve num

setting pedagógico com pesquisador-participante e que vai utilizar como instrumento os textos escritos pelos alunos sobre um tema de psicopatologia baseado em uma experiência de livre escolha.

A pesquisa: o caminho encontrado

O ensino de Psicopatologia para psicólogos foi o campo delimitado para a realização dessa pesquisa. Esse ensino acontece através da disciplina Psicopatologia que faz parte do currículo do curso de Psicologia, um dos cursos oferecidos pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas, caracterizada como uma Universidade particular e confessional.

Como participantes dessa pesquisa, caracterizamos o sujeito coletivo num processo de formação (Vaisberg, 1999). Foi um grupo formado a partir de critérios acadêmicos mas, para essa pesquisa, consideramos natural, pois nenhuma intervenção foi feita para sua formação, visando à realização da mesma.

É um grupo composto pelos alunos da quarta série do curso de Psicologia e que cursaram Psicopatologia II em 1999, 2000 e 2002. São, portanto, três classes diferentes, com um número de alunos que variou de 50 a 70.

São alunos devidamente matriculados no curso de Psicologia, aprovados nas séries anteriores, com a possibilidade de estarem cursando

dependência, mas aprovados em Psicopatologia I, considerada pré-requisito para Psicopatologia II.

São geralmente jovens com idade variando de 21 a 24 anos, de ambos os sexos, com predominância do feminino, de classe média ou média alta, visto estarem cursando uma Universidade particular.

Como instrumento dessa pesquisa, utilizamos uma antologia de textos (documentos) escritos pelos alunos sobre um tema e experiências relacionados à psicopatologia, ambos de livre escolha. São considerados documentos quaisquer materiais escritos que possam ser usados como fonte de informação sobre o comportamento humano (Phillips, 1974).

Quanto à utilização de textos na pesquisa, Bauer & Gaskell, referem que:

Há dois tipos de textos: textos que são construídos no processo de pesquisa, tais como transcrição de entrevista e textos que já foram produzidos para outras finalidades quaisquer. Todos estes textos, podem ser usados para fornecer respostas às perguntas do pesquisador (Bauer & Gaskell, 2002, p.195).

Holsti, Guba E Lincoln (apud Ludke & André, 1986) apresentam uma série de vantagens para o uso de documentos na pesquisa ou na avaliação educacional:

- quando o interesse do pesquisador é estudar o problema a partir da própria expressão dos indivíduos, ou seja, quando a linguagem dos sujeitos é crucial para a investigação. Nessa situação, incluem-se todas as produções do

sujeito em forma escrita: redações, dissertações, testes projetivos, diários pessoais, cartas, etc.;

- os documentos constituem uma fonte estável e rica, pois persistem ao longo do tempo, e podem ser consultados várias vezes, servindo, inclusive, de base a diferentes estudos, o que dá mais estabilidade aos resultados obtidos;

- constituem, também, uma fonte poderosa de onde podem ser retiradas evidências que fundamentem afirmações e declarações do pesquisador;

- representam uma fonte natural de informação. Não são apenas uma fonte de informação contextualizada, mas surgem num determinado contexto e fornecem informações sobre esse mesmo contexto;

- constituem uma fonte tão repleta de informações sobre a natureza do contexto que nunca deve ser ignorada, quaisquer que sejam os outros métodos escolhidos.

Para essa pesquisa, dos seis conjuntos de textos produzidos por seis grupos diferentes de alunos ao longo dos quatro anos, pois em 2001 e 2002 ministramos a disciplina em duas classes, trabalhamos com a metade, ou seja, três conjuntos

Escolhemos os anos de 1999 e 2002 por serem o primeiro e o último ano da experiência. Para compor o terceiro conjunto, fizemos a escolha por sorteio entre os três conjuntos de 2000 e 2001, ficando, dessa forma, estabelecido o conjunto de 2000.

A fim de que o propósito da pesquisa não fosse um elemento perturbador do processo ensino-aprendizagem, a seleção e a análise dos textos só ocorreram após o encerramento da disciplina; portanto, trabalhamos com documentos considerados finalizados pelos alunos e que não estavam mais sujeitos a serem modificados pelas motivações e desejos mesmo que inconscientes, da pesquisadora.

Para análise do conjunto dos textos, foram utilizados todos os elaborados nos anos e classes escolhidos, independente de sua avaliação na disciplina ou de terem sido publicados na revista *Ensaio de Psicopatologia*. A produção dos três conjuntos soma um total de 52 textos.

Desse conjunto de textos, foram selecionados artigos de cada ano, considerando a experiência escolhida, para análise e interpretação de conteúdo. A partir do levantamento prévio, classificamos três tipos de experiências utilizadas pelos alunos: contato com a própria experiência; contato direto com a experiência do outro através de estágio, visita, entrevista, observação e contato indireto através de filme, leitura, relatos e mídia.

Como a mesma experiência repetiu-se em dois ou mais artigos no mesmo ano, fizemos a escolha aleatória de apenas um representante de cada experiência em cada ano (contato com a própria experiência, contato direto e contato indireto) . Foram analisados sete textos no total pois o relato de contato com a própria experiência só apareceu em 1999.

A análise do material foi feita à luz do referencial psicanalítico, focalizando, especialmente, a apreensão do objeto psicopatológico através da interpretação de conteúdo das produções escritas dos alunos realizadas no processo de ensino-aprendizagem da disciplina psicopatologia .

Os conceitos serviram para a transmissão mais sistemática do que foi apreendido e não como determinante do que deveria ser captado. Utilizamos as contribuições da Psicanálise como referencial para apreensão, interpretação e transmissão do conhecimento obtido.

Por outro lado, não podemos deixar de considerar que, antes da decisão da utilização dos textos para essa pesquisa, todos foram lidos e avaliados com outro objetivo, o pedagógico.

Especialmente para essa pesquisa, os textos foram analisados por nós, em conjunto com o orientador e uma supervisora, todos com formação em psicanálise.

Inicialmente, retornamos à leitura de um texto escolhido aleatoriamente, com a finalidade de entrarmos em contato com o material conhecido, mas agora com um novo olhar, muito menos avaliativo e muito mais investigador. Nesse momento, através dessa releitura, foram se destacando temas com a emergência de sentidos, que apontavam possibilidades para pensarmos nos nossos pressupostos e objetivos.

Elaboramos, então, um quadro do conjunto de textos de 1999, 2000 e 2002 para visualizarmos melhor o conjunto, propiciando, assim, uma análise

descritiva dos seguintes aspectos formais: título, palavras-chave, tema, subtema, sujeito focalizado e experiência escolhida.

Para a análise de conteúdo, consideramos que os textos foram elaborados

a partir da proposta de um enquadre científico, porém compreendemos que tal qual uma técnica projetiva, a partir das instruções iniciais, o conteúdo da produção revelou-se uma elaboração subjetiva uma vez que o aluno tinha total liberdade para fazer escolhas sobre o tema, subtema, a experiência, a abordagem, as referências, o estilo e a composição do texto.

Para a interpretação, os textos foram considerados então, como produtos análogos ao sonho. Vários autores propõem pensar essa analogia entre produção onírica e produção literária (Freud, 1908; Ferreira, 1989; Andrade, 1988; Mathieu, 1967; Anzieu, 1993), considerando os seguintes aspectos:

- ambos são textos do humano;
- constituem uma forma de passagem entre o processo primário e o processo secundário;
- ambos estão regidos pelo princípio do prazer e constituem-se através de um jogo de símbolos;
- o sonho só é conhecido pelo seu texto, narrado pelo sonhador.

Nessa pesquisa, para análise desses textos utilizamos como referência o método proposto por Mathieu (1967), que faz essa analogia no seu ensaio

sobre a interpretação psicanalítica do Mito Céltico. Seu fundamento consiste em considerar que o sistema temático de um ciclo de mitos (novelas, contos ou de qualquer outra produção acabada, realizada por e para uma unidade de produção relativamente homogênea) abre caminho à interpretação psicanalítica da mesma maneira como as associações abrem caminho à interpretação dos sonhos, a partir do relato de quem sonha.

O procedimento técnico consiste em destacar, através da diversidade dos relatos, a repetição de alguns temas. A estrutura básica do relato, que está constituído pelos temas recorrentes, é que define o seu código genético, quer dizer, aquele que é capaz de proporcionar um sentido e uma significação.

Com esses pressupostos seguimos os seguintes passos:

- imersão nas leituras dos textos, tantas vezes quantas foram necessárias, para destacar os temas recorrentes que, por sê-los, foram considerados essenciais, constituindo o código gerador de sentido do relato;
- atenção a todas as referências que foram aparecendo nos textos analisados a respeito do objeto psicopatológico, ou seja, o sofrimento psíquico, levando em consideração sua relação com os outros temas do relato;
- atenção também aos detalhes no texto, considerados como manifestações irreduzíveis do inconsciente mediante o desgaste pelo mecanismo de recorrência e pelo processo secundário;
- organização dos conteúdos emergentes para possibilitar a sua interpretação.

Portanto, a partir da análise descritiva do conjunto de textos e através de várias leituras daqueles selecionados aleatoriamente para análise de conteúdo, a fim de possibilitar a interpretação, fizemos a organização dos conteúdos emergentes a partir de cinco categorias: representações sócio culturais do objeto psicopatológico, representação psíquica do objeto psicopatológico, representação psíquica da experiência emocional, relação teoria e prática, e natureza dos textos.

As categorias, exceto as duas primeiras, já estabelecidas em nossos objetivos, brotavam dos textos e à medida em que eram trabalhadas, suscitavam o aparecimento de uma nova. As categorias emergiram, então, como idéias que iam-se ligando, num processo de livre associação, trazendo, aos poucos, um sentido para a nossa investigação. Com isso, na apresentação, foi mantida a seqüência em que foram identificadas e nomeadas.

A partir da análise descritiva dos textos produzidos nos anos de 1999, 2000 e 2002 e da análise de conteúdo dos sete selecionados aleatoriamente, foi feita a análise da escrita como um método de ensino. A análise do espaço revista e a auto-análise da docente pesquisadora foram realizadas para considerar outros dados significativos que permearam o processo da pesquisa.

A análise dessas interpretações foi realizada segundo os conceitos da teoria psicanalítica.

Para finalizar o relato do percurso seguido no desenvolvimento dessa pesquisa, gostaríamos de destacar algumas reflexões e providências tomadas com relação aos cuidados éticos.

Quanto à identificação dos autores dos textos, consideramos que a revista já faz parte da cultura da disciplina, os autores sabem de sua existência, autorizam a publicação dos seus textos e recebem um exemplar. Apesar de ser uma revista de circulação interna da disciplina, encontra-se à disposição para consulta no laboratório de Psicopatologia. Consideramos, então, que é um material de domínio público, portanto, passível de ser pesquisada. Consideramos, também, que a análise desse material não foi a análise psicológica dos autores mas da sua produção enquanto uma comunicação grupal que se apresentou como uma possibilidade de pesquisar o processo de ensino aprendizagem de psicopatologia.

Ainda assim, com o intuito de nos certificarmos de que o nosso estudo não causaria qualquer tipo de constrangimento, os textos não fazem parte do corpo da tese, estão apresentados em um volume à parte para consulta da banca e, na análise dos dados, utilizamos apenas vinhetas dos textos. Os autores, cujos textos foram usados para análise de conteúdo, foram contatados e assinaram um termo de consentimento (Anexo1).

CAPÍTULO V

RESULTADOS E DISCUSSÃO

“Como na música, o intérprete transforma o sentido possível, imprimindo-lhe seu estilo peculiar, comunicando ao ouvinte não só sobre a partitura que executa, mas também sobre a sua própria forma de sentir. Acontece que o ato de ouvir é também transformador segundo seus próprios cânones prevalentes naquele momento, de modo que a mesma música não soa uniformemente a todos os seus ouvintes, antes sendo recriada também por estes. Vemos, assim, a emoção surgir como uma categoria formal de percepção e de comunicação, sem a qual o objeto percebido não teria consistência” (Silva, 1993).

Análise descritiva do conjunto de textos

Os textos produzidos em 1999, 2000 e 2002 ofereceram dados que foram organizados em tabelas para visualizarmos melhor o conjunto. Essa

panorâmica possibilitou uma análise descritiva dos seguintes aspectos formais: título, palavras-chave, tema, subtema, pessoa focalizada e experiência escolhida.

Tabela 3 – Textos produzidos em 1999

Título	Palavras chaves	Tema	Subtema	Pessoa(s)	Experiência
Loucuras do cotidiano ou o cotidiano e a loucura	Loucura, cotidiano, vio-lência, tratamento, mo-dernidade	Loucura	Cotidiano	Persona-gem de lite-ratura e ca-sos da vida real	Leitura de li-vros e contato através da mídia
Alucinação e delírio: um sentido para uma história especial	Alucinação, delírio, paciente psiquiátrico, prática de psicopatologia, percepção intuitiva	Psicose	Delírio e alucinação	Paciente psiquiátrico	Estágio em hospital psiquiátrico
Comunicação não verbal: uma possibilidade de contato com o paciente psicótico	Comunicação, paciente psicótico, experiência	Psicose	Comunicação não verbal	Paciente psiquiátrico	Estágio em hospital psiquiátrico
A experiência do observador na situação grupal em uma instituição psiquiátrica	Grupo, psicóticos, obser-vador, transferência, contratransferência	Psicose	O papel do observador	Grupo de pacientes psicóticos	Estágio em hospital psiquiátrico
Descobrir a transferência e a contratransferência no atendimento de um paciente com esquizofrenia	Transferência, contra-transferência, relação te-rapeuta-paciente, psico-diagnóstico, paciente esquizofrênico.	Esquizo-frenia	Transferência e contratrans-ferência	Paciente de clínica escola	Estágio em psicodiagnó-s-tico
Personalidade neurótica: principais conceitos da teoria de Karen Horney identifica-dos em um membro da irmandade de neuróticos anônimos	Personalidade, neurose, psicopatologia, psicaná-lise	Neurose	Sintomas	Membro de neuróticos anônimos	Observação de reunião de neuróticos anônimos
A formação do aluno de psicologia e os sintomas depressivos nos últimos anos da graduação	Psicoterapia, depressão, informação	Depressão	Sintomas	Alunos de psicologia	Cursar psicologia
Acompanhamento de uma criança autista	Acompanhamento, autis-mo, processo e evolução	Autismo	Acompanha-mento	Criança autista	Estágio em um centro de atenção ao deficiente
Diagnóstico psicológico: uma polêmica em questão	Normalidade, anormali-dade, diagnóstico médico e psicológico, relação terapeuta paciente	Normal e anormal	Diagnóstico psicológico	Pessoas normais internadas em hospital psiquiátrico	Leitura de relato de experiência

Sociopatia: considerações sobre o maníaco do parque	Sociopatia, crime, morte, assassino serial, maníaco	Sociopatia	Crítérios diagnóstico	Caso real	Contato pela mídia
A alucinação e o vínculo tratados pela abordagem comportamental behaviorista radical	Vínculo, alucinação, terapia comportamental	Alucinação	Vínculo terapeuta-cliente	Personagem de filme	Assistir a um filme
A psicanálise assistindo Melvin: uma análise freudiana do filme “Melhor é impossível”.	Neurose obsessiva compulsiva, psicanálise	Neurose obsessiva compulsiva	Sintomas	Personagem de filme	Assistir a um filme
Violência: análise funcional de eventos da história de vida de um assassino	Agressividade, ambiente, análise funcional, behaviorismo radical	Violência	História de vida	Personagem de livro	Leitura de um livro
Análise do distúrbio bipolar através do filme “Mr Jones”	Psicose maníaco depressiva, distúrbio bipolar	Distúrbio bipolar	Compreensão psicológica	Personagem de filme	Assistir a um filme
A psicopatologia na copa do mundo de futebol	Psicologia do esporte, psicopatologia, esporte	Perda de consciência e controle motor	Esporte	Atleta de futebol	Contato através da mídia
Transtorno de pânico: eficácia no seu tratamento	Não consta	Transtorno de pânico	tratamento	Não consta	Não consta

- **Análise do conjunto de textos de 1999: o desejo de conhecer**

Os títulos surpreenderam pela originalidade, clareza e por despertar o interesse do leitor para o seu conteúdo. Imprimiram, desde o início, uma marca de autoria, uma vez que não reproduziram o senso comum.

As palavras-chave utilizadas foram inúmeras e pouco se repetiram, mostrando, assim, a diversidade de expressão, captação e comunicação do *pathos* enquanto sofrimento psíquico.

Com relação aos temas, foram os clássicos da psicopatologia, como psicose neurose, autismo, psicopatia. A psicose revelou a identificação clássica da psicopatologia com a loucura. Apenas quatro textos não apresentaram as classificações diagnósticas, um trouxe como base o normal e anormal, outro a violência e outros dois as alterações psíquicas: alucinação e perda da consciência.

Os subtemas mais escolhidos para falar sobre o tema foram os sintomas e o contato com a pessoa com psicopatologia. Os outros subtemas foram a compreensão psicológica, história de vida, tratamento e contextos específicos como o cotidiano e o esporte.

Consideramos que essas são as duas grandes preocupações iniciais do aprendiz de psicopatologia: conseguir identificar o tipo de patologia e os temores do contato com o doente mental. Como a proposta foi desenvolver um tema baseado em uma experiência, o contato apareceu como um fato inevitável ou, pelo menos, aproximou dessa possibilidade, despertando no aluno a necessidade de ter mais conhecimento a esse respeito, pois, no contato direto, o inusitado é um fato visto que o contato está sendo matizado a todo momento pelas reações e interações dos dois lados envolvidos.

Das experiências escolhidas, seis foram de estágio, ou seja, uma experiência de contato direto, mostrando que, apesar dos temores, existe o desejo de conhecer. Cabe uma observação aqui, no sentido de destacar que, nesse ano, a disciplina ofereceu, no primeiro semestre, uma prática optativa

no hospital psiquiátrico, o que pode ter favorecido a escolha dessa experiência para escrever o texto.

As outras nove experiências escolhidas foram: filme, leitura, e contato pela mídia, consideradas como contato indireto ou mais protegido na medida em que existe um recurso intermediário (filme, livro, mídia) que oferece um grau de aproximação que pode ser controlado, interrompido e restabelecido a qualquer momento.

Um outro tipo de experiência que surgiu e que se destacou das demais, foi cursar psicologia, experimentado pelo aluno como uma vivência causadora de sofrimento psíquico, portanto passível de ser utilizada para escrever um texto de psicopatologia. Do conjunto de textos desse ano, um único foi apenas teórico pois não focalizou nenhuma experiência para desenvolver o tema escolhido.

As pessoas focalizadas foram pacientes psiquiátricos, personagens de filme, personagens de livro, alunos de psicologia, pessoas "normais", pacientes de clínica-escola, o que trouxe uma maior mobilidade no sentido de identificar que o sofrimento mental não é exclusivo do doente mental institucionalizado, que recebeu esse rótulo e será para sempre o portador de uma loucura que o diferencia das outras pessoas consideradas "normais".

Tabela 4 – Textos produzidos em 2000

Título	Palavras-chave	Tema	Sub-tema	Pessoa	Experiência
Transtornos de personalidade: Causas secretas	Psicopatia, personalidade psicopática, transtorno de personalidade, Machado de Assis	Psicopatia	Compreensão psicológica	Personagem de literatura	Leitura de um livro
O processamento do futuro na reabilitação do doente mental: uma leitura do fazer arte no “Cândido Ferreira”	Futuro, tempo, relações interpessoais, artesanato, doença mental	Doença mental	Reabilitação do doente mental	Pacientes psiquiátricos	Visita a um serviço de saúde mental
Robert Schumann - o homem, o artista, sua época, seu sofrimento	Robert Schumann, conflito perdas, criação musical, vida e morte, sofrimento psíquico	Sofrimento mental	Sofrimento mental e arte	Artista musical do cenário mundial	Leitura sobre a vida e obra do artista
Análise do processo criativo na psicose através da arte de Vincent Van Gogh	Artes plásticas, criatividade, Psicose, Van Gogh	Psicose	Transtorno mental e criatividade	Artista plástico do cenário mundial	Leitura sobre a vida e obra do artista
Diagnóstico diferencial entre psicose e psicopatia: analisando o caso Mateus	Diagnóstico diferencial, caso Mateus, psicose e psicopatia	Psicose e psicopatia	Diagnóstico diferencial	Caso real	Contato através da mídia
Depressão no idoso: um estudo exploratório	Idoso, terceira idade, depressão, psicopatologia	Depressão	Aspectos biopsicossociais	Idosos	Entrevista com idosos participantes de um programa para terceira idade
A perícia psicológica e os aspectos psicopatológicos no campo da psicologia forense	Doença mental, perícia psicológica, manicômio judiciário, penitenciária	Doença mental	Doença mental e ato criminoso	Presos	Estágio na penitenciária
Como compreender um criminoso: algumas considerações da psicologia forense e da psicopatologia	Personalidade criminal, personalidade anti-social	Personalidade anti-social	Compreensão psicológica do criminoso	Criminoso	Leitura de um relato de um crime
Da ilha ao continente: a saúde mental que todos almejam	Alucinação, reclusão narcísica, mecanismo de defesa	Alucinação	Compreensão do funcionamento psíquico	Robinson Crusoe	Leitura de um livro
Esquizofrenia: classificação e critérios diagnósticos e suas implicações para um caso clínico	Esquizofrenia. classificações diagnósticas, implicações clínicas	Esquizofrenia	Critérios diagnósticos	Paciente psiquiátrico	Estágio em um serviço de saúde mental

A rotina de Marina: uma paciente esquizofrênica	Esquizofrenia, diagnóstico, sessão terapêutica	Esquizofrenia	Frequência da paciente às sessões terapêuticas	Paciente de clínica-escola	Estágio em psicodiagnóstico.
Transtorno obsessivo-compulsivo: conceitualização e intervenção segundo o modelo de seleção pelas consequências	Compulsão, análise funcional, intervenção, contingências, behaviorismo radical	Transtorno obsessivo-compulsivo	Visão behaviorista do conceito de compulsão	Paciente	Acompanhamento terapêutico
Los Horcones: reflexões do programa para crianças com autismo	Autismo, tratamento, Los Horcones	Autismo	Tratamento	Crianças autistas	Leitura de um relato da experiência obtido através da internet
Lado a lado com a psicopatia	Transtorno de personalidade anti-social, serial killer, hedonismo, inteligência	Psicopatia	Compreensão psicológica	Personagem de filme	Assistir a um filme
Experiência em um hospital geral	Hospital geral, psiquiatria, comportamentos obsessivos, diagnóstico diferencial	Comportamentos obsessivos	Diagnóstico diferencial	Paciente	Estágio no hospital geral
A natureza da ansiedade em crianças e adolescentes	Adolescência, medo, fobia	Ansiedade	Diferencial entre medo, fobia e ansiedade	Crianças e adolescentes	Não consta
Bruno - um coração sem afeto sob o olhar da psicopatologia	Psicopatia, vazio emocional, egoísmo	Psicopatia	História de vida	Caso clínico	Leitura de relatório de caso clínico
Trabalho interdisciplinar numa enfermaria psiquiátrica	Trabalho interdisciplinar, dor mental	Doença mental	Internação psiquiátrica	Paciente psiquiátrico	Estágio em enfermaria psiquiátrica no hospital geral

- **Análise do conjunto de textos de 2000: a expectativa**

Os títulos, assim como em 1999, continuaram originais porém chamaram a atenção pelo fato de alguns indicarem a escolha de determinados

contextos: cenário artístico mundial, campo da psicologia forense e hospital geral.

As palavras-chave apareceram também em grande número e bastante diversificadas. De sessenta e seis apenas se repetiram de duas a três vezes as seguintes: psicopatia, doença mental, psicose e esquizofrenia.

Os temas referiram-se às categorias diagnósticas, tais como esquizofrenia, psicopatia, autismo, depressão, psicose. O termo doença mental apareceu utilizado em três artigos, nomenclatura que nos remeteu ao modelo médico. Já os termos personalidade anti-social, transtorno obsessivo compulsivo, também presentes em dois textos, indicaram a referência aos manuais sindrômicos de classificação; comportamentos obsessivos e ansiedade foram temas tratados com uma abordagem comportamental.

Apesar da existência de posições diferentes ao nomear os temas, eles podem ser considerados clássicos na psicopatologia, porém, o que se destacou foram os subtemas originais em que foram olhados como, por exemplo, nos artigos sobre dois grandes artistas do cenário mundial: Schumann e Van Gogh, em que os sintomas foram analisados considerando sua produção artística e criatividade, outros dois artigos relacionaram doença mental e criminalidade.

As pessoas focalizadas foram diversas, prevalecendo o paciente psiquiátrico ou clínico que foram focalizados em sete textos sendo que os outros apareceram de uma a duas vezes e foram: personagem de literatura,

artistas do cenário mundial, caso atual veiculado pela mídia, criminoso, idoso, criança autista, criança e adolescente.

As experiências relatadas foram buscadas em filmes, produções literárias e artísticas, terapêuticas e acontecimentos da vida real, sendo que oito foram experiências de contato direto e nove de contato indireto. Observamos, também, esse ano que um texto apresentou-se apenas teórico, não focalizando nenhuma experiência.

Os contextos, como os títulos já indicavam, foram diversos: o clínico, o institucional, o forense, o cenário artístico e o cotidiano.

Tabela 5 – Textos produzidos em 2002

Título	Palavras chaves	Tema	Subtema	Pessoa	Experiência
Reality Show: o normal e o patológico na construção de vínculos na pós-modernidade	Vínculos, reality show, pós-modernidade, psicopatologia	Normal e patológico	Construção de vínculos na pós-modernidade	Telespectadores e participantes de programa de reality show.	Observação de telespectadores de programa de reality show e contato através a mídia.
Adolescência normal ou patológica: uma análise de “Valsa nº 6” de Nelson Rodrigues	Adolescência, normal e patológico, Nelson Rodrigues, Psicanálise	Normal e patológico	Adolescência	Personagem de livro	Leitura de um livro
A arte de ser louco e a loucura de fazer arte: uma reflexão sobre a dialética arte e loucura	Arte, doença mental, arte-terapia	Doença mental	Arte	Pacientes psicóticos	Entrevista com psicóloga
O caso Gein: um estudo sobre necrofilia	Parafilias, perversão sexual, necrofilia	Perversão sexual	Necrofilia	Caso real	Leitura de um relato
Violência: esta é a mensagem, qual será a resposta	Violência, psicopatologias, sociedade	violência	Normal e patológica	Pessoas que sofreram violência	Entrevista com pessoas que sofreram violência

Síndrome de Estocolmo: uma análise psico-lógica de um dos temores da atualidade - o seqüestro	Seqüestro,síndrome de Estocolmo, aspectos psicológicos, filme “O seqüestro de Patty Hearst”	Síndrome de Estocolmo	Aspectos psicológicos	Personagem de filme e caso real	Assistir a um filme e contato através da mídia
Estresse pós-traumático: uma análise sobre o filme “refém do silêncio”	Transtorno de estresse pós-traumático, compreensão psicológica, sofrimento psicológico, filme “refém do silêncio”	Estresse pós-traumático	Diagnóstico	Personagem de filme	Assistir a um filme
Análise do filme “Seven - os sete pecados capi-tais”: compreendendo a psicopatia	Psicopatia, transtorno de personalidade	Psicopatia	Compreensão psicológica	Personagem de filme	Assistir a um filme
Explorando o transtorno dissociativo de personalidade através da personagem Sarah Taylor	Transtorno dissociativo de personalidade, personalidade primária, personalidade secundária, trauma de infância	Transtorno dissociativo de personalidade	Compreensão psicológica	Personagem de filme	Assistir a um filme
Psicose ou transtorno dissociativo? Um estudo sobre o diagnóstico diferencial baseado no filme “K-Pax”	Psicose, transtorno de personalidade, transtorno dissociativo, diagnóstico diferencial	Psicose e transtorno dissociativo	Diagnóstico diferencial	Personagem de filme	Assistir a um filme
“Garota interrompida”: um caso de transtorno borderline	Transtorno de personalidade borderline, sintomatologia, filme “garota interrompida”.	Transtorno de personalidade borderline	Sintomatologia	Personagem de filme	Assistir a um filme
Esquizofrenia: uma análise do filme “uma mente brilhante”	Esquizofrenia, filme “uma mente brilhante”, aspectos individuais, familiares e sociais	Esquizofrenia	Implicações individuais, familiares e sociais	Personagem de filme	Assistir a um filme
Relacionando os sintomas da esquizofrenia com o personagem do filme “uma mente brilhante”	Psicose,esquizofrenia, síndromes psicóticas, sintomatologia, filme “uma mente brilhante”	Esquizofrenia	Sintomatologia	Personagem de filme	Assistir a um filme
“Psicose” : do filme a teoria	Psicose, sintomatologia, filme “psicose”	Psicose	Sintomatologia	Personagem de filme	Assistir a um filme
O preconceito na saúde mental	Preconceito, saúde mental, mudança, serviço de saúde mental	Doença mental	Preconceito	Pacientes psiquiátricos	Visita a serviço de saúde mental
Auto mutilação: qual é o sentido?	Auto mutilação, auto agressão, masoquis-	Auto mutilação	Compreensão psicológica	Personagem de filme	Assistir a um filme

	mo, filme a cela				
Pedofilia: a invasão de outro ser	Pedofilia, abuso sexual infantil, violência	Pedofilia	Papel do psicólogo	Caso atual veiculado pela mídia.	Contato através da mídia
Pedofilia	Pedofilia, transtornos sexuais, impulso para-fílico	Pedofilia	Implicações psicológicas e legais	Caso atual veiculado pela mídia	Contato através da mídia

- **Análise do conjunto de textos de 2002: a possibilidade**

Os títulos continuaram criativos, imprimindo a marca de um trabalho personalizado. Apontaram temas presentes no cenário atual, veiculados intensivamente através da mídia, como violência, reality show e pedofilia.

As palavras-chave continuaram extremamente diversificadas e, de sessenta e duas repetiram-se de duas a três vezes apenas as seguintes: transtorno dissociativo, esquizofrenia, sintomatologia, pedofilia e violência.

Os temas clássicos continuaram aparecendo como esquizofrenia, psicopatia, psicose e loucura mas apareceram também temas novos que não foram abordados nos anos anteriores, como por exemplo, perversão, violência, síndrome de Estocolmo, estresse pós-traumático, transtorno dissociativo, transtorno de personalidade borderline.

Observamos que alguns temas como pedofilia, esquizofrenia e transtorno dissociativo apareceram duplicados, dois deles tratavam de situações que estavam sendo na época veiculadas pela mídia: um, sobre um

fato real de pedofilia amplamente divulgado e outro, um filme ganhador do Oscar, exibido nos cinemas na época e bastante comentado.

Como vimos, os temas não ficaram restritos às categorias diagnósticas, o tema normal e patológico, violência e auto-mutilação, apontaram para uma delimitação muito mais compreensiva do que classificatória. As temáticas passaram pelas tradicionais e incorporaram as ligadas à nossa contemporaneidade.

Os subtemas escolhidos priorizaram a compreensão psicológica em oito textos, sintomatologia em três, diagnóstico em dois e outros aparecendo uma vez, tais como: vínculos, adolescência, arte, necrofilia, preconceito, implicações legais e o papel do psicólogo.

Quanto à pessoa focalizada, prevaleceu maciçamente personagem de filme, personagem de livro, casos veiculados pela mídia, caracterizando, portanto, a experiência de contato indireto. As pessoas focalizadas através de experiência de contato direto foram telespectadores de programa de tv, pacientes em dois textos e pessoas que sofreram violência.

As experiências de contato indireto foram filme, leitura de livro, leitura de relato de jornal, contato através de mídia e as de contato direto foram de observação, entrevista e visita.

Ao relacionarmos as temáticas e a experiência escolhida observamos que, ao mesmo tempo em que as primeiras apontavam para uma aproximação de uma realidade contemporânea, a experiência escolhida foi de um contato

indireto. Uma das hipóteses é que filme é um recurso rápido, viável e acessível que pode ter facilitado a realização da tarefa proposta. Por outro lado, como esse é um fato que não ocorreu nos anos anteriores, supomos que, justamente pela proximidade ao falar dos males atuais, a experiência escolhida foi de um contato indireto, como um meio mais protegido de aproximação da realidade do sofrimento psíquico.

Análise de conteúdo dos textos selecionados

Essa análise foi realizada através de várias leituras dos textos e, para possibilitar a sua interpretação, fizemos a organização dos conteúdos emergentes por meio de cinco categorias: representações sócio-culturais do objeto psicopatológico, representação psíquica do objeto psicopatológico, representação psíquica da experiência emocional, relação teoria e prática e natureza dos textos.

As duas primeiras categorias foram fundamentadas nos conceitos de representação propostos por Freud (1915) e Käs (1977) e já estavam pré-estabelecidas, definidas como um dos nossos objetivos. As demais, como já descrito no método, brotavam dos textos e, à medida que eram trabalhadas, suscitavam o aparecimento de uma nova. As categorias emergiam, assim, como idéias que iam-se ligando, num processo de livre associação trazendo,

aos poucos, um sentido para a nossa investigação. Nessa apresentação, foi mantida a seqüência em que foram identificadas e nomeadas.

Para dar fluência à leitura, as vinhetas dos textos foram apresentadas intercaladas com comentários, apareceram entre aspas e com a sua identificação no final da citação. Como temos sete textos, para sua identificação eles aparecem numerados com um código alfa-numérico (T1, T2, T3, T4, T5, T6 e T7) .

- **Representações sócio culturais do objeto psicopatológico**

Texto 1

As representações sócio culturais apareceram através do resgate da loucura definida pelos dicionários, pelos filósofos, pela tragédia grega e pelas obras literárias.

O sofrimento foi nomeado, inicialmente, como loucura mas, ao longo do relato, foi aparecendo nas suas mais diversas formas de expressão acompanhadas em muitos momentos de classificações específicas: depressão, esquizofrenia, psicopatia, estresse, violência.

Pelo dicionário, apresentou-se como desrazão, remetendo-nos a uma concepção marcada no século XVII, época em que, através do pensamento de Descartes, a loucura passou a ser entendida como a impossibilidade de pensar e, portanto, de saber.

“Loucura: falta de discernimento, irreflexão, absurdo, insensatez, doidice, imprudência, temeridade, como aparece nos dicionários”.

Pelos filósofos, como um dom divino, que traria aos humanos grandes bens ou como uma experiência que integrava a própria história da humanidade.

“A loucura tratada pelo filósofo Platão, era algo bom, loucura boa, que não é doença ou perdição, sendo vista como inspiração ou dom divino, traria aos humanos grandes bens. Esta loucura se manifestaria através da arte de predizer o futuro, da adivinhação, da poesia e finalmente, do amor”.

“Foucault citando o filósofo Pascal, diz que a loucura integra a história humana, de tal modo que os homens são tão necessariamente loucos que não ser louco significaria ser louco de um outro tipo de loucura”.

Nas tragédias gregas e obras literárias escolhidas e citadas, a loucura ficou associada à impetuosidade de emoções como a vingança, o remorso, a paixão e a disputa pelo poder.

“As imagens das loucuras praticadas nas famosas tragédias gregas, como por exemplo, na Medéia, quando a mãe e esposa, enlouquecida com a possibilidade de ser passada para trás por seu

esposo, que a trocaria por uma jovem princesa, mata seus próprios filhos e provoca a morte da noiva e assim atinge o coração do marido com uma das mais cruéis vinganças que se pode imaginar”.

“O famoso Édipo, que se auto-flagela, cegando a si mesmo quando a verdade acerca de sua existência vem à luz e ele descobre ter matado o pai e desposado a mãe, tendo um filho com ela, não é um ato louco também?”

“Nas obras literárias, por exemplo Shakespeare em Romeu e Julieta questiona se não é a loucura que faz acontecer a disputa perpetuada nas famílias rivais, provocando a morte do jovem Mercúrio e a proscricção do amor entre Romeu e Julieta? Também se não seria louco o pacto que fizeram os dois apaixonados, de enganar a todos com a morte aparente de Julieta, para fugirem da família e viverem seu grande amor?”

O termo psicopatia apareceu como uma referência ao sofrimento relacionado a uma cultura narcisista, que desconsidera as necessidades humanas e, ao mesmo tempo, incrementa a vaidade e a ambição que levam a uma atuação de lesar o outro sem culpa ou remorso.

“Barboza (1999) em seu artigo intitulado a psicopatia dos bem sucedidos afirmou: a nossa cultura é, sem dúvida, narcisista, na medida em que glorifica o poder e o lucro, sacrificando as pessoas, o meio ambiente, a qualidade de vida, as necessidades humanas. A ambição e a vaidade excessivas são características evidentes nos psicopatas”.

Ainda numa visão sócio-política, as doenças foram destacadas no domínio das emoções mas como marca do mundo moderno competitivo e exigente.

“Como afirmou Júnior (1953) em a política da loucura: o indivíduo é sempre um campo inesgotável de liberdade e possibilidades. No domínio das emoções ou do não domínio delas, surgem os detonadores de várias doenças modernas que marcam o nosso mundo competitivo, que insufla em todos o terror pelo fracasso e o vencer a qualquer custo, como está posto nas sociedade altamente desenvolvidas, onde por exemplo o desemprego ocupa um dos primeiros lugares no desconforto humano”.

A mídia foi citada como veículo de divulgação e banalização dos diferentes diagnósticos do sofrimento causado pelas tensões diárias.

“Hoje em dia, palavras como depressão, estresse, esquizofrenia, estão na mídia e não causam celeuma entre nós. O mundo moderno provoca em nós as famosas tensões diárias, que somadas uma as outras e acrescidas da necessidade de sobreviver frente a um mercado de trabalho que nos rouba a paz e o sono, prova a violência urbana”.

A loucura também apareceu como doença a ser tratada e controlada pelo médico pois podia trazer conseqüências desastrosas: violência e morte.

... ”Ora, estar doente não é ameaçador, se pensado enquanto doença que tem controle e que o paciente se submeta a prescrição de um médico, porém se foge do controle ela pode provocar a violência e até a morte”.

Texto 2

A referência cultural utilizada foi a científica e, através de um manual de classificação sindrômico, o termo psicose apareceu, então, em substituição à loucura.

“Considerando psicose segundo o CID10 (1993) como uma alteração da personalidade caracterizada pela perda de contato com a realidade, alteração de identidade, alucinações, delírios e anormalidades comportamentais”.

Texto 3

Não apareceu a representação sociocultural, pois a representação psíquica do objeto psicopatológico tomou todo o espaço, sendo comunicada através de um relato que se configurou como um depoimento pessoal.

Texto 4

A loucura apresentada através das “obras” (referências bibliográficas) apareceu associada a ataques súbitos, oferecendo a idéia de algo que acontecia

de repente, que era imprevisível e fora do controle da pessoa. Como consequência, surgia a internação psiquiátrica, como uma forma de tratamento dessas rupturas psíquicas emergenciais.

“Todas as obras consultadas referem-se apenas à ataques súbitos de loucura, dos quais o artista era acometido com frequência, ataques estes sempre seguidos de internação psiquiátrica, quando estes não ocorriam já no próprio local”.

Texto 5

A representação foi a do louco agressivo e do hospital psiquiátrico como prisão que trancava e punia. Lembranças e fantasias ancestrais apareceram juntas caracterizando uma experiência que convocava ao mesmo tempo, dados da realidade tanto interna quanto externa.

“Enquanto imagino o lugar para onde estou indo, um hospital psiquiátrico, com todas as lembranças que tal nome suscita, fantasias ancestrais são evocadas e criam imagens: grades, celas fortes, camisa de força, gritos, agressões, eletrochoques, muros altos”.

Texto 6

Apareceu a figura do médico como detentor do saber sobre a loucura e sobre a diferença entre normal e patológico. Isso nos remeteu ao século

XVIII, época em que a medicina passou a responder pelo discurso autorizado sobre os fenômenos psicopatológicos.

“A personagem também busca afirmar para si mesma a diferença entre a loucura e a anormalidade. É então chamado o Dr. Junqueira, o médico, que seria o responsável pelo veredicto. A figura do médico como juiz, o detentor do saber, que determinará a diferença entre o normal e o patológico”.

Texto 7

Não apareceu a palavra loucura, a nomenclatura perversão e voyerismo, termos mais atuais e científicos, foram utilizados para nomear o sofrimento psíquico, que apareceu relacionado à perda de limite entre o privado e o público. O destaque ficou para a mudança de concepção e valores ao longo das épocas que influenciaram a visão de normal e patológico.

“No século XIX, havia uma separação bem clara entre o privado e o público. Assim, o voyerismo era considerado uma perversão, pois rompia esse limite. Atualmente essa barreira foi ultrapassada. O voyerismo perdeu a conotação de imoralidade e pode aparecer de uma forma não reprimida, visto que nestes programas, o controle das câmeras torna aspectos pessoais totalmente públicos”.

Através dessa análise, podemos dizer que as representações sócio-culturais apareceram através do resgate da loucura definida pelos dicionários, pelos filósofos, pela tragédia grega e pelas obras literárias.

A loucura foi enfatizada, através dessas citações, como uma forma impetuosa de emoções, como a vingança, o remorso e a paixão, ou como algo repentino, que invadia e precisava ser contido (T1, T4). Apareceu, também, a representação do louco agressivo e do hospital psiquiátrico como prisão que trancava e punia (T4, T5).

Além da loucura como fruto de emoções impetuosas ou agressivas, também apareceu representada como inspiração ou dom divino. Vimos, assim, num mesmo texto, numa visão ambivalente as duas faces da loucura, surgindo o contraponto da loucura e da normalidade como um limite que não é rígido e que faz parte da humanidade (T1, T6).

O sofrimento como loucura apareceu em quase todos os textos; apenas três relatos apresentaram outras formas de expressão e outras classificações: psicopatia, depressão, estresse, violência (T1) e psicose e perversão (T2, T7).

Psicopatia, psicose e perversão (T1, T2, T7), são termos mais atuais, que fazem parte de uma terminologia científica. O manual sintomático de classificação de psicopatologia (CID10, 1993), atualmente uma das referências classificatórias utilizadas, foi citado para fornecer a descrição diagnóstica para psicose. Nos textos em que apareceu psicopatia e perversão, a ênfase não foi dada à classificação ou ao critério diagnóstico mas o termo

foi utilizado como um recurso para exemplificar que a mudança de valores através dos tempos, e as pressões sociais determinavam e influenciavam a visão de normal e patológico.

Apenas em um único texto (T3) não apareceu a representação sociocultural. Nesse, a representação psíquica do objeto psicopatológico tomou todo o espaço, sendo comunicada diretamente através de um relato que se configurou como um depoimento pessoal.

De maneira geral, observamos que a representação sociocultural do objeto psicopatológico que prevaleceu foi a loucura, seja ela significada como um tipo de emoção, como agressiva ou dom divino. Traduzida através das diversas expressões míticas e culturais, marcou a sua existência com diferentes significados, em diferentes épocas, na história da humanidade. Outro fato que chamou a atenção foi a representação da medicina como detentora do saber sobre a loucura e seu tratamento, fato que nos reportou ao início da própria história da psicopatologia como uma disciplina que nasceu no berço da ciência médica.

Essas representações sócio-culturais do objeto psicopatológico como loucura confirmaram as pesquisas realizadas por Tassinari (1996), Cocciuffo (2000) e Vaisberg (1999).

Nesse sentido, concordamos com a posição de VAISBERG (1999), quando afirmou que, no ensino de psicopatologia, o aluno não traz um vazio representacional que nos competiria preencher, mas destacou que um dos

desafios nessa tarefa, consiste na desconstrução das representações sócio-culturais que o aluno já traz consigo.

- **Representações psíquicas do objeto psicopatológico**

Texto 1

A representação psíquica apareceu inscrita de diversas maneiras ao longo do relato. No início, associada ao cotidiano como algo que se repete e provoca tédio.

“A palavra cotidiano vem daquilo que aparece todos os dias, que se faz ou sucede todos os dias. Ora, isto já traz embutido em seu significado a qualidade daquilo que provoca costumeiramente o tédio”.

A seguir, ligada à potência das emoções como o ciúme, a inveja, o fracasso, a desmedida que, quando em excesso, resultavam em forças destrutivas e auto-destrutivas.

“Se o objeto de nosso estudo é a loucura, aliada ao cotidiano, nos parece ser bem possível e acertado dizer que o ser humano quando se vê acuado por seus verdadeiros ou imagináveis monstros: o ciúme, o fracasso, a desmedida, a inveja, a miséria, volta-se contra si mesmo e age. Age como lhe

aprouver naquele mesmo momento em que a situação chega a um estágio tal saturação que ele se rebela e a forma de se rebelar pode ser praticando a violência contra ele mesmo ou contra outrem”.

Depois, pela fragilidade do self, incapaz de atender às exigências da realidade social, matizada pelas relações interpessoais. Uma posição narcísica em que as regras de convivência com o outro não podiam ainda ser suportadas.

“O doente, o louco, deve ser encarado como alguém que pede ajuda por não ser capaz de suportar os trâmites sociais das relações interpessoais, de não serem capazes de lidar com a realidade social.

Texto 2

A indiscriminação eu-outro foi claramente representada neste texto, em que o outro era vivido como extensão de si mesmo.

“Fui percebendo que S. via em mim, sua identidade perdida, pois sempre perguntava minha opinião a respeito de cores, animais e coisas que gostava, e fazia de minhas respostas suas preferências, dizendo que gostava do que eu gostava, e se por ventura eu mudasse de opinião, ele também mudava”.

A relação com o outro apareceu através de um contato marcado pelos extremos, do isolamento para uma relação de dependência intensa.

“Tal sofrimento algumas vezes resultava em um isolamento duradouro e outras em uma necessidade imensa de amparo e proteção”.

Texto 3

O sofrimento apareceu nomeado como tristeza, insegurança, incerteza, depressão, perda de interesse, auto-estima e autoconfiança baixa.

“Esse processo terapêutico é sempre angustiante e dependendo do tipo de aluno, quanto mais ele entra em contato com certos assuntos que lhe incomodam, mais triste ele fica, entrando num processo de insegurança e incerteza que quando se prolonga gera depressão”.

“Alguns alunos, que tenham mais dificuldades de resolver seus assuntos pessoais ficam preocupados, desanimados com o futuro, e podem entrar num quadro de depressão, perdem o interesse pelas aulas, ficam com a auto-estima e auto confiança baixa por não se sentirem capazes de atuar profissionalmente, a tristeza, o cansaço, a irritação também são sintomas que podem ocorrer nessas horas”.

Texto 4

O sofrimento psíquico foi aqui representado pela impossibilidade de lidar com a separação.

“Desesperado com a partida do amigo e com a impossibilidade de seu sonho se concretizar, Vincent corta a sua orelha com a intenção de presentear o amigo com tal órgão e se desculpar pelo desentendimento. Após tal episódio o artista foi internado pela primeira vez em um asilo psiquiátrico na cidade de Arles. Segundo especialistas, o artista havia tentado se matar durante várias vezes ao longo de sua vida”.

Pela impulsividade relacionada às atitudes auto-destrutivas.

“Ao tomar contato com a sua história de vida, tem-se a impressão de que Vincent era uma pessoa sem limites para exteriorizar seus sentimentos e colocar em prática suas idéias. Agia de maneira impetuosa, não levando em consideração as conseqüências de seus atos. Tais atos, muitas vezes, implicavam em atitudes auto-destrutivas e flageladoras”.

Pela apresentação de um self frágil, com baixa tolerância à frustração e à separação, que dificultam a formação de vínculos e levam à auto-destruição.

“Seu limiar de sensibilidade aos acontecimentos cotidianos era extremamente baixo e Van Gogh parecia formar poucos vínculos e de natureza extremamente intensa, que na mais tenra ameaça de dissolução, desesperava-se e dirigia-se ao auto-aniquilamento”.

Texto 5

Enquanto representação psíquica, a loucura ficou identificada como a dificuldade de estabelecer vínculos, de ter contato com os sentimentos e com a necessidade de se proteger diante de uma realidade cruel que podia lançar um olhar que ia marcar a diferença.

“Sinto que para mim, como para o doente mental, a questão não é como, mas se vale a pena se relacionar com outro ser humano”.

“Quando aquela mulher vem me mostrar o quadro que acabou de pintar, cujos traços fortes feitos a dedo, estabelecem o vazio impermeável a qualquer sentimento, só posso desejar saber que futuro a norteou naqueles traços, o que quis dizer”.

“...estão elaborando a possibilidade de se verem de um modo diferente daquela ao qual estão submetidos, seja pela fortaleza que construíram frente a uma realidade tão adversa e cruel, seja pelos que os identificaram como sendo anormais”.

O tema tempo foi o escolhido para estabelecer relações com a doença. A relação temporal ficou com o passado que guardava a chave da patologia, impossibilitava a vida e a esperança de um futuro. O futuro, enquanto ensaio de mudança, favorecia o contato com a própria loucura no presente e assim abria a possibilidade de sair das garras do passado e da imobilização.

“Nos ensaios que esse senhor realiza, o futuro, que é o desempenho de um papel, irá aos poucos modelando sua própria loucura, ela estará mais presente a ele e, ao apresentar-se começa a romper cordas que o imobilizam no passado”.

Texto 6

O contraponto e o limiar estreito entre normal e patológico apareceram como representação de um sofrimento inerente a uma fase do próprio desenvolvimento humano. Encontramos aqui a referência ao aspecto pático (e não patológico) da existência, como refere Minkowski (2000), ao tratar do sofrimento humano considerando também como objeto da psicopatologia, reações que não são patológicas em si, no sentido médico do termo.

“decido pela discussão acerca do normal e patológico, questão central para quem deseja mergulhar no universo da psicopatologia e escolho a adolescência como contexto por se tratar de um período tão bonito e rico em nuances e transformações”.

“a adolescência e sua normal anormalidade”.

Texto 7

O sofrimento apareceu representado pela exclusão, pela dificuldade em formar vínculo, que levava ao desamparo e ao sentimento de vazio.

“ao se sentir excluído e desamparado, acabou por se apegar afetivamente a boneca de forma regredida, estabelecendo, como uma criança, um vínculo com esta, que o auxiliou a superar o sentimento de vazio”.

A dificuldade de formar vínculo apareceu associada às características da sociedade atual.

“esse fato pode ser exemplificado ao se constatar que os casais formados pelos participantes e os que demonstram mais dificuldade em estabelecer vínculos com os demais, sempre permanecem por mais tempo no programa, o que revela, ainda hoje, o interesse nas relações e a identificação com a vivência de exclusão, típica da atual sociedade”.

Apontou, também, o estabelecimento de falsos vínculos com imagens criadas pela mídia.

“na sociedade pós-moderna, os vínculos passaram a ser construídos de forma superficial, distante e ilusória, tornando normal, um tipo de relação que pode ser visto como patológico, pois os contatos passam a ser não com as pessoas em si, mas sim com a própria televisão ou com os personagens criados pela mídia e os limites entre o espaço público e o privado passam a ser fundidos”.

“configurando relações que se aproximam de vínculos estabelecidos com uma imagem, com um delírio que é criado e estimulado pela mídia e vivido pela sociedade em massa”.

A necessidade de atender, de forma submissa, a um ideal de ego ditado por uma cultura narcísica que valorizava excessivamente a beleza e o corpo, foi identificada, nesse texto, como um fator de sofrimento.

“sabe-se que a bulimia é um dos distúrbios da alimentação decorrentes entre outros fatores, do desejo de se enquadrar em um modelo de beleza estabelecido, a fim de ser aceito e visto como belo, adequado e próximo ao perfeito”.

“assim, as identificações vinculares são estabelecidas de forma a auxiliar a construção da imagem e biografia, no entanto trata-se de uma relação que pode ser vista como patológica, uma vez que passa-se por limites e desejos pessoais para corresponder a demanda externa”.

Nessa análise, a representação psíquica do objeto psicopatológico apareceu através de sua revelação de *pathos* enquanto sofrimento, paixão, passividade, destacado em alguns textos, claramente, como um sofrimento inerente à experiência humana (T1, T4, T6).

Apareceu também, como uma experiência de sofrimento que se destacou pela potência das emoções diante da fragilidade do ser humano (T1, T3). Essa potência das emoções pode se revelar como a força da destrutividade contra si e contra o outro (T1, T4).

Numa explícita cisão interna, a potência ficou localizada nas emoções como se fosse um outro e o ser humano, como se não fosse senhor das próprias emoções, foi apresentado em sua fragilidade diante do seu desamparo, solidão e dependência do outro. Indicou, assim, a existência de um self não integrado o suficiente para reconhecer e utilizar essa potência em sua defesa e seu fortalecimento (T2, T4, T7).

As dificuldades nos vínculos e a não correspondência às expectativas sociais ficaram também evidenciadas como elementos de sofrimento (T1, T4, T7).

Apareceu a fragilidade do self incapaz de atender às exigências da realidade social, matizada pelas relações interpessoais indicando uma posição narcísica em que as regras de convivência com o outro não podiam ser suportadas (T1).

De outro lado, a necessidade de atender, de forma submissa, a um ideal de ego ditado por uma cultura narcísica que valorizava excessivamente a beleza e o corpo também indicou sofrimento (T7).

Nos dois casos, o ideal de ego projetados na cultura e sociedade, como representantes de um superego severo e exigente, foram apontados como fatores de sofrimento na medida em que a pessoa ou não atendia às exigências, ou se submetia plenamente a elas, comprometendo a formação de vínculos e o próprio processo de subjetivação.

A representação psíquica do objeto psicopatológico apontou, principalmente, questões narcísicas e vinculares como elementos constitutivos do sofrimento psíquico. Lembramos, então, da célebre frase de Freud que diz que “devemos começar a amar a fim de não adoecermos, e estamos destinados a cair doentes se, em consequência da frustração, formos incapazes de amar” (1914, p.101).

Podemos dizer que essa representação do sofrimento causado pelo dilema humano de sair do narcisismo para conviver com o outro diferente estava inscrita nos textos que pesquisamos.

- **Representação psíquica da experiência emocional**

Texto 1

A experiência emocional não apareceu relatada de forma direta mas, ao longo do texto, percebemos a busca intensa para nomear o sofrimento psíquico que foi apresentado através de várias expressões permeando as diversas experiências humanas. O texto foi finalizado com o ditado: de médico e louco todos temos um pouco, fazendo-nos pensar que reconheceram, através das experiências relatadas, um pouco das próprias dores.

“O mundo moderno provoca em nós as famosas tensões diárias que, somadas umas as outras e acrescidas da necessidade de sobreviver frente a um mercado de trabalho que nos rouba a paz e o sono, prova a violência urbana”.

“Todos nós, crianças e velhos, adolescentes e adultos, necessitamos de todo cuidado possível para uma vez detectado qualquer desvio de conduta ,ser tratado com carinho e afeto”.

Texto 2

Sentimentos inexplicáveis eclodiram e revelaram emoções primitivas que foram traduzidas através de sensações extremas

“Porém nenhuma das fantasias vividas foram suficientes para explicar o sentimento que eclodiu ao pisar naquele local. Era como estar ao mesmo tempo em um ambiente quente e frio”.

Essa polaridade de sensações também se refletiu no contato que, inicialmente, pareceu distante mas ao mesmo tempo próximo, em relação à existência de um ponto em comum: sentimentos e angústias não elaborados.

“ou seja, apesar de se encontrar várias pessoas, isso não fazia do ambiente algo acolhedor e o contato com eles inicialmente parecia ser algo distante, o que acredito ser atribuído tanto aos meus sentimentos e angústias ainda a serem elaborados quanto a real ausência dos pacientes devido a suas patologias”.

Texto 3

Apareceu o sentimento de solidão e a percepção de possuir angústias, conflitos e medos.

“O aluno tem que sozinho se dar conta que a teoria interfere, de alguma forma na sua vida pessoal, pois poucos professores mostram a ele a importância da análise pessoal para uma melhor compreensão de si. Fica a cargo do próprio aluno observar que assim como todas as outras pessoas, ele mesmo possui questões internas mal resolvidas, isto é, ele possui angústias, conflitos, medos”.

A angústia e a ansiedade surgiram diante da dúvida sobre a escolha do curso de psicologia, se foi para ajudar a si mesmo ou ao outro, dilema que gerou incertezas quanto à capacidade de atuação profissional num futuro próximo.

“Contudo quando o aluno começa o processo terapêutico, se depara com questões muito maiores do que imaginava ter, além de questões íntimas. É muito comum questionamentos do tipo: será que é isso mesmo que eu quero, por quê escolhi este curso, para me conhecer ou ajudar os outros, serei um bom profissional, tenho toda a teoria comigo, mas será que saberei atuar? Essas inquietações são comuns com estudantes que estão próximos de se formarem. Isso fará parte de sua vida durante esse ano inteiro, por ser os anos finais da faculdade. Como esta questão do futuro não vai ser resolvida imediatamente, o aluno começa a ficar ansioso, angustiado”.

Texto 4

Não apareceu nenhuma referência direta à experiência emocional diante do conteúdo tratado, no entanto, através das citações apareceram menções às angústias e precariedade da condição humana.

“Além de seu valor estético, a arte serve como palco para a expressão da infinidade de sentimentos humanos, ela é a tela das angústias e prazeres humanos”.

"Assim como dizia Andrade (1995), a literatura, assim como as artes plásticas e a música, é uma das grandes consolações da vida, e um dos modos de elevação do ser humano sobre a precariedade de sua condição".

Texto 5

Apareceram os temores frente às fantasias da loucura e às fantasias da própria loucura, com a percepção da necessidade de usar defesas tão concretas que se representaram através da utilização do corpo como escudo.

"Tudo isso vai povoando minha imaginação e o corpo vai se tornando um escudo para se defender do desconhecido, para não se confrontar com a própria possibilidade da loucura".

Texto 6

A experiência emocional apareceu indiretamente através da referência à uma fase da vida intensa e dolorosa que necessita ser cuidada para favorecer a formação de identidade e a relação com os pais, para o curso do desenvolvimento seguir em frente.

"dessa forma, sem negar o quanto é doloroso e intenso, acredito que pode ser profundamente bela essa época da vida, e que o psicólogo tem muito a contribuir: ajudá-lo em sua

busca de identidade, favorecer a relação entre pais e filhos, entre o adolescente e o meio e acompanhando o indivíduo nesta etapa ele estará, sem dúvida, ajudando adolescentes a tornarem-se adultos”.

Texto 7

A experiência emocional apareceu supostamente através das pessoas focalizadas no relato, identificadas como crianças desesperadas que choravam pelas perdas infantis.

“então a família brasileira inteira reunida em frente ao televisor se comoveu com a história, chorando junto aquela criança desesperada”.

“continua-se chorando como Bam-Bam, as perdas de bonecas de sucata”.

A análise da experiência emocional revelada através dos textos pôde ser apreendida através da expressão direta, percebida e mencionada (T2, T5), através da identificação maciça com o sofrimento relatado (T3) e através da expressão indireta, suposta através de uma interpretação do conteúdo latente ou de uma possível identificação com a pessoa focalizada para relatar a experiência (T1, T4, T6, T7).

Observamos, então, três formas de aproximação da experiência emocional através do mecanismo de identificação: direta e maciça com o relato do próprio sofrimento psíquico, do próprio sofrimento despertado pelo

sofrimento do outro e através do sofrimento do outro, veiculado pela pessoa e experiência escolhida para elaborar o texto.

Quando a experiência emocional foi mencionada explicitamente (T2, T5), surgiram temores frente às fantasias destrutivas da loucura e das fantasias da própria loucura, principalmente o temor de ser atacado emocionalmente pelo contato com a loucura. Apesar de revelarem uma experiência emocional intensa, a sua percepção favoreceu o contato com a realidade, confrontou as representações anteriores e oportunizou a diferenciação e reconhecimento da dor do outro.

Quando a experiência emocional apareceu como intensa e dolorosa numa identificação direta com o objeto de estudo (T3), esse fato desencadeou questionamentos em relação a própria escolha do curso de psicologia, que inevitavelmente, trabalha com a experiência de sofrimento psíquico.

Nos relatos em que a experiência emocional apareceu por identificação com a pessoa focalizada no texto (T1, T4, T6, T7), a compreensão do sofrimento do outro apareceu como uma possibilidade mas ainda de forma mais protegida, não favorecendo plenamente a diferenciação entre o próprio sofrimento e o do outro.

- **Relação teoria e prática**

Texto 1

A compilação teórica foi extensa, trazendo informações de vários saberes como a filosofia, a literatura, a mitologia, a psicologia, porém as experiências de contato com prática apareceram também como um relato. Foram citadas diversas experiências mas não houve o aprofundamento que retratasse a apreensão do sentido emocional para os autores. O sentido ficou restrito à esfera cognitiva e diante de uma situação de fato os modelos médicos e psicológicos misturaram-se e não puderam ser utilizados para um aprofundamento do caso. Surgiu uma pergunta sobre a etiologia e a resposta apontou uma alternativa terapêutica.

“Recentemente tivemos o caso, bastante documentado pela mídia, do jovem estudante de medicina que em São Paulo, em um shopping center freqüentado pela classe média alta, reduto das pessoas bem nascidas, que saiu atirando com sua submetralhadora, matando três pessoas e ferindo outras... Já se sabe que era esquizofrênico e que dependia portanto de doses constantes de remédio que ele inadvertidamente havia trocado por cocaína. É claro que a justiça terá que ponderar acertadamente analisando as condições deste jovem para sentenciá-lo... Ora, estar doente não é ameaçador, se pensado enquanto doença que tem controle e que o paciente se submeta a prescrição de um médico, porém se foge do controle ela pode provocar a violência e até a morte. Porém porque

estes jovens saíram de si, se deixaram levar pelos seus mais íntimos instintos, seria por falta de apoio, controle, podemos dizer dos seus mais próximos?”.

“Por sua vez, no trato com o doente esquizofrênico Nise da Silveira, utilizava um método muito especial: a utilização da arte como meio de expressão para os seus pacientes. Pretendia mergulhar profundamente no mundo das emoções de cada um ligando-os à arte e aquilo que ela poderia fornecer, a expressão dos conflitos como processo terapêutico”.

Texto 2

A experiência foi ocorrendo com uma teoria construída no contato e, a partir de conhecimentos anteriores, dando um sentido para o que estava sendo vivenciado. A teoria formal, segundo os autores conhecidos, apareceu no momento seguinte e amarrou os sentidos apreendidos.

A indiscriminação eu-outro, característica da psicose e relatada nos livros, apareceu no texto dessa forma:

“Fui percebendo que S. via em mim, sua identidade perdida, pois sempre perguntava minha opinião a respeito de cores, animais e coisas que gostava, e fazia de minhas respostas suas preferências, dizendo que gostava do que eu gostava, e se por ventura eu mudasse de opinião, ele também mudava”.

Em outro trecho do texto a teoria foi relacionada com a experiência vivida.

“Segundo Mauer & Resnizky (1987) através de atividades lúdicas e ocupacionais torna-se possível introduzir dosadamente o juízo de realidade e a noção de mundo externo, como algo diferente do interno. Certamente, aquele momento foi para S. um momento em que circulou muitos afetos e pensamentos. Foi um espaço de contraponto ao enclausuramento, ou seja, foi como dar a S. uma chance de ser diferente, mesmo que para isso tenha sido necessário a abstinência de meu desejo, em pedir para que falasse comigo o que estava pensando”.

Texto 3

A teoria foi usada de maneira confusa ao descrever um quadro reativo, neurótico ou leve. Não foi consistente a forma de lidar com a teoria apenas citada para dar expressão à experiência emocional que apareceu como foco principal através de todo o relato.

“Tenho toda a teoria comigo, mas será que saberei atuar?”.

“A depressão reativa aparece como reação a causas evidentes que normalmente produzem tristeza, é uma depressão que responde diretamente ao ambiente”.

“Durante alguns dias o aluno torna-se apático, perdendo o interesse frente a faculdade. Já os indivíduos neuróticos se sentem incapazes de tolerar tensões comuns do cotidiano, não tendo reservas de energia porque ao lutarem com a vida gastam todas as que possuíam”.

Texto 4

A teoria foi utilizada para compreender as manifestações da saúde mas não para compreender o sofrimento.

“A exata condição psíquica de Van Gogh não é possível inferir. Todavia a idéia de que este possuía extremas dificuldades e que sua maneira de atuar era desestruturada é evidente”.

“Ainda assim, o pintor, ator de uma vida sofrida e miserável, produziu belíssimas obras artísticas, de grande valor artístico, histórico e pessoal. Esse fato confirma a hipótese de que o ser humano, independente de sua condição moral, financeira e principalmente psicológica é sempre portador de uma esfera saudável que possui infinitas maneiras de expressão e atuação. Assim, como dizia Andrade (1995), a literatura, assim como as artes plásticas e a música, é uma das grandes consolações da vida, e um dos modos de elevação do ser humano sobre a precariedade de sua condição”.

No texto 5

Não apareceu nenhuma citação ou referência a autores e obras ao longo do texto. No final, nas referências foi citada a obra de Heidegger, indicando o

uso de conhecimentos adquiridos anteriormente. Ficou explícita assim, a base filosófica que perpassou o relato principalmente em relação ao tempo, com o seguinte comentário:

“Referências para quem se interessar em aprofundar a questão do futuro como possibilidade poderá se remeter à obra *Ser e Tempo*, do filósofo alemão Martin Heidegger, editado pela Vozes em 1995. Ver especialmente os parágrafos 65 a 90”.

Texto 6

Os conhecimentos foram utilizados para fazer interpretações significativas seguidas da teoria para reafirmar a colocação feita.

“Em minha interpretação morre a Sônia menina, sofrida e dolorosamente, para surgir a Sônia mulher”.

“É durante a adolescência que o indivíduo terá que reformular os conceitos que tem de si mesmo abandonando sua auto-imagem infantil para projetar-se no futuro de sua vida adulta. Em meio as mudanças físicas e psicológicas terá de elaborar lenta e dolorosamente o luto pelo corpo infantil, pela identidade infantil e pela relação com os pais da infância. Aberastury (1978) fala da adolescência como um processo universal de troca, de desprendimento, mas que será influenciado por conotações externas peculiares de cada cultura, que o favorecerão ou dificultarão”.

Texto 7

Foram buscadas diversas teorias para olhar o fenômeno sob diferentes ângulos, focalizando ora o telespectador, ora os participantes do programa. O recorte teórico passou por uma visão psicológica, social e política para dar conta de um fenômeno atual que causava impacto, estava sendo analisado pelos autores do texto, assim como, pelos teóricos contemporâneos.

“Segundo Winnicott (1995), em determinada fase do desenvolvimento, quando é necessário se desvincular da simbiose existente com a mãe, a criança recorre a um objeto transicional, ou seja algo que represente a presença da mãe e faça com ela se sinta acolhida e segura”. De acordo com essa análise, pode-se dizer que Maria Eugênia foi vivenciada como um objeto transicional para BamBam que devido a dificuldade de se relacionar com os demais participantes, pela distância com as pessoas às quais tem afeto, pelas condições do programa, ao se sentir excluído e desamparado, acabou por se apegar afetivamente a boneca de forma regredida”.

“De acordo com Terzis (1999, apud Betini, 2002), na tentativa de preencher os vazios internos das pessoas, característicos da existência pós-moderna, onde as ligações e vinculações afetivas se encontram distanciadas, é que as pessoas cada vez mais se perdem no meio de programa de tv, que as impedem de pensar sobre a própria realidade, mantendo a sensação que podem e dominam tudo”.

“No entanto, apesar dos participantes aparentemente viverem situações comuns, o que proporciona ao telespectador a crença de que o cotidiano, os vínculos e as próprias relações estabelecidas são reais, as condições para que estas ocorram são manipuladas, ou seja, estabelecidas sob o controle da mídia”.

Na análise dessa categoria pudemos observar que a relação teoria e prática ocorreu de duas maneiras: dissociada, prevalecendo ora os recursos cognitivos, ora a experiência emocional, e de maneira integrada, estabelecendo relações coerentes e significativas, não só informativas, favorecendo a compreensão do fenômeno psicopatológico abordado.

- **Natureza do texto**

A partir do enquadre científico proposto para elaboração dos textos, verificamos que todos apresentaram a mesma estrutura formal, ou seja, título, nome dos autores, resumo, palavras-chave, abstract, key words, corpo do artigo com ou sem subtítulos e referências ao final. No entanto, verificamos que, apesar de a estrutura formal ser a mesma em todos os textos quanto à sua natureza, apresentaram-se bem diferenciados com relação ao estilo e ao desenvolvimento do conteúdo, fato que os tornou bem personalizados ainda que tivessem seguido as mesmas regras.

Texto 1

Foram utilizados diversos conhecimentos, passaram rapidamente por diversas experiências, não aprofundaram e não revelaram a experiência emocional despertada por essa aproximação. A experiência emocional não foi explicitada ficando subliminar e apreendida pelo leitor através da interpretação. Os recursos da esfera cognitiva foram privilegiados ao longo de toda a comunicação.

Texto 2

O caminho seguido na construção do texto, inicialmente, revelou a presença de fantasias e temores sobre a loucura e o hospital psiquiátrico e, à medida que o contato com a realidade foi acontecendo, alguns sentidos foram encontrados, com uma teoria que foi construída no contato mas também a partir de conhecimentos anteriores. A teoria formal, segundo os autores conhecidos, apareceu depois e integrou os sentidos apreendidos.

Texto 3

O relato foi apresentado na forma de um depoimento, fato que pôde ser observado desde o início pela própria escolha da experiência, que consistia em falar do aluno de psicologia dos últimos anos, condição esta dos próprios autores. O relato apareceu carregado de uma experiência emocional intensa e os conhecimentos teóricos foram utilizados de maneira precária, indicando

certa confusão conceitual. A própria busca de referências parecia não estar ajudando suficientemente a compreensão da experiência que estava sendo tratada.

Texto 4

O tema abordou um sofrimento psíquico intenso, porém, o subtema foi o processo criativo, focalizando, portanto, o lado da normalidade. Foi revelada uma aproximação com o sofrimento psíquico, mas não foi utilizado o conhecimento para nomear e articular a representação desse sofrimento com a teoria.

A existência do patológico e da normalidade como expressões da mesma pessoa apareceu no texto como uma apreensão ainda intuitiva, pois não foram estabelecidas claramente as relações entre a experiência e a teoria como uma possibilidade de compreensão desse fato paradoxal.

O texto foi finalizado com uma citação que referiu que o sofrimento é inerente também a qualquer ser humano e à sua precariedade, portanto parece que a dúvida permaneceu: posso ser normal sendo um pouco louco, ou posso ser louco sendo também normal?

Texto 5

O caminho seguido na elaboração do texto pôde ser analisado pelos recursos psíquicos que foram mencionados e utilizados para relatar a

experiência. Apareceram, inicialmente, as fantasias e diante delas a necessidade de lançar mão de defesas frente aos temores e questionamentos sobre a loucura e sobre a própria loucura. No contato com a experiência, apareceu o olhar, a intuição e o sentimento e no resumo, última parte do texto, prevaleceu a observação e reflexão, ou seja, funções egóicas para sintetizar a experiência vivida.

Texto 6

A personagem da literatura foi apresentada de maneira muito interessante, relacionando a ficção e a realidade, a teoria e a prática. Nessas relações, foram feitas interpretações que aproximaram o leitor da compreensão psicológica da adolescência, fenômeno abordado. O texto mostrou, no final, o lugar e o papel do psicólogo como um insight do que havia sido feito: estabelecer relações para encontrar o sentido das experiências emocionais.

Texto 7

O relato apresentou-se com um formato jornalístico tal qual aquele proposto pela própria experiência escolhida: a mídia. Como personagens de análise foi focalizado ora o telespectador ora os participantes do programa. Apareceu um interjogo de papéis para realizar a análise, em que teorias e autores foram usados para compreender e questionar uma situação que foi

olhada de fora, mas ao mesmo tempo de dentro, ora como participantes, ora como espectadores.

Essa análise da natureza do texto revelou que cada um deles trouxe um estilo próprio, que num primeiro momento, identificamos como: descritivo, reflexivo, filosófico, de depoimento, de análise crítica. No entanto, como o objetivo desse estudo não foi realizar uma análise do estilo literário, propusemos uma classificação que apontou para a natureza do texto como uma construção do conhecimento como fruto de processos cognitivos e emocionais. Classificamos, assim, três tipos de textos:

- Textos racionais

O conhecimento científico sobre psicopatologia foi usado como defesa das angústias despertadas frente à tarefa de se aproximar, apreender e aprender sobre o sofrimento psíquico. Não apareceu a integração teoria e prática favorecendo a compreensão do fenômeno abordado.

- Textos confessionais

O espaço foi utilizado como catarse das próprias angústias. O relato apresentou-se na forma de um depoimento pessoal, de tal maneira que os limites entre a experiência pessoal e a experiência analisada confundiram-se.

- Textos transferenciais

O contato com a própria experiência emocional favoreceu a utilização dos conhecimentos para elaborar as pré-concepções, construindo um novo conhecimento sobre psicopatologia que possibilitou compreender o sofrimento do outro.

Utilizando esses critérios de classificação, voltamos aos textos e então classificamos os textos 1, 4, 7 como racionais, o texto 3 como confessional e os textos 2, 5, 6 como transferenciais.

Análise da escrita como método de ensino

Relacionando a análise do conjunto de textos de 1999, 2000 e 2002 e a análise de conteúdo dos sete selecionados, pudemos constatar a presença dos pressupostos que levantamos no início da pesquisa e que estavam baseados em nossa experiência enquanto docente.

Verificamos o pressuposto de que no ensino-aprendizagem de psicopatologia a solicitação para escrever um texto sobre um tema baseando-se em uma experiência de livre escolha fundamentou a importância de considerar o desejo, as possibilidades e o tempo interno do aluno, colocando-o na posição de autor do processo de apreensão do objeto psicopatológico.

Outro pressuposto observando foi que essa estratégia didática pôde aplacar o temor do aluno na aproximação das fantasias quanto à “própria

loucura”, tornando-o mais confiante em sua capacidade de pensar, favorecendo, assim, a compreensão dos fenômenos psicopatológicos, inerentes ao sofrimento mental, como uma possibilidade do humano.

Nesse sentido, analisamos a escrita como um método de ensino que ofereceu um espaço transicional e um de autoria e apropriação criativa, como uma possibilidade utilizada de acordo com os recursos e características de cada aluno ou de cada grupo de alunos.

- **Como espaço transicional**

Os textos produzidos pelos alunos, tomados como um relato grupal, veicularam as representações sociais e psíquicas do objeto psicopatológico, confirmando a sua determinação histórica, traduzida como loucura, mas que, também, foram apresentadas através de diversos matizes do sofrimento psíquico. Essas representações, ao serem relatadas num espaço de escrita livre, favoreceram a comunicação dos temores frente à tarefa de estudar as psicopatologias.

Vaisberg (1996), aplicando as idéias de Winnicott ao ensino de Psicopatologia, denominou Pedagogia Transicional à utilização de modalidades didáticas como procedimentos psicodramáticos, filmes, trechos de entrevistas com pacientes psiquiátricos, material literário, correspondentes

ao estabelecimento de um campo transicional para abordagem da realidade do sofrimento psíquico.

Seguindo esse mesmo pressuposto, consideramos que o aluno, como autor de um texto, pôde usar o espaço da escrita como *espaço transicional*, ao criar a sua forma de se aproximar da realidade do sofrimento psíquico através da livre escolha do tema, do subtema, da pessoa focalizada, da experiência, da abordagem e das referências.

O enquadre científico proposto para elaboração do texto na forma de um artigo, ao contrário de limitar a expressão, ofereceu um espaço continente (delimitou fronteiras da realidade externa e interna) e acolheu uma experiência emocional intensa. A liberdade de escolha para desenvolver o conteúdo, dentro desse espaço, apareceu como uma possibilidade para falar das pré-concepções e dos temores despertados pela fantasia, fato que favoreceu o contato com a experiência e possibilitou a produção de um texto marcado pela criatividade e originalidade de seus autores.

Durante o ano, observamos que alguns alunos, ao virem espontaneamente conversar sobre o seu tema, falavam também de suas motivações e inquietações ao ter que lidar com as fantasias e temores, com a teoria, os modelos e as abordagens, como se também nos contassem seus sonhos ou pesadelos, num espaço transicional, para ensaiar a sua entrada em cena, para atuar num futuro próximo (estágios na quinta série), como psicólogos.

- **Como espaço de autoria e apropriação criativa**

Observamos que a tarefa de escrever um texto sobre Psicopatologia, portanto, sobre um tema relacionado à vida mental e baseado em algum tipo de experiência traduziu-se em dois aspectos: favoreceu a aproximação com uma vivência emocional e demandou um trabalho mental para sua elaboração em que o processo primário e secundário, as fantasias e o conhecimento, enquanto forças que coexistem, foram articuladas pelo aluno.

Para Bion (1963), a atitude fundamental a ser desenvolvida é a de que os indivíduos *aprendam a aprender*. É preciso trabalhar com as quatro funções de ego: percepção, pensamento, conhecimento e comunicação, as quais foram solicitadas no desenvolvimento da tarefa, em que a representação de palavra foi o recurso escolhido.

Constatamos que a escrita apresentou-se como um método no qual a subjetividade foi instrumentalizada na construção do conhecimento de psicopatologia. O aluno, ao produzir um texto, utilizou seu potencial e seus recursos mais amadurecidos, lidou com a perda da posição infantil reeditada na situação de aprendizagem e assumiu uma participação mais ativa no processo ensino-aprendizagem.

Um aspecto que nos chamou a atenção, no sentido de destacar a autoria, foi que, apesar de as normas serem as mesmas, cada texto apresentou um estilo próprio, ou seja: descritivo, reflexivo, filosófico, de depoimento, de

análise crítica, que revelou as diferenças individuais nas escolhas de formas estéticas diversas para entrar em contato com os temas abordados.

Observamos, também, que a apreensão do objeto psicopatológico ocorreu em dois níveis:

1. um mais superficial, caracterizado por uma forma defensiva ou dissociada de construção do conhecimento que privilegiou ora a esfera cognitiva ora a emocional como possibilidade de aproximação, apreensão e comunicação do objeto psicopatológico;

2. um mais profundo, caracterizado por uma forma integrada de construção do conhecimento que aliou a experiência emocional e os recursos cognitivos como possibilidade de aproximação, apreensão e comunicação do objeto psicopatológico.

Utilizando os conceitos de Winnicott de transicionalidade e criatividade para apreensão da realidade externa, podemos dizer que, no nível 1, a apreensão do objeto psicopatológico ocorreu como uma criação subjetiva diante da qual a realidade do sofrimento psíquico do outro ainda não pôde ser apreendida como separada, como pertencente à realidade externa. No nível dois, o contato com a representação psíquica do sofrimento e da própria experiência emocional favoreceu a apropriação do objeto psicopatológico.

A apropriação criativa do objeto psicopatológico correspondeu a esse nível de apreensão mais profundo ou integrado de articular a experiência emocional e os recursos cognitivos.

Consideramos, então, apropriação criativa do objeto psicopatológico o processo, em que a realidade do sofrimento psíquico foi inicialmente uma criação subjetiva (através das representações psíquicas e sócio-culturais) e através de um espaço transicional (escrita de um texto) os temores puderam ser elaborados, favorecendo o contato com a realidade externa e a integração de aspectos cognitivos e emocionais, podendo, assim, utilizar a teoria de maneira mais significativa para a compreensão do sofrimento psíquico de si próprio e do outro.

Análise do espaço revista

A revista “Ensaio de Psicopatologia” nasceu como um espaço destinado a valorizar a produção escrita dos alunos que cursaram a disciplina Psicopatologia e que se dedicaram ao longo do ano a refletir e a escrever sobre um tema baseado em uma experiência de livre escolha.

A partir de 1999, ano do seu primeiro número, tem sido utilizada como instrumento de ensino da disciplina, na medida em que os alunos lêem, discutem e analisam a produção dos colegas dos anos anteriores. A reação dos alunos tem sido de admiração e surpresa diante das produções dos colegas e

de estímulo para elaborar os próprios textos que serão utilizados no ano seguinte.

Caracterizou-se, então, por ser uma revista informal de circulação interna que se configurou como um espaço de exercício de ensino-aprendizagem de psicopatologia em parceria, fruto do desejo, das possibilidades e da impotência vividos no processo de construção do conhecimento em psicopatologia.

A revista, como um espaço que agregou a comunicação do grupo, revelou o estudo e reflexões de temas, ou subtemas que não estavam previstos inicialmente no programa da disciplina. evidenciando uma reflexão da psicopatologia contextualizada e um exercício de um pensamento psicopatológico voltado à nossa contemporaneidade.

Além da produção dos alunos da disciplina psicopatologia, no ano de 2000, recebemos um artigo encaminhado por uma ex-aluna formada pela PUC-Campinas, relatando sua experiência de estágio durante o curso em uma Instituição Psiquiátrica da região de Campinas.

Esse fato repetiu-se em 2001, pois um ex-aluno que na ocasião trabalhava na área da saúde mental, também nos encaminhou um artigo que fez parte do terceiro número da revista.

Pensamos que essa procura revelou a revista como um espaço que começa a fazer parte da cultura da disciplina e a existir como uma

possibilidade de comunicação e de acolhimento de pensamentos e reflexões sobre as questões da psicopatologia.

Pudemos contar, também, em alguns com a generosa contribuição de vários colegas que se dispuseram a ler os artigos escritos pelos alunos.

Esse espaço, ainda que embrionário, muito tem nos orgulhado por expressar um trabalho artesanal construído ao longo do ano em parceria entre docente e alunos, com o objetivo de incentivar o aluno, através do seu desejo e criatividade, a empreender a delicada tarefa de se aproximar do sofrimento psíquico para melhor estudá-lo e compreendê-lo.

Auto-análise da docente pesquisadora

Após tantos anos de docência, pensar num plano de curso para uma disciplina com programa, objetivos, estratégias, critérios de avaliação, é algo que ainda nos entusiasma e que nos é familiar.

Pensar em fazer uma pesquisa é algo que nos faz recuperar a experiência da época do mestrado, momento em que, recém-formada, iniciamos a trajetória que nos abriria a porta para o que é hoje uma das escolhas de atuação profissional que fizemos e que nos realiza: a docência.

Portanto, fazer ensino e pesquisa deveria ser muito simples, mas não é! Inicialmente, passamos por vários impasses e dificuldades em fazer a

transposição de docente para pesquisadora até chegarmos à compreensão desse lugar de docente-pesquisadora.

Dentre as dificuldades vivenciadas, podemos destacar o duplo vínculo com os participantes da pesquisa, identificar os objetivos específicos da pesquisa e não confundi-los com os da disciplina e as questões éticas, principalmente.

Fizemos vários questionamentos sobre a utilização para pesquisa de um material produzido dentro da disciplina, sobre a possibilidade de identificação dos autores, sobre a necessidade de solicitar termo de consentimento para utilizar esse material.

Encontramos, na literatura, que é legítima a utilização para pesquisa, de textos que inicialmente foram produzidos com outra finalidade. Quanto à questão ética, sobre a possível identificação dos autores dos textos pesquisados, no momento da qualificação do projeto, concluímos que o fato de os textos já terem sido publicados, faz com que sejam um material de domínio público, passível de ser pesquisado.

Consideramos, também, que a análise a que nos propomos não foi fazer um estudo de caso do aluno mas verificar o processo de ensino-aprendizagem de psicopatologia. Portanto, o foco não foi o aluno, mas o produto dessa experiência.

Diante de tantas inquietações, só faria sentido, nesse momento de nossa trajetória profissional, realizar uma pesquisa que se inscrevesse na nossa

experiência, que propiciasse uma investigação genuína de questões com o objetivo de aprofundar, melhorar, mudar e refletir sobre o nosso fazer.

Nesse sentido, dentro da disciplina psicopatologia, estávamos experimentando uma receita nova, que agradava à primeira impressão e que poderia ser interessante agora provar, saborear, degustar. Essa receita era pedir aos alunos que escrevessem textos sobre temas de psicopatologia baseados em uma experiência.

Nesse momento, pensamos que experimentamos a mesma receita. Com essa pesquisa, vivenciamos a mesma proposta feita aos nossos alunos: utilizar a escrita para ser autora de um texto psicopatologia, baseado em nossa experiência. Um relato, portanto, sobre o ensino de psicopatologia que leva a nossa assinatura, a nossa experiência, que revela os nossos desejos, os nossos sonhos, mas, também denuncia as nossas angústias de ver traduzida em palavras uma experiência, um reconhecimento do alcance e dos limites do que nos é possível fazer.

Entendemos melhor agora um dos textos que analisamos e que nos comunicou a angústia desse aprendizado, que desnuda o emocional e que demanda uma produção que precisa integrar a razão e a emoção, pois há pessoas envolvidas: o paciente para o aluno, o aluno para a docente. É uma cadeia de aproximação que deve buscar o sentido e o acolhimento, sem perder-se na indiscriminação.

É assim que agora desejamos continuar com nossa tarefa de ensino e investigação, pois, quando encontramos um sentido no material que temos em mãos isso nos acalma e alivia o cansaço de fazer pesquisa em meio a um cotidiano intenso de trabalho e de inquietações, mas de gratificações também.

Nesse ano de 2003, duas alunas que produziram um texto o ano passado, fizeram modificações no mesmo e procuraram-nos para falar do desejo de encaminhá-lo para publicação. Recebemos, também, a notícia de que um outro trabalho produzido na disciplina foi aceito para publicação.

Esses acontecimentos fazem-nos pensar que a experiência, ainda que uma sementinha, lançada com um olhar esperançoso, revela que a terra é boa e fértil, portanto os frutos virão. E isso nos impulsiona a prosseguir.

CAPÍTULO VI

CONCLUSÕES

“As palavras nos dizem que estamos destinados a voar, a saltar sobre abismos, a visitar mundos inexistentes: pontes de arco-íris que ligam coisas eternamente separadas” (Rubem Alves, 1994).

No encontro dos caminhos que ocorreu entre o ensino e a pesquisa, delimitamos o percurso desse estudo e hoje constatamos que essa parceria no processo ensino- aprendizagem de psicopatologia também pode ser considerada como uma experiência cuja concomitância pode contribuir para a formação do futuro profissional de psicologia.

A escrita como um método de ensino que nasceu da necessidade de recriar um espaço externo (disciplina), a nosso ver não satisfatório por ser apenas teórico, acabou recriando um espaço interno, na medida em que os envolvidos no processo, alunos e docente, buscaram novas formas de usar

outros recursos para entrar em contato, estudar e compreender o sofrimento psíquico.

Podemos dizer que, nesse espaço da escrita, o grupo foi desenhando o objeto psicopatológico que passou inicialmente por uma representação sociocultural que o identificou como loucura e, aos poucos, foi configurando uma construção de um conhecimento de psicopatologia com uma mobilidade de formas de expressão, de experiências e de olhares que refletem a própria riqueza da subjetividade humana.

A aproximação com a realidade do sofrimento psíquico através de diversas experiências foi marcada pela desconstrução de representações psíquicas e sócio-culturais, fato que possibilitou uma aproximação e uma visão mais humanizada da pessoa que apresentava um sofrimento mental.

A escrita foi usada não só como um espaço transicional, mas também como um espaço de autoria e apropriação criativa, que acolheu as representações e a experiência emocional, respeitou as possibilidades do aluno e incentivou a utilização das funções de ego possibilitando a produção de um texto personalizado, que colocou o aluno como autor dessa busca de sentido.

Cada aluno ou grupo de alunos revelaram um caminho próprio de apreensão do objeto psicopatológico através de produções personalizadas. Esses textos foram classificados no momento da análise dos dados, em três

tipos: racionais, confessionais e transferenciais, considerando a relação estabelecida entre a experiência emocional e os recursos da esfera cognitiva.

Os textos racionais e confessionais corresponderam a um nível mais superficial, caracterizado por uma forma defensiva ou dissociada de construção do conhecimento, que privilegiou ora a esfera cognitiva ora a emocional como possibilidade de aproximação, apreensão e comunicação do objeto psicopatológico.

Os textos transferenciais corresponderam a um nível mais profundo, caracterizado por uma forma integrada de construção do conhecimento que aliou a experiência emocional e a esfera cognitiva como possibilidade de aproximação, apreensão e comunicação do objeto psicopatológico.

A apropriação criativa ocorreu a partir de um momento inicial, em que a realidade do sofrimento psíquico foi uma criação subjetiva (representações psíquicas e sócio-culturais) e que, através de um espaço transicional (escrita de um texto), os temores puderam ser elaborados e integraram aspectos cognitivos e emocionais, favorecendo o contato com a realidade externa e a utilização da teoria de maneira mais significativa para a compreensão do sofrimento psíquico de si próprio e do outro.

Assim, a apropriação criativa não ficou limitada apenas às exigências acadêmicas, mas foi um ensaio de um exercício profissional futuro, no qual o psicólogo deverá integrar seus conhecimentos teóricos às experiências para

atuar, produzir e comunicar cientificamente, assumindo assim um verdadeiro self profissional.

Freud (1908), em “Criação literária e sonho acordado”, comparou um fato cultural, a criação literária, à fantasia e disse que o oposto da brincadeira não é o que é sério, mas o que é real. O escritor criativo faz o mesmo que a criança ao brincar: cria um mundo de fantasia que leva a sério. A brincadeira da criança é determinada por um desejo que auxilia o seu desenvolvimento, o desejo de crescer e ser adulto.

Observamos, então, que o aluno, ao “brincar” de produzir um texto e de ser autor, mostrou o seu esforço para reorganizar os elementos de sua experiência emocional e os novos conhecimentos que estavam sendo adquiridos explicitando, assim, o seu desejo de crescer e ser psicólogo.

Numa representação mítica, podemos dizer que a análise das produções dos alunos reafirmou que o ensino-aprendizagem de psicopatologia consiste em ter que realizar alguns dos trabalhos de Hércules, um mito heróico, ao qual já nos referimos anteriormente, que retrata uma iniciação em que Hércules vai aprendendo que a força bruta é incapaz ou insuficiente para resolver os desafios propostos, mostrando um caminho exemplar de crescimento e prestação de serviço, que culmina na divinização.

Dos doze trabalhos, identificamos três que nos ajudaram a compreender melhor essa delicada e importante tarefa do processo ensino-

aprendizagem de psicopatologia: o leão de Neméia, a limpeza das cavalariças do rei Augias, a tomada do gado de Gerion para trazê-lo até Eristeu.

O primeiro simboliza a força aplicada com inteligência, pois o leão, que tinha a pele invulnerável, precisou ser morto por Hércules mediante estrangulamento, ou seja, a ferocidade e a majestade precisaram ser vencidas por essas duas qualidades.

O aluno, ao realizar a tarefa de estudar as psicopatologias, teve que vencer as representações sócio-culturais da loucura, que permanecem invulneráveis ao longo da história da humanidade, para compreender o objeto psicopatológico como um sofrimento psíquico inerente à natureza humana.

O outro trabalho, a limpeza das cavalariças do rei Augias, simboliza a necessidade de se limpar, de se cuidar, de não acumular fezes físicas ou psíquicas, pois, o esterco acumulado por 30 anos havia esterilizado a terra.

A potência das emoções e as fantasias destrutivas, diante da tarefa de se aproximar das dores psíquicas, revelam que essas precisam ser cuidadas para não impedir a capacidade de o aluno pensar e produzir.

O último, tomar o gado de Gerion e trazê-lo até Eristeu, pelo número de animais envolvidos, a enorme distância e os grandes obstáculos, simboliza organização, disciplina, capacidade de perder e recuperar e de conformar-se com as perdas irremediáveis.

Revela-se assim, como um processo de crescimento, no qual a aprendizagem de psicopatologia representa alguns dos trabalhos a cumprir,

com dificuldades e possibilidades que se colocam como desafios no caminho da formação do futuro psicólogo.

Nesse momento do percurso, com a clareza de que algumas respostas abrem caminho para tantas outras perguntas, identificamos a possibilidade e a necessidade de outras pesquisas em busca de novos sentidos.

Seria interessante investigar a escrita como um método de ensino para outras disciplinas que, como a psicopatologia ofereçam um impacto emocional, que pode impedir ou dificultar o processo ensino-aprendizagem, quando o objetivo a ser atingido for a necessidade de integração de aspectos cognitivos e emocionais, que estão envolvidos no próprio processo de construção do conhecimento.

Também pensamos que esse método poderia ser investigado como uma estratégia de avaliação qualitativa da aprendizagem como uma alternativa às tradicionais provas utilizadas no espaço acadêmico. A avaliação proposta não seria da extensão dos conhecimentos adquiridos, mas como o aluno conseguiria integrar ou não a experiência e o conhecimento de maneira a torná-lo mais significativo no seu processo de formação profissional.

Seria interessante, então, verificar se as classificações propostas dos tipos de textos e dos níveis de apreensão do objeto psicopatológico podem ser um recurso indicativo de apreensão de outros conhecimentos.

Finalizando, como pesquisadora, pensamos que a hora é de chegada, de olhar as fotografias da viagem investigadora para compartilhar e relembrar

com emoção os lugares que visitamos, as dificuldades por que passamos, mas também para constatar a experiência que ganhamos e, quem sabe assim, poder continuar sonhando com novas viagens atrás de novas descobertas.

Como docente, retornando ao lugar de onde iniciamos esse percurso, citamos novamente Rubem Alves, trazendo a epígrafe usada na introdução:

“Como Mestre só posso então lhe dizer uma coisa: conte-me os seus sonhos, para que continuemos sonhando juntos”.

REFERÊNCIAS

Alves, R. (1994). *A alegria de ensinar*. São Paulo: Ars Poética.

Amatuzzi, M. (1990). Para redizer a educação. *Boletim de Psicologia*. 40, p.21-27.

Andrade, V.L. (1988). Inconsciente e linguagem: o nome próprio na Gradiva de Jensen, *Cadernos de lingüística e teoria*, Belo Horizonte, v.9-10, N.18.20, p.187-193.

Anzieu, D. (1993). *O grupo e o inconsciente: o imaginário grupal*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Aquino, J.R.G. (1995). *Relação professor-aluno: uma leitura institucional*. São Paulo, Tese (Doutorado em Psicologia). Faculdade de Psicologia, Universidade de São Paulo.

Bauer, M.W. & Gaskell, G. (2002). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Trad. P. A. Guareschi. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.

- Barreto, F. (1999). O nascimento da clínica. *Jornal O Risco*, publicação da Associação Mineira de Psiquiatria, ano XI, N. II, p. 8-9, Belo Horizonte, Jul.
- Barros, L.F. (1999). *Os normalpatas, não matei Jesus e outros textos*. Rio de Janeiro: Imago.
- Berlinck, M.T. (1998). O que é Psicopatologia Fundamental, *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, Ano 1, N. 1, março, p.46-59.
- Berlinck, M.T. (2000). *Psicopatologia Fundamental*. São Paulo: Escuta.
- Bion, W.R. (1963/1975). *Aprendiendo de la experiencia*. Buenos Aires: Paidós.
- Bion, W.R. (1959/1975). *Experiências com grupos: os fundamentos da psicoterapia de grupo*, Rio de Janeiro: Imago, São Paulo: EDUSP.
- Birman, J. (1994). *Psicanálise, ciência e cultura*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Birman, J. (1999). *Mal-estar na atualidade*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Caon, J.L. (1994). O pesquisador psicanalítico e a situação psicanalítica de pesquisa. *Revista de psicologia: reflexão e crítica*. Porto Alegre, v.7 (2), p. 145-174.
- Caon, J.L. (1996). Serendipidade e situação psicanalítica de pesquisa no contexto da apresentação psicanalítica de pacientes, *Coletâneas da ANPEP*, Rio de Janeiro, apoio CNPQ, vol.1, N. 9. p.1-26.
- Capisano, H.F. (1995). *Ensino, aprendizagem teórica e prática do processo psicoterápico*. Trabalho apresentado no III Encontro Luso-Brasileiro de

Grupanálise e Psicoterapia Analítica de Grupo, Guarujá, São Paulo, p.1-11.

Chambliss, C. & Magakis, G. (1997). *Teaching Psychopathology*. Disponível: <http://orders.edrs.com/members/sp.cfm?AN=ED395243>, Acesso em: 14/08/2002.

CID-10. (1993). *Classificação de transtornos mentais e de comportamento: descrições clínicas e diretrizes diagnósticas*. Coord. Organização Mundial de Saúde. (Trad. por D. Caetano). Porto Alegre: Artes Médicas.

Civilete, M.V.P. & Pereira, R. (2002). Pulsações contemporâneas do desejo: paixão e libido nas salas de bate-papo virtual, *Psicologia, ciência e profissão*, Ano 22, N.1, p.38-49.

Cocciuffo, T. (2001). *Ensino-aprendizagem de psicopatologia: encontro marcado com a loucura*. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

Dalgalarrodo, P. (2000). *Semiologia e psicopatologia dos transtornos mentais*, Porto Alegre: Artes Médicas.

Diel, P. (1991). *O simbolismo na mitología grega*.(Trad. por R. Cacuro). São Paulo: Attar.

DSMIV. (1995). *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*. (Trad. por D. Batista). Porto Alegre: Artes Médicas.

Eva, A.C., Barros, E.R., Rezze, C.J. & Guimarães, P. (1994). Do ensino teórico da psicanálise, *Jornal de Psicanálise*, vol. 27, N. 51, São Paulo, p.27-51.

- Fernandes, M.A. (2001, novembro). *A disciplina psicopatologia e o serviço de saúde Dr. Cândido Ferreira*. Trabalho apresentado na IV Mostra de Estágio do Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira, Campinas, S.P.
- Fernandes, M., Bonfá, L. & Dorta, V. (2002). *Ensinando e aprendendo sobre psicose infantil através da experiência de observação*. Disponível: <<http://www.bvs-psi.org.br>>.
- Fernandes, M., Bonfá, L. & Dorta, V. (2002). *Ensinando e aprendendo sobre autismo: o contato possível com a impossibilidade de contato*. Disponível: <http://www.bvs-psi.org.br>.
- Ferreira, A .P. (2002). O ensino da psicopatologia: do modelo asilar à clínica da interação. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo: Editora Escuta, ano V, N. 4, p.11-29, dez.
- Ferreira, L.R. (1989). Interpretação psicanalítica do texto literário, estudo teórico e prático. *Rev. do Centro de Artes e letras UFSM*, Santa Maria, v.11, N.1-2, p.86-124.
- Forlenza Neto, O. (1996). Liberdade, criatividade, espontaneidade e o falso. In: Catafesta, I.F.M. (org.). *D.W. Winnicott na Universidade de São Paulo*, São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.
- Freud, S. (1900/1988). *Interpretação dos sonhos*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. V. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1901/1988). *Psicopatologia da vida cotidiana*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. VI. Rio de Janeiro: Imago.

- Freud, S. (1907/1988). *Gradiva de Jensen e outros trabalhos*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. IX. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1908/1988). *Escritores criativos*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. IX. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1910/1988). *Lembranças de Leonardo Da Vinci*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. XI. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1911/1988). *O caso Schreber*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. XII. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1913/1988). *Totem e Tabu*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1914/1988). *Introdução ao narcisismo*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1915/1988). *O inconsciente*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1919/1988). *Sobre o ensino de psicanálise nas universidades*. Vol. XVII, Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1924/1988). *A perda da realidade na neurose e na psicose*. Vol. XIX, Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago.

- Freud, S. (1932/1988). *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise*. Vol. XXII, Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1937/1988). *Análise terminável e interminável*. Vol. XXIII, Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1940/1988). *Esboço de psicanálise*. Vol. XXIII Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago.
- Garcia, C.A. (2000). Humanidade se inventa a cada travessia do real. *Jornal O Risco*, publicação da Associação Mineira de Psiquiatria, ano XI, N. 10, março, p.15-17.
- Groddeck, G.W. (1988). *O livro DISSO*. São Paulo: Perspectiva.
- Hall, S. (1997). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A ed.
- Hermann, F. (1997). Investigação psicanalítica, *Jornal de Psicanálise*, São Paulo, 30 (55/56), junho, p. 07-17.
- Holmes, D.S. (1997). *Psicologia dos transtornos mentais*. (Trad. S. Costa). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Ionescu, S. (1997). *Quatorze abordagens de psicopatologia*. (Trad. F. Rocha). 2ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Jaeger, W. (1986). *Paidéia*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- Jaspers, K. (1979). *Psicopatologia Geral*. Rio de Janeiro: Atheneu.

- Käes, R. (1977). *El aparato psíquico grupal: construcciones de grupo*. Barcelona: Editora Granica.
- Kaplan, H. & Sadock, B. (1990). *Compêndio de psiquiatria*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Kusnetzoff, J.C. (1982). *Introdução à psicopatologia psicanalítica*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Leite, M.P.S. (2001). Diagnóstico, psicopatologia e psicanálise de orientação lacaniana, *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo: Editora Escuta, IV, 2, p.29-40.
- Ludke, M. & Andre, M. (1986). *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*, São Paulo: EPU.
- Mathieu, M. (1967). “Essai d' interpretation de quelques pages du revê celtique”. *Interpretation*, n.2, p.32-39.
- Minkowski, E. (2000). Breves reflexões a respeito do sofrimento - aspecto pático da existência. (Trad. por M.V.P. de C. Pacheco) *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*. São Paulo: Editora Escuta, vol. III, N. 4, p.156-164, dez.
- Monteiro, E.A. (2000). *A transferência e a ação educativa*. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Moreira, V. (2000). Ideologia e psicopatologia: uma discussão fenomenológica transcultural. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo: Editora Escuta, vol. III, n. 4, p.80-91, dez.

- Oliveira Jr, J.F. et col. (1993). A importância do grupo de reflexão no processo de ensino e aprendizagem. *Revista Psicanálise Analítica de Grupo*. Campinas, N. 1, jun. p.59-69.
- Padilha, B.M. (2002). *Nove personagens em busca de um autor: apropriação da identidade profissional de psicólogo clínico numa Instituição de Saúde Mental*. Tese (Doutorado em Psicologia). Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas.
- Paim, I. (1993). *História da psicopatologia*, São Paulo: Pedagógica e Universitária Ltda.
- Paoliello, G. (2001). O problema do diagnóstico em psicopatologia. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo: Escuta, IV, 1, p.86-93
- Pereira, J. F. (1982). *O que é a loucura*. São Paulo: Brasiliense.
- Pereira, M.E. (1996). Questões preliminares para um debate entre psicanálise e psiquiatria no campo da psicopatologia. *Coletâneas da ANPEPP*, Pesquisa em psicanálise, vol.1, N.16, set. p.43-53.
- Pereira, M.E. (1998). Formulando uma psicopatologia fundamental, *Rev. Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo: Editora Escuta, vol.1, n.1, mar, p.60-76.
- Pereira, M.E. (2000). Minkowski ou a psicopatologia como psicologia do *pathos* humano. *Rev. Latinoamericana de Psicopatología Fundamental*. São Paulo: Editora Escuta, vol. III, N. 4, p.153-155, dez.
- Pereira, M.E. (2003). *A paixão nos tempos do DSM: sobre o recorte operacional do campo da psicopatologia*. Lês Etats Généraux de la Psychanalyse, 2001.

Disponível: www.etatsgeneraux-psychanalyse.net/archives/texte88.html.

Acesso em 08 /07/2003.

Pessotti, I. (1995). *A loucura e as épocas*. 2^a. ed. Rio de Janeiro: Editora 34.

Phillips, B.S. (1974). *Pesquisa social*. Rio de Janeiro: Agir.

Projeto de Resolução das Diretrizes Curriculares (2002). Disponível: <http://www.mec.gov.br/cne/ftp/ces/CES0072.doc> Acesso em 09/08/2002.

Revista Ensaios de Psicopatologia. (1999-2002). Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Publicação informal. *Revista de circulação interna* da disciplina Psicopatologia do curso de Psicologia.

Rolnick, S. (1997). Toxicômanos de identidade: subjetividade em tempo de globalização. In: D. Lins, *Cultura e subjetividade: saberes nômade*s. São Paulo: Papyrus.

Roudinesco, E. & Plon, M. (1998). *Dicionário de psicanálise*. (Trad. por V. Ribeiro & L. Magalhães). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Saraceno, B. (2001). *Libertando identidades: da reabilitação psicossocial à cidadania possível*. Rio de Janeiro: TE CORÁ.

Schilling, A. (1997). *Representações coletivas da loucura em alguns textos literários*. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas.

Schwartzman, R.S. (1997). Psiquiatria, psicanálise e psicopatologia, *Revista Psicologia Ciência e Profissão*, 17, 2, p.33-36.

Silva, M.E.L. et col. (1993). *Investigação e psicanálise*, Campinas: Papyrus.

- Souza, J.C.R. (1997). *Psicopatologia: proposta de aprendizagem participativa*. Campo Grande: Solivro.
- Tassinari, R. (1996). *A alteridade e a gênese da clínica*. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Terzis, A. (1995). O grupo de reflexão em um curso de pós-graduação: estudo Psicológico, *Revista ABPAG*, Vol 04. P.77-87.
- Vaisberg, T.M.J.A. & Lousada-Machado, M.C. (1996). Transicionalidade e Ensino de Psicopatologia. In: Catafesta, I.F.M. *Winnicott na Universidade de São Paulo*, São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.
- Vaisberg, T.M.J. (1999). O uso do objeto “teoria”; desconstrução e mudança de representações sociais de estudantes de psicologia sobre o doente mental, *Interações*, vol. 4, N. 7, p.77-97, jan-jun.
- Winnicott, D.W. (1945/2000). Desenvolvimento emocional primitivo. In: *Da pediatria à Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago.
- Winnicott, D.W. (1951/2000). Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In: *Da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago.
- Winnicott, D.W. (1971). *O brincar & a realidade*. Trad. J.O.A. Abreu & V. Nobre. Rio de Janeiro: Imago editora.
- Zimmermann, D. (1970). Dinâmica de grupo no ensino da psicologia e psiquiatria de orientação psicanalítica. In: *Estudos sobre psicoterapia analítica de grupo*, São Paulo, Mestre Jou.

ANEXOS

ANEXO 1

Termo de consentimento dos alunos para utilização na Pesquisa dos textos produzidos na disciplina Psicopatologia.

TERMO DE CONSENTIMENTO

Responsável: Marly A. Fernandes

Como psicóloga Clínica e docente do Curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, tenho interesse pela área da Psicopatologia e é nessa linha de pesquisa que estou desenvolvendo meu projeto de Doutorado.

Esse estudo tem o propósito de contribuir para o ensino da psicopatologia como uma disciplina que se propõe a colaborar na formação do futuro psicólogo enquanto um profissional da área da saúde mental.

Os objetivos da pesquisa consistem analisar os textos individuais e coletivos escritos pelos alunos da disciplina psicopatologia para identificar e discutir as representações psíquicas e sócio-culturais do objeto psicopatológico e sua vinculação com a construção do conhecimento em psicopatologia e investigar a apreensão do objeto psicopatológico.

Para isso, necessito de sua colaboração, no sentido de autorizar a utilização para pesquisa de seu texto produzido na disciplina Psicopatologia e que como é de seu conhecimento, consta da “Revista Ensaios de Psicopatologia”, a qual é uma publicação informal e interna da disciplina.

Os textos serão apresentados em volume separado para consulta pela banca examinadora. No corpo da Tese serão utilizados apenas excertos dos textos, sem identificação dos autores. No caso de publicação de qualquer material sobre o estudo, os nomes dos autores não serão citados. O material obtido segue os preceitos éticos inerentes a uma pesquisa psicológica.

Estarei a sua disposição para os esclarecimentos e orientações sempre que tiver dúvidas ou isto se fizer necessário.

Posso lhe assegurar ainda que os procedimentos de estudo não implicam em riscos ou desconfortos. Contudo, caso você se sinta desconfortável, poderemos conversar sobre isso e você poderá interromper sua participação.

Campinas, de de 2003.

Eu, _____,

RG no. _____, e RA no. _____, abaixo assinado, tendo recebido as informações acima, concordo em participar da pesquisa.

Assinatura

